

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALFENAS - MG

Instituto de Ciências da Natureza

Curso de Geografia Licenciatura

**FELIPE BORBA FERNANDES**

**MOVIMENTO TERRITORIAL DO HIP-HOP: ATUAÇÃO  
POLÍTICO-CULTURAL EM ALFENAS-MG**



Alfenas - MG

2018

**FELIPE BORBA FERNANDES**

**MOVIMENTO TERRITORIAL DO HIP-HOP: ATUAÇÃO  
POLÍTICO-CULTURAL EM ALFENAS-MG**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de **Licenciado** em Geografia pelo Instituto de Ciências da Natureza da Universidade Federal de Alfenas- MG, sob orientação do Prof. Dr. Flamarion Dutra Alves.

Alfenas – MG

2018

**AGRADECIMENTOS**

## RESUMO

O trabalho apresenta um panorama sobre a evolução da cultura hip hop na cidade de Alfenas – MG, focando na apropriação do espaço pelo movimento territorial do hip hop, tornando esse espaço um território. O movimento territorial do hip hop por meio do uso do território influencia em sua dinâmica, se apropriando e ocupando, exercendo uma ação cultural, política e social, sendo um instrumento que possibilita a expressão dos atores não hegemônicos na luta e resistência. O movimento territorial do hip hop se apropria de territórios e faz uso como cultura contra hegemônica, tornando esse território um espaço de luta e resistência com aspectos: regionais, sociais, culturais, econômicos e políticos. O objetivo do estudo em questão é o de analisar a influência que o movimento territorial do hip hop exerceu sobre o município de Alfenas – MG. A metodologia utilizada para a realização desse estudo foi a qualitativa. O estudo de caso começou por um levantamento bibliográfico em relação aos conceitos geográficos abordados como espaço, cultura, apropriação, território, identidade, entre outros, como também da própria história do hip hop no mundo e no Brasil. Para a criação da história do movimento hip hop na cidade de Alfenas – MG, como não possui bibliografia sobre o hip hop, foram realizadas entrevistas com questionários e também histórias dos agentes importantes do atual movimento territorial do hip hop.

**PALAVRAS-CHAVE:** Apropriação do espaço – território – hip hop – Alfenas-MG

## **LISTA DE TABELA E QUADROS**

**Quadro 1** – Os 4 elementos do hip hop.

**Tabela 1** – Tabela de endereços e coordenadas dos espaços apropriados pelo movimento territorial do hip hop.

## LISTA DE FIGURAS

**Figura 1** - Localização do município de Alfenas – Minas Gerais.

**Figura 2** - Cartaz do festival Rock Rural sexta edição.

**Figura 3** – Cartaz do festival Rock Rural sétima edição.

**Figura 4** – Cartaz de programa do festival Rock Rural sétima edição.

**Figura 5** – Cartaz festival do FAISCA 2016.

**Figura 6** – Cartaz festival FAISCA 2016.

**Figura 7** – Cartaz do primeiro evento do Coliseu Cultural.

**Figura 8** – Cartaz do primeiro evento Hip Hop pela paz.

**Figura 9** – Cartaz do segundo evento Hip Hop pela Paz.

**Figura 10** – Eliminatória sul mineira de batalha de rimas, Praça Dr. Emílio Silveira, Centro de Alfenas-MG.

**Figura 11** - Renato (Morelo) e grafite feito para o evento Coliseu Cultural.

**Figura 12** - Renato (Morelo), realizando grafite para projeto cidade escola. Rua Jovino Fernandes.

**Figura 13** – Mapa de pontos de localização dos espaços apropriados pelo movimento territorial do hip hop em Alfenas-MG

## Sumário

1 - INTRODUÇÃO .....	8
1.1 – OBJETIVO GERAL .....	10
1.2 – OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	10
1.3 – JUSTIFICATIVA.....	11
1.4 – METODOLOGIA .....	13
1.4.1 – LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.....	15
2 - DEFINIÇÕES DE ESPAÇO E TERRITÓRIO .....	17
2.1 ASPECTOS DA (RE) PRODUÇÃO DO ESPAÇO .....	17
2.2 – A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO E A FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO .....	21
2.3 - CARACTERÍSTICAS DO TERRITÓRIO: CULTURA E IDENTIDADE NA CONSTITUIÇÃO DOS TERRITÓRIOS. ....	26
3. A GÊNESE DO HIP HOP: MUNDO E BRASIL (HIP HOP COMO MANIFESTAÇÃO TERRITORIAL, MOVIMENTO TERRITORIAL HIP HOP). ....	33
4. MOVIMENTO TERRITORIAL DO HIP HOP EM ALFENAS: HIP HOP DA ZR (ZONA RURAL).....	49
4.1 - PROCESSO DE FORMAÇÃO DO MOVIMENTO EM ALFENAS: BARREIRAS, LUTAS E ATORES.....	49
4.2 - A TERRITORIALIDADE DO MOVIMENTO EM ALFENAS E REGIÃO: CONQUISTAS, DESAFIOS E PERSPECTIVAS.....	63
5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
6 - REFERÊNCIAS.....	95

# 1 - INTRODUÇÃO

A cultura hip hop se desenvolve nas mais diversas regiões, atualmente podendo ser encontrada em quase todos os cantos do mundo, adquirindo elementos das realidades onde se insere. O movimento territorial do hip hop se apropria de espaços e faz uso como cultura contra hegemônica, tornando esse espaço em um território de luta e resistência com aspectos: regionais, sociais, culturais, econômicos e políticos.

É importante compreender que o estudo é parte de uma reflexão sobre a influência que a cultura hip hop exerce na região e seus agentes, mas também como as características da própria região também são absorvidas pelo hip hop. A partir dessa reflexão o foco do estudo foi a apropriação do espaço pelo movimento territorial do hip hop e a formação de um território.

O movimento do hip hop em sua origem é um movimento territorial urbano, no Brasil sua origem também o é, porém com o desenvolvimento da cultura para outras regiões, atualmente pode ser encontrado até grupos de rap que representam etnias indígenas como o grupo

Brô MCs representa a etnia Guarani Kaiowá, maior população indígena do Brasil e também a maior densidade demográfica de um povo indígena em seu território, seus rap's são cantados em português e em Tupi-Guarani, sua língua nativa [...] suas letras fazem fortes menções aos saques e barbáries realizados pelo homem branco contra os indígenas, bem como ao processo de destruição física e cultural pelo qual estes povos passam atualmente (GOMES, 2012, p. 58).

Por meio desse processo o movimento territorial do hip hop pelo uso do território influencia em sua dinâmica, exercendo uma ação cultural, política e social, sendo um instrumento que possibilita a expressão dos atores não hegemônicos na luta e resistência.

O atual desenvolvimento do hip hop na cidade de Alfenas-MG, também tem sua origem no urbano, mas nos elementos que compõem o hip hop criado por agentes da própria região do sul de Minas Gerais é notável a influência que o meio rural e sua cultura exerce.

Este trabalho tem por objetivo analisar a influência do movimento hip hop na cidade de Alfenas - MG, onde aparece como um instrumento que gera transformações políticas, culturais e sociais. Para isso, fez-se importante apresentar a gênese do hip hop no mundo e no Brasil para situar sua trajetória até chegar neste território, analisando assim os processos de apropriação do espaço em relação à cultura do movimento. A partir disto, o trabalho analisa as consequências exercidas nos agentes da cidade envolvidos por parte do movimento hip hop e

o tema delimitado foi o estudo do uso do território pelo movimento hip hop em Alfenas-MG, destacando os aspectos regionais, sociais, culturais, econômicos e políticos.

Para a realização do trabalho a metodologia utilizada foi a qualitativa, baseada na obra Métodos e Técnicas em Ciências Sociais: Bloco Qualitativo do SESC em conjunto com o CEBRAP, posteriormente realizando um levantamento bibliográfico em relação aos conceitos geográficos abordados como também a própria história global e nacional do hip hop. Para contextualizar o movimento hip hop na cidade de Alfenas foi elaborada uma recuperação da trajetória dos grupos excluídos cujas fontes são especialmente precárias, através da história oral, isto é, foram realizadas entrevistas com os agentes importantes do atual movimento territorial do hip hop da cidade.

Para o desenvolvimento do trabalho foram utilizados como fontes obras de autores que expõem teorias sobre apropriação de espaço, formação de território, identidade, cultura, movimento hip hop, processos sociais, entre outros. Dentre os principais teóricos pode-se destacar o autor Paul Claval, com a obra A Geografia Cultural, a autora Rosa Maria Vieira Medeiros, com o capítulo Território, espaço e identidade da obra Territórios e Territorialidades, o autor Roberto Lobato Corrêa, com o capítulo Espaço: um conceito-chave da Geografia da obra Geografia: conceitos e temas, o autor Claude Raffestin com a obra Por uma geografia do poder, o autor Rogerio Haesbaert com a obra Territórios alternativos e o autor Milton Santos com as obras A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção, Espaço e Método, Território: globalização e fragmentação.

Sendo assim, a estrutura do trabalho conta com as definições de espaço e território e com considerações acerca dos aspectos da (re) produção e da apropriação do espaço, da formação do território, e de suas características em termos culturais e de identidade. Para, além disso, o trabalho atribui explicações acerca da origem do hip hop nas esferas globais e regionais, traçando assim sua trajetória nacional como um movimento cultural que influencia na identidade e na constituição dos territórios até chegar na cidade de Alfenas, com uma manifestação característica já que o hip hop adquire influência da região onde se forma, sendo considerada uma cidade média Alfenas por ter sua proximidade urbano e rural, assim o desenvolvimento dessa cultura na cidade criou consigo a marca ZR, sigla que denomina o hip hop do sul de Minas Gerais, que significa Zona Rural.

No que se refere às obras relacionadas ao movimento cultural do hip hop pode-se destacar a obra Ritmo & Poesia. Os caminhos do rap, dos autores Emanuel Lemos Ferreira e António Concorde Contador e O Livro vermelho do Hip Hop do autor Spensy Pimentel.

A área de estudo foco foi a cidade de Alfenas-MG, mas a influência exercida na cidade tanto quando sua influência vai além da delimitação da cidade, abrangendo uma forte influência no sul de Minas Gerais, tendo fluxos de informações e até materiais com o Vale do Paraíba e São Paulo.

Para a criação da história do hip hop na cidade de Alfenas foram realizadas entrevistas, pois sobre essa cultura ainda não se tem bibliografia. As entrevistas foram realizadas com agentes que fazem eventos, cantores, dançarinos, desenhistas e músicos relacionados a cultura hip hop, Rômulo Spuri, Emerson Alves de Lima, Thiago da Silva Cardoso (Bill), Renato Ferreira (Morelo), João Marcos Sabóia (Zulufu), Diego Augusto dos Santos (DGO), Lucas Chaves Pinho (Chaves) e João Pedro Ribeiro de Oliveira (Djaum) constituem através de seus depoimentos o desenvolvimento do movimento hip hop no território alfenense.

Como resultado do trabalho foi possível notar que o desenvolvimento dessa cultura além de proporcionar a organização de atores não hegemônicos que a usam como instrumento com foco principal em levar a arte a quem mais carece dela, é desencadeado a partir desse objetivo diversos processos sociais que melhoram a qualidade de vida das pessoas que a utilizam, incentivando leituras, proporcionando oficinas para ensinar todos elementos que o hip hop possui, como também espalhando a arte pela cidade.

### *1.1 – OBJETIVO GERAL*

O objetivo geral é analisar a influencia que o movimento territorial hip hop exerceu sobre o território do município de Alfenas – MG.

### *1.2 – OBJETIVOS ESPECÍFICOS*

1. Apresentar a gênese do hip hop no mundo e Brasil.
2. Estabelecer a trajetória do hip hop em Alfenas.
3. Analisar processos de apropriação do espaço em relação à cultura de hip hop em Alfenas.
4. Identificar os territórios apropriados pelo movimento territorial do hip hop em Alfenas.

5. Estudar as consequências políticas, culturais e sociais que o movimento hip hop exerce nos agentes envolvidos em Alfenas.

### 1.3 – JUSTIFICATIVA

O estudo é parte de uma reflexão sobre a influência que a cultura hip hop exerce na região e seus agentes, mas também como as características da própria região também são absorvidas pelo hip hop. A partir dessa reflexão o foco do estudo foi a apropriação do espaço pelo movimento territorial do hip hop e a formação de um território. A importância da análise desses processos que constituem além de uma autonomia para a criação de uma organização com fins culturais, mas que mais importante que isso são sociais a ponto de exercer forte influência na vida das pessoas quanto ao lazer com a produção de eventos e além estabelecer locais onde se ensinam a transmitir esse tipo de cultura e desenvolver nos jovens uma consciência política e de autoestima por meio de ações que visem a música, a dança e o desenho.

O movimento do hip hop em sua origem é um movimento territorial urbano, no Brasil sua origem também o é, porém com o desenvolvimento da cultura para outras regiões, atualmente podendo ser encontrado grupos de rap que representam até etnias indígenas como o grupo

Brô MCs representa a etnia Guarani Kaiowá, maior população indígena do Brasil e também a maior densidade demográfica de um povo indígena em seu território, seus rap's são cantados em português e em Tupi-Guarani, sua língua nativa [...] suas letras fazem fortes menções aos saques e barbáries realizados pelo homem branco contra os indígenas, bem como ao processo de destruição física e cultural pelo qual estes povos passam atualmente (GOMES, 2012, p. 58).

Por meio desse processo o movimento territorial do hip hop pelo uso do território influencia em sua dinâmica, exercendo uma ação cultural, política e social, sendo um instrumento que possibilita a expressão dos atores não hegemônicos na luta e resistência. Em Alfenas podemos verificar muitos traços culturais de aspectos rurais principalmente nas letras criadas por rappers do sul de Minas Gerais, a análise dessa característica pode desencadear em diversos fatores pelo qual a identificação com essa cultura se permaneça ainda tão viva dentro um movimento tão urbano.

O atual desenvolvimento do hip hop na cidade de Alfenas-MG, também tem sua origem no urbano, mas nos elementos que compõem o hip hop criado por agentes da própria região

do sul de Minas Gerais é notável a influência que o meio rural e sua cultura exerce. Um dos principais aspectos que podemos notar, está nas letras que abordam a sigla ZR, uma referência de localidade que é encontrada em grandes metrópoles como Rio de Janeiro e São Paulo, que separa as regiões por zonas norte, sul, leste e oeste, no sul de Minas Gerais se identificam como Zona Rural.

Este trabalho tem por objetivo analisar a influência do movimento hip hop na cidade de Alfenas - MG, onde aparece como um instrumento que gera transformações políticas, culturais e sociais. Para isso, fez-se importante apresentar a gênese do hip hop no mundo e no Brasil para situar sua trajetória até chegar neste território, analisando assim os processos de apropriação do espaço em relação à cultura do movimento. A partir disto, o trabalho analisa as consequências exercidas nos agentes e nos territórios da cidade influenciados por parte do movimento hip hop.

A importância do estudo está na falta de bibliografia sobre essa cultura na cidade de Alfenas-MG, como pioneiro nesse tema com enfoque na cidade, foi necessário por meio de entrevistas baseadas em histórias dos próprios agentes do movimento territorial do hip hop para que fosse possível a partir dessas vivências, estruturar como foi à origem do atual movimento do hip hop não se esquecendo de citar movimentos anteriores que surgiram e foram lembrados e que não deixam de ter sua importância enquanto cultura de luta e resistência.

Por meio da criação da história dessa cultura que serve como instrumento de expressão de uma população que necessita mostrar os problemas sociais que os vivem, a fim que possam ser solucionados para uma melhor qualidade de vida. Foi possível estabelecer quais são os territórios apropriados na cidade de Alfenas-MG, contendo até locais até fora da região do sul de Minas Gerais que de alguma forma contribui para o desenvolvimento da cultura na cidade, são redes de fluxo tanto materiais como imateriais, cantores que participaram dos eventos na cidade, troca de informações para organização do movimento, parcerias, uma rede dinâmica que sustenta por meio de ações entre pessoas que entendem as dificuldades que é manter essa cultura e se ajudam para que a essência do hip hop seja transmitida.

A apropriação de espaços públicos do atual movimento hip hop da cidade de Alfenas ocorreu primeiro na praça central da cidade Dr. Emílio Silveira, com o evento Coliseu Cultural, importante salientar que esse não foi o primeiro evento que ocorreu que tinha algum elemento de hip hop, tiveram outros, como foram citados no trabalho, mas esse foi o evento

que além de reunir todos elementos do hip hop ficou consolidado, ocorrendo com certa frequência e integrando diversas regiões, servindo de encontro para amantes do hip hop, proporcionando cultura, diversão e até competições com premiações, poesia, atividades físicas entre outros.

#### *1.4 – METODOLOGIA*

A metodologia utilizada para a realização desse estudo foi a qualitativa. O estudo de caso começou por um levantamento bibliográfico em relação aos conceitos geográficos abordados como espaço, cultura, apropriação, território, identidade, entre outros, como também da própria história do hip hop no mundo e no Brasil. Para a criação da história do movimento hip hop na cidade de Alfenas – MG, como não possui bibliografia sobre o hip hop, foram realizadas entrevistas com questionários e também histórias dos agentes importantes do atual movimento territorial do hip hop.

O levantamento bibliográfico relacionado aos conceitos geográficos abordados no trabalho foram utilizados como fontes obras de autores que expõem teorias sobre apropriação de espaço, formação de território, identidade, cultura, movimento hip hop, processos sociais, entre outros. Dentre os principais teóricos pode-se destacar o autor Paul Claval, com a obra *A Geografia Cultural*, a autora Rosa Maria Vieira Medeiros, com o capítulo *Território, espaço e identidade* da obra *Territórios e Territorialidades*, o autor Roberto Lobato Corrêa, com o capítulo *Espaço: um conceito-chave da Geografia* da obra *Geografia: conceitos e temas*, o autor Claude Raffestin com a obra *Por uma geografia do poder*, o autor Rogerio Haesbaert com a obra *Territórios alternativos* e o autor Milton Santos com as obras *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*, *Espaço e Método*, *Território: globalização e fragmentação*. Com essas obras foi possível criar os primeiros capítulos do estudo que serviram de base para a análise do movimento territorial do hip hop com eles foi possível estabelecer as definições de espaço e território e os aspectos de reprodução do espaço.

O espaço aqui é entendido como

[...] indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações [...]. No começo era a natureza selvagem, formada por objetos naturais, que ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados e, depois, cibernéticos (SANTOS, 2009, p. 63).

O sistema de objetos e os sistemas de ações em sua dinâmica em se tratando do movimento territorial do hip hop são complexos, ocorrendo conflitos por ser uma cultura de luta e resistência, criando uma forte influência política e social enquanto por meio da arte tem uma expressão de voz de uma população que não é muito ouvida.

Posteriormente foi feito um estudo sobre como é feita a apropriação do espaço e como ele se torna um território, sendo abordado como a identidade é importante nesse processo. O espaço em sua relação com os sistemas de objetos e os sistemas de ações que são conduzidas por atores que por meio dessas ações exercidas em um espaço que pode se tornar um território. As relações sociais dentro de um espaço já o modificam e começa o desenvolvimento ali do território, o movimento territorial do hip hop em Alfenas – MG por meio de suas ações, conseguem adentrar em locais onde a prefeitura não tem acesso fácil, por diversos motivos, mas principalmente a violência, e essa cultura por ser originária dos guetos, conseguem estabelecer uma dinâmica diferente com esses territórios, além de se apropriar de locais centrais na cidade, com o intuito de trazer as populações das áreas periféricas para um evento de graça que leve cultura e conhecimento em forma de lazer.

Para realizar o estudo da origem do hip hop e a história desse movimento de luta e resistência foram utilizados como base as obras Ritmo & Poesia. Os caminhos do rap, dos autores Emanuel Lemos Ferreira e António Concorda Contador e O Livro vermelho do Hip Hop do autor Spensy Pimentel. Serviram como início do estudo do hip hop para conhecer como a cultura se desenvolveu até chegar no Brasil e como seus aspectos foram importantes para a vida de grandes populações dos guetos e periferias, que por muito tempo denunciaram as injustiças que sofriam.

Depois de percorrer essa trajetória foi possível estabelecer um parâmetro para ser criada a história do atual movimento do hip hop na cidade de Alfenas – MG, por meio de entrevistas realizadas com agentes do hip hop foi possível saber onde foram os primeiros pontos que ocorreram alguma manifestação dessa cultura, como também as dificuldades, os ganhos, a influência entre outras características que levaram ao desenvolvimento do movimento. Para isso foram entrevistados os seguintes agentes Rômulo Spuri, Emerson Alves de Lima, Thiago da Silva Cardoso (Bill), Renato Ferreira (Morelo), João Marcos Sabóia (Zulufu), Diego Augusto dos Santos (DGO), Lucas Chaves Pinho (Chaves) e João Pedro Ribeiro de Oliveira (Djaum).

Pelos relatos desses agentes foi possível abordar diversas visões tanto de fora da cidade como de dentro sobre a cultura o que enriqueceu o estudo, as entrevistas de basearam na obra

Métodos e Técnicas em Ciências Sociais: Bloco Qualitativo do SESC em conjunto com o CEBRAP.

Posteriormente foi realizado os mapas da localização da área de estudo e de pontos que identificam os locais apropriados pelo movimento territorial do hip hop na cidade de Alfenas – MG, até o ano de 2018.

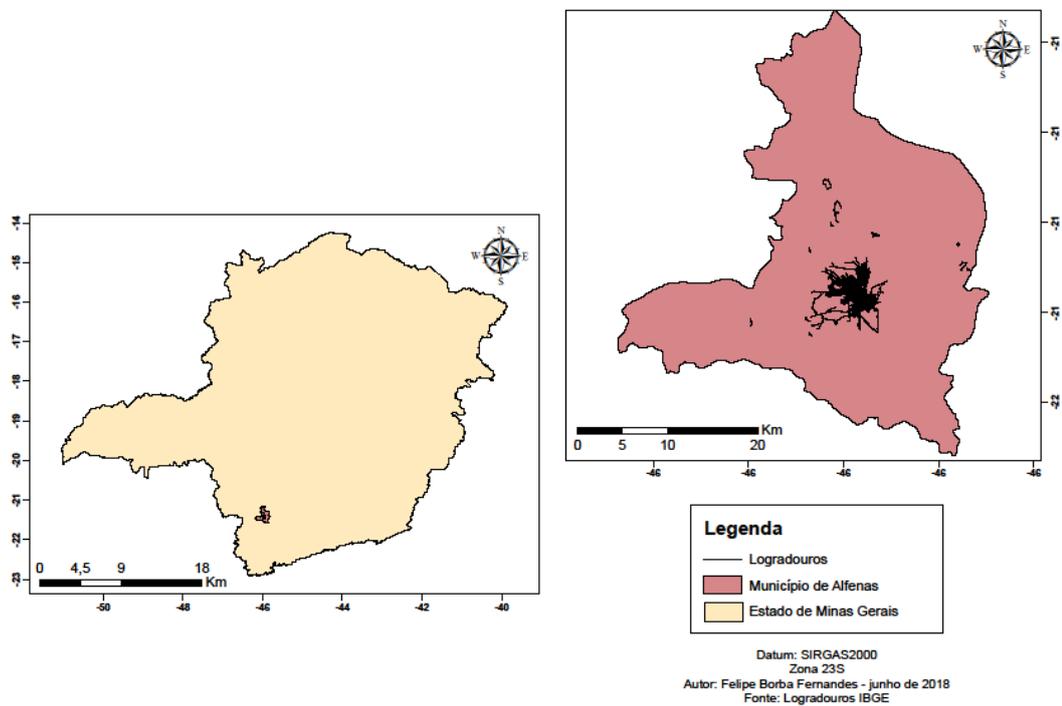
Por fim foi realizada uma análise sobre o conteúdo abordado e uma consideração final sobre os dados coletados e os conceitos estudados para que concluísse o estudo.

#### 1.4.1 – LOCALIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

A área de estudo foco foi a cidade de Alfenas-MG, mas a influência exercida na cidade tanto quando sua influência vai além da delimitação da cidade, abrangendo uma forte influência no sul de Minas Gerais, tendo fluxos de informações e até materiais com o Vale do Paraíba e São Paulo.

A cidade de Alfenas está localizada no sul do estado de Minas Gerais, de acordo com o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) a estimativa de população para 2017 é de 79.707, com população predominantemente urbana. Possui uma área de 850,446 km<sup>2</sup>.

## Localização do município de Alfenas - MG



**Figura 1** – Localização do município de Alfenas – Minas Gerais.

## **2 - DEFINIÇÕES DE ESPAÇO E TERRITÓRIO**

### *2.1 ASPECTOS DA (RE) PRODUÇÃO DO ESPAÇO*

O desenvolvimento da sociedade requer maior atenção e entendimento do espaço, tanto em suas dimensões político-econômico como nas questões culturais que se expressam as identidades e os regionalismos que podem trazer uma reflexão crítica, por meio da música, da arte, como também influenciar no modo de agir e pensar.

Nessa pesquisa, o espaço será analisado por duas linhas de pensamento, pela geografia crítica e a humanista, para entender suas múltiplas escalas de análise, seja pela produção inerente ao capitalismo ou pela valorização que os indivíduos constroem e sentem sobre o espaço.

Todo espaço é concebido por um composto:

[...] indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações [...]. No começo era a natureza selvagem, formada por objetos naturais, que ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados e, depois, cibernéticos (SANTOS, 2009, p. 63).

Pensar o espaço dessa forma, possibilita a nós trabalharmos de uma só vez com os resultados da interação que há entre o sistema de objetos e o sistema de ações “como processo e como resultado, mas a partir de categorias susceptíveis de um tratamento analítico que, através de suas características próprias, dê conta da multiplicidade e da diversidade de situações e de processos” (SANTOS, 2009, p. 64).

Ao longo do tempo ocorre um distanciamento entre o homem e a natureza, tornando o espaço “hoje um sistema de objetos cada vez mais artificiais, povoado por sistemas de ações igualmente imbuídos de artificialidade, e cada vez mais tendentes a fins estranhos ao lugar e aos seus habitantes.” (SANTOS, 2009, p. 63) em relação a essa separação crescente ao natural “o homem vê a natureza através de um prisma seletivo que confere uma distância ecológica real ao que, aos nossos olhos, não passa de gradiente insignificante” (GALLAIS, 1977, p. 9 apud CORRÊA, 2006, p. 33-34) sendo esse um processo social que interfere na produção do espaço, favorecendo por muitas vezes a uma ideologia consumidora associada ao crescimento da população mundial “tornada excessiva pelo triunfo do capitalismo global [...] e agora está

perto de ultrapassar a capacidade administrativa do planeta” (BAUMAN, 2007, p. 35) gerando problemas ambientais e sociais que “ainda não chegamos perto de perceber e entender os efeitos de longo alcance das massas cada vez maiores de pessoas desperdiçadas no equilíbrio político e social da coexistência humana planetária” (BAUMAN, 2007, p. 35) esse modelo econômico valoriza o consumo em detrimento da natureza e dos valores éticos e morais, é feita uma reflexão sobre esse sistema e a influência exercida no movimento territorial do hip hop.

Considerando que esse estudo dará o enfoque espacial sob a perspectiva da geografia cultural, segundo Yi-Fu Tuan que considera “os sentimentos espaciais e as ideias de um grupo ou povo sobre o espaço a partir da experiência” (CORRÊA, 2006, p. 30) e “extrapola para além da evidência sensorial e das necessidades imediatas e em direção a estruturas mais abstratas” (TUAN, 1979, p. 404 apud CASTRO; GOMES; CORRÊA, 2006, p. 30) e também na corrente da geografia crítica que tem uma concepção do espaço “como *locus* da reprodução das relações sociais de produção, isto é, reprodução da sociedade.” (CORRÊA, 2006, p. 26) sendo objeto de estudo o sistema de objetos e o sistema de ações do movimento territorial do hip hop em Alfenas-MG e a transformação do espaço em território.

Para Milton Santos (2008) a análise do espaço é feito por categorias sendo elas: estrutura, processo, função e forma, consideradas através de suas relações dialéticas. Forma está relacionada ao seu aspecto exterior, o visível de um objeto; função definida pelo papel desempenhado pelo objeto criado, a forma; estrutura é a matriz social onde as formas e funções são criadas e justificadas; processo é uma ação que ocorre continuamente, visando um resultado, implicando tempo e mudança. As quatro categorias são:

[...] termos disjuntivos, mas associados, a empregar segundo um contexto do mundo de todo dia. Tomados individualmente, representam apenas realidades parciais, limitadas, do mundo. Considerados em conjunto, porém, e relacionados entre si, eles constroem uma base teórica e metodológica a partir da qual podemos discutir os fenômenos espaciais em totalidade (SANTOS, 2008, p. 71).

As práticas espaciais são definidas pelas “ações que contribuem para garantir os diversos projetos. São meios efetivos através dos quais objetiva-se a gestão do território” (CORRÊA, 2006, p. 35) resulta da “Consciência que está ancorada em padrões culturais próprios a cada tipo de sociedade e nas possibilidades técnicas disponíveis em cada momento,

que fornecem significados distintos à natureza e à organização espacial.” (CORRÊA, 2006, p. 35) assim como:

[...] dos diversos projetos, também derivados de cada tipo de sociedade, que são engendrados para viabilizar a existência e a reprodução de uma atividade ou de uma empresa, de uma cultura específica, étnica ou religiosa, por exemplo, ou a própria sociedade como um todo. (CORRÊA, 2006, p. 35).

As práticas espaciais são: seletividade espacial, fragmentação-remembramento espacial, antecipação espacial, marginalização espacial e reprodução da região produtora (CORRÊA, 2006, p. 36). A marginalização e a reprodução da região produtora são, dentre as práticas espaciais expostas, as que se aproximam do caso de estudo do movimento territorial do hip hop.

Segundo Corrêa (2006) a Marginalização Espacial é definida pelo valor atribuído a um determinado local que pode variar ao longo do tempo, aspectos econômicos, políticos ou culturais podem mudar a importância que tem, podendo colocar a margem da rede de lugares e a Reprodução da Região Produtora “no processo de valorização produtiva do espaço é necessário que se viabilize a reprodução das condições de produção [...] constituem ingredientes da gestão do território” (CORRÊA, 2006, p. 42).

Para Henri Lefebvre o espaço “desempenha um papel ou uma função decisiva na estruturação de uma totalidade, de uma lógica, de um sistema” (LEFEBVRE, 1976, p. 25 apud CASTRO; GOMES; CORRÊA, 2006, p. 25). Por meio do espaço podem ocorrer os processos de apropriação e dominação. Segundo Lefebvre (1986) o processo de dominação ocorre “Através das práticas sociais e da técnica, o espaço natural se transforma e é dominado, tornando-se um espaço quase sempre ‘fechado, esterilizado, vazio’, como o espaço dos aeroportos e das auto-estradas” (HAESBAERT, 2009, p. 120) já o conceito de apropriação é definido:

De um espaço natural modificado para servir às necessidades e às possibilidades de um grupo, pode-se dizer que este grupo se apropria dele. A posse (propriedade) não foi senão uma condição... um desvio desta atividade ‘apropriativa’ que alcança seu ápice na obra de arte (LEFEBVRE 1986, apud HAESBAERT, 2009, p. 120).

O sentido de espaço dominado no estudo, só pode ser entendido por meio da contraposição com o de espaço apropriado, conceitos que deveriam ser um conjunto, mas que

o sistema capitalista (da acumulação), conseguiu separar e tornar uma contradição, onde quem:

[...] leva a melhor, gradativamente é o dominante. A “reapropriação” dos espaços... denominamos, aqui, um processo de reterritorialização em sentido pleno. Temos, assim, no conceito de apropriação definido por Lefebvre, um processo efetivo de territorialização, que reúne uma dimensão concreta, de caráter predominantemente “funcional”, e uma dimensão simbólica e afetiva. A dominação tende a originar territórios puramente utilitários e funcionais, sem que um verdadeiro sentido socialmente compartilhado e/ou uma relação de identidade com o espaço possa ter lugar (HAESBAERT, 2009, p. 120).

Relacionar a apropriação simbólica do espaço ao seu controle físico ou a dominação resulta em “discutir o território enquanto espaço simultaneamente dominado e apropriado, ou seja, sobre o qual se constrói não apenas um controle físico, mas também laços de identidade social.” (HAESBAERT, 2009, p. 121). Resumindo as ideias de dominação e apropriação pode-se afirmar que:

Enquanto a dominação do espaço por um grupo ou classe traz como consequência um fortalecimento das desigualdades sociais, a apropriação e construção de identidades territoriais resulta num fortalecimento das diferenças entre os grupos, o que, por sua vez, pode desencadear tanto uma segregação maior quanto um diálogo mais fecundo e enriquecedor. (HAESBAERT, 2009, p. 121).

Portanto “o território é o produto de uma relação desigual de forças, envolvendo-o domínio ou controle político-econômico do espaço e sua apropriação simbólica, ora conjugados e mutuamente reforçados, ora desconectados e contraditoriamente articulados” (HAESBAERT, 2009, p. 121). A relação existente nesses processos é de grande variabilidade dependendo das “classes sociais, os grupos culturais e as escalas geográficas que estivermos analisando” (HAESBAERT, 2009, p. 121) atualmente vivenciamos simultaneamente uma multiplicidade de escalas, num conjunto grande de eventos, numa multiplicidade de territórios. Além disso, é exigido de nós que nos posicionemos a uma determinada territorialidade, sendo entendida como:

[...] territorialidade, ora perante outra, como se nossos marcos de referência e controle espaciais fossem perpassados por múltiplas escalas de poder e de identidade. Isto resultado de uma geografia complexa, uma realidade multiterritorial (ou mesmo transterritorial) que se busca traduzir em novas concepções (HAESBAERT, 2009, p. 121).

O espaço é um elemento anterior ao território que através de processos de apropriação ou dominação, exercendo um poder, passa a ser um território, instrumento que possui uma complexidade e dinamismo, que não podemos considera-lo “isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá” (SANTOS, 2009, p. 63).

Dessa forma, o espaço apresenta múltiplas formas e interesses, “o ponto de partida é a sociedade humana em processo, isto é, realizando-se. Essa realização se dá sobre uma base material: o espaço e seu uso; o tempo e seu uso; a materialidade e suas diversas formas; as ações e suas diversas feições” (SANTOS, 2009, p. 54). Com o uso desse espaço alterando seu estado natural, e adquirindo uma representação, como também mudando sua forma e interesse, ocorre sua apropriação.

## *2.2 – A APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO E A FORMAÇÃO DO TERRITÓRIO*

Podemos dizer que “sempre que houver homens em interação com um espaço, primeiramente transformando a natureza (espaço natural) através do trabalho, e depois criando continuamente valor ao modificar e retrabalhar o espaço social, estar-se-á também diante de um território” (SOUZA, 2006, p. 96). A relação do homem com o espaço, com “o reconhecimento, não apenas intuitivo, mas até mesmo teórico, da importância capital do espaço enquanto instrumento de manutenção, conquista e exercício de poder, é algo muitíssimo antigo” (SOUZA, 2006, p. 78). O território é marcado pelo poder que “é onipresente nas relações sociais, o território está, outrossim, presente em toda a espacialidade social – ao menos enquanto o homem também estiver presente” (SOUZA, 2006, p. 96).

É importante entender a distinção entre os termos espaço e território, em sua formação, primeiro consideramos o espaço, pois o “território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa em qualquer nível)” (RAFFESTIN, 1993, p. 143).

Orientado o estudo por uma geografia crítica “o espaço não tem valor de troca, mas somente valor de uso, uma utilidade” (RAFFESTIN, 1993, p. 144). Então temos a existência do espaço anterior a qualquer ação. Portanto,

O espaço é, de certa forma, "dado" como, se fosse uma matéria-prima. Preexiste a qualquer ação. "Local" de possibilidades, é a realidade material

preexistente a qualquer conhecimento e a qualquer prática dos quais será o objeto a partir do momento em que um ator manifeste a intenção de dele se apoderar (RAFFESTIN, 1993, p. 144).

O espaço é um “conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações” (SANTOS, 2009, p. 63), sistemas de ações que são realizadas por atores que ao “se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente (por exemplo, pela representação)” (RAFFESTIN, 1993, p. 143), territorializam o espaço, portanto, por meio desse processo. Lefebvre (1978, p. 259, apud RAFFESTIN, 1993, p. 143 apresenta um mecanismo que explica a passagem do espaço para território “A produção de um espaço, o território nacional, espaço físico, balizado, modificado, transformado pelas redes, circuitos e fluxos que aí se instalam rodovias, canais, estradas de ferro, circuitos comerciais e bancários, auto-estradas e rotas aéreas etc.”. Ou seja, o território se forma a partir de um espaço que “se projetou um trabalho, seja energia e informação, e que, por consequência, revela relações marcadas pelo poder.” O autor ainda estabelece que o espaço é a “prisão original”, enquanto o território se constituiu pela “prisão que os homens constroem para si” (RAFFESTIN, 1993, p. 144). “Portanto, o espaço representado não é mais o espaço, mas a imagem do espaço, ou melhor, do território visto e/ou vivido. É, em suma, o espaço que se tornou o território de um ator, desde que tomado numa relação social de comunicação” (RAFFESTIN, 1993, p. 147).

Entendemos que o território se sustenta no espaço, mas também sabemos que ele não é o espaço em si. O território é

[...] uma produção, a partir do espaço. Ora, a produção, por causa de todas as relações que envolve, se inscreve num campo de poder. Produzir uma representação do espaço já é uma apropriação, uma empresa, um controle portanto, mesmo se isso permanece nos limites de um conhecimento. Qualquer projeto no espaço que é expresso por uma representação revela a imagem desejada de um território, de um local de relações. (RAFFESTIN, 1993, p. 144).

Para o estudo é importante o foco na apropriação do espaço social pelo movimento territorial do hip hop, fazendo com que esse “espaço social, delimitado e apropriado politicamente enquanto território de um grupo” torna-se “suporte material da existência e, mais ou menos fortemente catalisador cultural-simbólico” (SOUZA, 2006, p. 108).

Com a apropriação do espaço por um grupo ou ator, estabelecendo uma relação de poder, temos a definição de território. A apropriação é a

“reapropriação” dos espaços... denominamos, aqui, um processo de reterritorialização em sentido pleno. Temos, assim, no conceito de apropriação definido por Lefebvre, um processo efetivo de territorialização, que reúne uma dimensão concreta, de caráter predominantemente “funcional”, e uma dimensão simbólica e afetiva (HAESBAERT, 2009, p. 120).

Sendo assim, “o território é essencialmente um instrumento de exercício de poder” (SOUZA, 2006, p. 79). O poder

[...] corresponde à habilidade humana de não apenas agir, mas de agir em uníssono, em comum acordo. O poder jamais é propriedade de um indivíduo; pertence ele a um grupo e existe apenas enquanto o grupo se mantiver unido. Quando dizemos que alguém está ‘no poder’ estamos na realidade nos referindo ao fato de encontrar-se esta pessoa investida de poder, por um certo número de pessoas, para atuar em seu nome. No momento em que o grupo, de onde originara-se o poder (potestas in populo, sem um povo ou um grupo não há poder), desaparece, ‘o seu poder’ também desaparece. (ARENDRT, 1985, p. 24, apud, SOUZA, 2006, p. 80).

É estabelecido aqui o conceito de território sendo como “fundamentalmente um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder” (SOUZA, 2006, p. 78).

Para o estudo do movimento territorial do hip hop,

[...] o território será um campo de forças, uma teia ou rede de relações sociais que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, um limite, uma alteridade: a diferença entre “nós” (o grupo, os membros da coletividade ou “comunidade”, os insiders) e os “outros” (os de fora, os estranhos os outsiders) (SOUZA, 2006, p. 87).

Além de poder ser encontradas novas situações que podem ser criados os territórios como, por exemplo: “‘a apropriação’ de certos espaços públicos por grupos específicos” (SOUZA, 2006, p. 91) como o caso do movimento cultural do hip hop com o evento chamado Coliseu Cultural que ocorre em uma das praças centrais da cidade de Alfenas – MG, entre outras apropriações como a da casa e cultura com oficinas e aulas sobre diversos temas envolvendo o ambiental, a cultura de rua, e aliando isso a projetos sociais. “Territórios são no fundo antes relações sociais projetadas no espaço que espaços concretos” (SOUZA, 2006, p. 87). O “território não é o substrato, o espaço social em si, mas sim um campo de forças, as relações de poder espacialmente delimitadas e operando, destarte, sobre um substrato referencial” (SOUZA, 2006, p. 97)

Portanto é importante evidenciar aqui que o território é muito mais que uma via apenas estratégica “em sentido político-militar” há diversos atores que podem se apropriar do

território com as mais variadas finalidades, tendo a arte e a cultura de rua nesse contexto papéis como: lazer, econômico, afetivo, político, crítico, além de proporcionar uma rede de informações e trocas entre os agentes envolvidos que fortalece ainda mais o movimento da região, e não só, o da cidade. Podendo ser

[...] o uso e o controle do território, da mesma maneira que a repartição real de poder, devem ser elevados a um plano de grande relevância também quando da formulação de estratégias de desenvolvimento sócio-espacial em sentido amplo, não meramente econômico-capitalístico, isto é, que contribuam para uma maior justiça social e não se limitem a clamar por crescimento econômico e modernização tecnológica (SOUZA, 2006, p. 100-101).

Assistimos nesse processo de apropriação de espaços por grupos culturais como uma intervenção para maior difusão da cultura popular, oferecida a todos da cidade por meio de eventos culturais e projetos sociais, sem custo nenhum. Projetos esses que são poucos e precários oferecidos à população, na cidade de Alfenas-MG, mas que com algumas associações acabam surgindo pontos ainda que poucos, aumentando com o passar dos anos e tentando solidificar para que continue, tornando-se permanente, projetos esses, importantes de diversas formas para a população que carece de condições para se locomover e adquirir, culturas diversas e principalmente contra massificação. Para que se surjam oportunidades para a criação de uma visão crítica de nossa sociedade. É o território uma questão inicialmente política que “significa, [...] que é a questão do exercício do poder de decidir em uma sociedade (e não apenas no âmbito amesquinçado de um “projeto de desenvolvimento”), o discurso da emancipação cultural, da tecnologia adaptada e etc.” (SOUZA, p. 103), como também a autonomia da população. É

[...] necessário compreender que a satisfação das necessidades humanas, dos pobres como de quaisquer seres humanos, inclui também a liberdade, a participação, o acesso à cultura etc., para não mencionar todas as necessidades básicas de tipo mais material (alimentação, vestuário, infraestrutura de serviços públicos, habitação etc.) (SOUZA, 2006, p. 102).

Falamos aqui da autonomia do povo como um projeto que “pressupõe também a liberdade para colocar-se a questão do desenvolvimento, ou seja, da transformação e da autocrítica na direção de uma justiça social cada vez maior, de modo próprio, singular” (SOUZA, 2006, p. 106). Geralmente há um poder centralizador fora da realidade onde são feitas as decisões de uma região, não conhecendo esse ator a realidade de quem vive e passa pelas dificuldades e alegrias do local onde se tem um vínculo estabelecido, por isso a

autonomia se faz tão importante para que possam essas pessoas que passam todos os dias pelos processos de sua localidade, e entendem bem de seus problemas e necessidades, façam valer suas decisões também, e não a de terceiros que supostamente representam o poder do povo, usam de seu cargo como forma de impor seus próprios interesses, entrando por muitas vezes em conflito com os interesses locais. Precisamos pensar nossos valores e identidades para que possamos criar uma sociedade autônoma que consiga:

defender e gerir livremente seu território, catalisador de uma identidade cultural e ao mesmo tempo continente de recursos, recursos cuja acessibilidade se dá, potencialmente, de maneira igual para todos. Uma sociedade autônoma não é uma sociedade “sem poder”, o que aliás seria impossível (daí, aliás, a dimensão do absurdo do anarquismo clássico). No entanto, indubitavelmente, a plena autonomia é incompatível com a existência de um “Estado” enquanto instância de poder centralizadora e separada da sociedade (CASTORIADIS, 1990, apud, SOUZA, 2006, p. 106).

Temos por definição de autonomia segundo Castoriadis

Autonomia: esta palavra oriunda do grego, e que designa uma realidade político-social concretizada pela primeira vez através da pólis grega, significa, singelamente, o poder de uma coletividade se reger por si própria, por leis próprias: “A liberdade de uma sociedade autônoma exprime-se por estas duas leis fundamentais: sem participação igualitária na tomada de decisões não haverá execução; sem participação igualitária no estabelecimento da lei, não haverá lei. Uma coletividade autônoma tem por divisa e por auto definição: nós somos aqueles cuja lei é dar a nós mesmos as nossas próprias leis” (CASTORIADIS, 1983, p. 22, apud, SOUZA, 2006, p. 105).

A coletividade sendo autônoma e democrática “o exercício do poder não é concebível sem territorialidade – sejam os limites externos, as fronteiras espaciais do poder dessa coletividade, sejam as diferenciações internas da sociedade [...], que impõe territorialidades específicas” (SOUZA, 2006, p. 107-108). Podemos concluir que o espaço apropriado pelo movimento cultural hip hop em Alfenas tem relação com a fala que estabelece que “O espaço social, delimitado e apropriado politicamente enquanto território de um grupo, é suporte material da existência e, mais ou menos fortemente catalisador cultural-simbólico” (SOUZA, 2006, p. 108). Assim ocorre a formação do movimento territorial do hip hop com o estabelecimento de seu território.

### 2.3 - CARACTERÍSTICAS DO TERRITÓRIO: CULTURA E IDENTIDADE NA CONSTITUIÇÃO DOS TERRITÓRIOS.

A sociedade possui diversas tradições e costumes que influenciam no modo de pensar e agir, processos esses que alteram o território. Com o passar do tempo a aceleração dessas mudanças só tende a aumentar, tornando-o cada vez mais dinâmico e complexo, com a relação espaço-tempo mais curto e as ações cada vez mais simultâneas no mundo. A dimensão cultural possui uma relação inseparável com o território, pois ele é:

[...] um espaço de identidade ou pode se dizer que é um espaço de identificação. O sentimento é a sua base e a forma espacial importa muito pouco, pois esta pode ser variável. O território pode ser mesmo imaginário e até mesmo sonhado. E, e a partir deste imaginário, deste sonho que sua construção tem início. (MEDEIROS, 2015, p. 215).

Com base nas relações materiais e imateriais do território, a identidade assume um papel importante, pois

Falar sobre poesia e identidade com o território é falar, portanto, antes de mais nada, da dicotomia fundada pelo mundo moderno entre Ciência e Arte, Razão e Sensibilidade, e que explodiu nos anos 1980 sob o signo do debate entre modernidade e pós-modernidade[...]. A verdade é que a modernidade “realmente existente” (outros preferem o termo “modernização”), fomentada e construída pelo capitalismo, foi/é um pouco como o socialismo: um projeto abortado – e abortado, sobretudo, porque foi/é ocidental-etnocêntrica (a tecnologia e a razão instrumental superando todos os constrangimentos da natureza) e porque sobrevalorizou a razão e a re-produção em detrimento da sensibilidade e da criatividade humana (HAESBAERT, 2009, p. 144-145).

É necessário recordar que há muitos espaços que

[...] expressam muito mais do que a manifestação concreta de seus prédios, estradas e montanhas. Neles há “espaços” ou, se preferirem, territórios (enquanto espaços concreta e/ou simbolicamente dominados/apropriados) de um caráter particular, especial, cuja significação extrapola em muito os limites físicos e sua utilização material. É o que autores como Poche (1983) denominam “espaços de referência identitária”, a partir dos quais se cria uma leitura simbólica, que pode ser sagrada, poética ou simplesmente folclórica, mas que, de qualquer formar, emana uma apropriação estética específica, capaz de fortalecer uma identidade coletiva que, neste caso, é também uma identidade territorial (HAESBAERT, 2009, p. 149).

Entendemos aqui que o “espaço e o território não podem ser dissociados, pois enquanto o primeiro se faz necessário para demarcar a existência do segundo, este último por sua vez é a condição para que o espaço se humanize” (MEDEIROS, 2015, p. 215). Temos

anterior ao território “um espaço cultural de identificação ou de pertencimento e a sua apropriação só acontece em um segundo momento” (MEDEIROS, 2015, p. 215). Compreendemos aqui que a ocupação dos territórios é uma “das vivências mais significativas, cujo sentido está no seu entrelaçamento com as demais ações substantivas que participam deste mesmo processo de constituição e formação do movimento social” (MEDEIROS, 2015, p. 217). Portanto, o território é visto como “um novo paradigma que responde a um certo número de funções geográficas, sociais e políticas, que se inscrevem no universo da memória, das representações dos valores” (MEDEIROS, 2015, p. 216).

A perspectiva do território não pode ser vista como somente “de um domínio ou controle politicamente estruturado, mas também de uma apropriação que incorpora uma dimensão simbólica, identitária e, porque não dizer, dependendo do grupo ou classe social a que estivermos nos referindo, afetiva” (HAESBAERT, 1997 p. 41 apud, MEDEIROS, 2015, p. 216). Segundo Haesbaert (1997, p. 37):

Esta distinção entre território como instrumento do poder político e território como espaço de identidade cultural, instrumento de um grupo cultural e/ou religioso, é fundamento no mundo contemporâneo, dentro do debate entre universalistas e multiculturalistas (defensores do respeito às diferenças culturais). (HAESBAERT, 1997, p. 37 apud, MEDEIROS, 2015, p. 216)

Comparamos o território “como um espaço político, um jogo político, um lugar de poder. Definir seus limites, recortá-lo, é sinônimo de dominação, de controle. O domínio entre pessoas e nações passa pelo exercício do controle do solo” (MEDEIROS, 2015, p. 215-216). A configuração do território alternativo propõe “uma outra forma de organização do espaço geográfico que deixa de ser abstrato, que passa do sonho a sua concretude expressa através da conquista da terra, da reconstrução da identidade e da territorialidade. São as novas relações que surgem do novo território” (MEDEIROS, 2015, p. 217). Portanto, “esta parcela do espaço enraizada numa mesma identidade e que reúne indivíduos com o mesmo sentimento” (MEDEIROS, 2015, p. 218), denominamos como a formação de um território alternativo que tende a ser mais igualitário em suas funções.

Segundo Santos (2002, p. 96),

O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do

trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre os quais ele influi. Quando se fala em território deve-se, pois, de logo, entender que se está falando em território usado, utilizado por uma dada população. (Santos, 2002, p. 96 apud, MEDEIROS, 2015, p. 218).

“Nesta relação do ser humano com o espaço do território, ele coloca valores relacionados aos sentimentos e à identidade cultural” (MEDEIROS, 2015, p. 217). Com essa relação tão próxima entre território e identidade, é importante entender que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (HALL, 2011, p. 7). Por meio dessa ruptura ocorre uma “crise de identidade” que se apresenta “como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (HALL, 2011, p. 7). As identidades modernas não estão entrando em colapso por essa ruptura, mas acontece que

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um “sentido de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quando de si mesmos – constitui uma “crise de identidade” para o indivíduo (HALL, 2011, p. 9).

Segundo Boaventura dos Santos (1995, p. 135), as “identidades são identificações em curso”, [...] “plurais”, elas são também “dominadas pela obsessão da diferença e pela hierarquia das distinções e é contra elas que devemos nos insurgir” (BOAVENTURA DOS SANTOS, 1995, p. 135, apud, HAESBAERT, 2009, p. 150).

A identidade não está relacionada ao nosso nascimento, não nascemos com ela, não existe na consciência nesse momento, ou seja, ela é produzida historicamente em contato com outros sujeitos, vivências e em disputas de poder:

[...] é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes[...]. Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto na plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é

“preenchida” a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (HALL, 2011, p. 38-39).

Para Paul Claval (2014), a cultura é “um elemento de forte influência na constituição do espaço. As relações que os indivíduos estabelecem com o espaço, demarcam seus lugares e suas culturas e o território é a ocupação deste espaço” (MEDEIROS, 2015, p. 218). Incorporamos ao trabalho o conceito que Claval apresenta sobre a cultura sendo,

a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. [...] A cultura transforma-se, também, sob o efeito das iniciativas ou das inovações que florescem em seu seio (CLAVAL, 2014, p. 71).

E ainda complementa:

A cultura é o conjunto de representações sobre as quais repousa a transmissão, de uma geração a outra ou entre parceiros da mesma idade, das sensibilidades, ideias e normas. Ela inclui a imagem do meio ambiente próximo e os conhecimentos, práticas e ferramentas que permitem tirar partido dele. Ela comporta um arsenal de métodos para se orientar, (...). (CLAVAL, 2001, p. 142).

O estabelecimento da cultura nos indivíduos “se inicia na infância e é também herança de seus ancestrais” (MEDEIROS, 2015, p. 220), não só deles, mas também dos familiares e dos grupos de convívios mais próximos “que as pessoas vivem são determinantes na sua manifestação cultural. É neste meio que as práticas da economia, das relações políticas, sociais, culturais, se manifestam” (MEDEIROS, 2015, p. 220). A manifestação da cultura ocorre por meio das “crenças e atitudes. E este é um processo individual de cada sujeito cujas atitudes provocarão interferências no grupo ou no coletivo. A cultura vai refletir e condicionar a organização espacial e a dinâmica [...]” (MEDEIROS, 2015, p. 221), o sujeito “tem uma raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro” (WEIL, 1979, p. 137 apud MEDEIROS, 2015, p. 222)

Consideramos também que os indivíduos por meio de sua própria cultura encontram “espaços diferenciados aos quais se articulam, constroem e reconstroem referências de uma forma permanente tanto para si como para o outro” (MEDEIROS, 2015, p. 222). Da mesma forma que a cultura e a identidade são fatores que influenciam na formação do território, são processos que provocam a desterritorialização por meio do

encontro com uma nova realidade certamente provocará uma desterritorialização dos processos simbólicos, quebrando muitas vezes as coleções organizadas pelos sistemas culturais com novas ressignificações e redimensionamentos dos objetos, coisas e comportamentos e isso tudo certamente, imbricado de conflitos (MEDEIROS, 2015, p. 222-223).

E no meio desse conflito, a luta pela conquista

do espaço social e do território, através da organização dos movimentos sociais, de seus sujeitos, de suas contradições e perspectivas, que convém considerar a dimensão de poder que se faz presente tanto no espaço local quanto no global. A paisagem será dessa forma o cenário revelador das relações sociais e de inter-relação existente entre as mesmas, bem como o desenvolvimento do processo de produção para o atendimento das necessidades de consumo da sociedade (MEDEIROS, 2015, p. 223).

Claval ainda esclarece que a cultura também se expressa no sentir o mundo

A sensação não é jamais pura: o indivíduo vive numa sociedade, utiliza um vocabulário de formas e de cores que predeterminam o que sente; ele percebe o mundo através dos parâmetros de leitura que recebeu. Seu olhar procura apreender os recortes que evocam as palavras que lhe foram transmitidas e as construções mentais que as completam. A cultura faz assim passar de uns aos outros as representações coletivas. O que lemos no mundo e na sociedade é o que aprendemos a ver (...) (CLAVAL, 2014, p. 89).

Os grupos sociais se constituem por conexões que são estabelecidas “no tempo, tecendo seus laços de identidade na história e no espaço, apropriando-se de um território (concreto e/ou simbólico), onde se distribuem os marcos que orientam suas práticas sociais.” (HAESBAERT, 2009, p. 93). As identidades coletivas disputam espaços com atores dominantes sendo que

As formas de manipulação do espaço, parece claro, não jogam apenas um papel decisivo na realização das estratégias político-econômicas dominantes. Elas podem corresponder também à base para formulação de propostas minoritárias de convivência social e a um referencial indispensável para a articulação e/ou preservação de identidades coletivas diferenciadoras [...]. Essa configuração de “contra-espacos” dentro das ordens sociais majoritárias precisa ser analisada, seja na escala mínima das relações cotidianas, seja em escalas mais amplas, pois é neste jogo de contraposições que pode ser divisado e incentivado um novo arranjo espacial, capitaneado por uma base democrática que permita o confronto de identidades, com o florescimento permanente de uma diversidade libertadora. (HAESBAERT, 2009, p. 14-15).

O território tem uma concepção que “esteve mais próxima das ideias de controle, domínio e apropriação (políticos e/ou simbólicos) do que da ideia de uso ou de função

econômica” (HAESBAERT, 2009, p. 119). Para sintetizar o conceito de território e torná-lo mais operacional, utilizamos as palavras de Robert Sack (1986) que

define territorialidade como a “tentativa por um indivíduo ou um grupo de atingir, influenciar ou controlar pessoas, fenômenos e relacionamentos, através da delimitação e afirmação do controle da acessibilidade, o território definido, sobretudo, através de um de seus componentes, a fronteira, forma por excelência de “controlar o acesso” (SACK, 1986, apud, HAESBAERT, 2009, p. 119).

Conquistar um território pode ter diversas finalidades ou pode “ser vista de diferentes ângulos, uma vez que a conquista da terra é uma vitória tanto pelo pedaço de chão, quanto pelo alimento, pela nova identidade [...]” (MEDEIROS, 2015, p. 219). “Esta identidade, inicialmente, é de caráter político, social e cultural, mas se redimensiona como territorialidade com a implementação do processo produtivo, da organização do espaço [...] com sua infraestrutura, suas novas relações sociais, econômicas e culturais” (MEDEIROS, 2015, p. 217). É importante salientar que “o território não contempla apenas a dimensão das fronteiras, precisa ser visto como algo que identifica sujeitos e ações de um mesmo espaço” (MEDEIROS, 2015, p. 217). Não só garantir o espaço de reprodução social é necessário

conquistar e/ou garantir outros, como em uma estratégia de guerra. A grande arma das metrópoles são as áreas ainda efetivamente comuns, públicas, “desocupadas”. Nestas são traçadas as verdadeiras campanhas táticas informais de ocupação e domínio. Praças, ruas e equipamentos diversos de lazer e serviços são o território onde ocorrem ofensivas e retiradas, onde se alternam controles e normas próprias a cada grupo (HAESBAERT, 2009, p. 98).

Acreditamos que o território é um espaço onde o sujeito deve

batalhar por um mundo em que, como já afirmamos, “rompendo com os dualismos, se assuma um projeto profundamente renovador, que nunca se pretenda acabado, que respeite a diversidade [as identidades] e assimile, ao lado da igualdade e do “bom senso”, a convivência com o conflito [que só é possível frente à diferença do Outro, à alteridade] e a conseqüente busca permanente de novas alternativas para uma sociedade menos opressiva e condicionadora – onde efetivamente se aceita que o homem é dotado não apenas do poder de (re)produzir, mas sobretudo de criar, e que a criação é suficientemente aberta para não se restringir às determinações da razão (HAESBAERT, 1990, p. 84). O território, aí, não seria um simples instrumento de domínio político-econômico e/ou espaço público de exercício de uma (pretensa) cidadania, mas efetivamente um espaço de identificação e (re)criação do/com o mundo, a “natureza” (HAESBAERT, 2009, p. 158).

Desse modo, o entendimento das características e de como são conquistados os territórios, permite refletir sobre os movimentos sociais que estão em constante transformação no espaço urbano, ou seja, como são as territorialidades culturais e identitárias dos agentes envolvidos nesse movimento territorial que influencia e altera a dinâmica local, podendo criar uma reflexão sobre o regionalismo, e até mesmo, modos de agir e pensar mais críticos e que valorizam a arte e a cultura como formas de um desenvolvimento socioemocional com maiores perspectivas pessoais e coletivas.

### **3. A GÊNESE DO HIP HOP: MUNDO E BRASIL (HIP HOP COMO MANIFESTAÇÃO TERRITORIAL, MOVIMENTO TERRITORIAL HIP HOP)**

As comparações que podem ser feitas entre os lugares onde se manifestou o movimento territorial do hip hop, são muitas. População com baixa renda, questões de luta pela moradia, desemprego, desigualdade social, saúde, educação, exclusão social, violência, escassez de atividades de cultura e lazer são algumas das características que possuem esses lugares. “Jovens pelas ruas, desocupados, abandonaram a escola por não verem o porquê de aprender sobre democracia e liberdade se vivem apanhando da polícia e sendo discriminados no mercado de trabalho” (PIMENTEL, 1997, p. 1). O efeito dessas ações causa uma falta de perspectiva de muitas pessoas que “revoltados ou acovardados, partem para a violência, o crime, o álcool, as drogas; muitos buscam na religião a esperança para suportar o dia-a-dia; outros ouvem música, dançam, desenham nas paredes” (PIMENTEL, 1997, p. 1).

Nesse contexto é difícil estabelecer de onde estamos falando, pois esses são problemas vividos em muitos lugares do mundo, tanto como no Brasil. Os estados de São Paulo e Rio de Janeiro possuem até hoje problemas sociais como esses ou até mesmo em cidades menores no interior do país. Mas foram nos “guetos negros de Nova York nos anos 70, tempo e lugar onde nasceu o mais importante movimento negro e jovem da atualidade, o Hip-Hop” (PIMENTEL, 1997, p. 1), em meio a uma ebulição de muitos conflitos étnicos, éticos, morais, sociais e econômicos, esse movimento veio como uma possibilidade de conter a violência entre gangues através das batalhas de música, dança e artes (grafite) e como uma forma de lazer que ocorria na rua, mesmo com sua gênese ligada à diversão,

[...] a característica mais marcante desse movimento é a denúncia, a contestação, o caráter político e racial, influenciado não só pela situação precária da população estadunidense naquele momento, mas também por movimentos e líderes políticos anteriores, ícones da luta negra pelos direitos civis, tais como os Black Panthers (com o Black Power), Malcolm-X e o pastor e ativista Martin Luther King Jr., cujo assassinato impulsionou revoltas em diversas cidades dos Estados Unidos neste período (GOMES, 2012, p. 7).

A origem do hip hop, “cultura urbana composta de elementos como dança, artes plásticas e música - surgiu nos Estados Unidos (EUA) em 1974, mais precisamente no Bronx, [...] Nova Iorque, distrito pobre da cidade” (GOMES, 2012, p. 7), está relacionada “a questões raciais e fortemente influenciado por movimentos que o precederam, [...] desenvolveram ideias, ações que influenciaram o forte caráter militante do Hip Hop, pois questionavam a posição socioeconômica dos negros na sociedade norte-americana” (XAVIER, 2005, p. 65). O movimento Hip-Hop foi um instrumento que possibilitou não só a diversão, mas foi algo que deu voz aos que não a tinham que denunciavam as injustiças que ocorriam por meio da cultura popular criada e expressada na rua, sendo através da luta e resistência que obtiveram o reconhecimento e valor, pois o processo foi de muita discriminação e conflito. Segundo Xavier (2005, p. 65),

[...] essas ações e posturas nos próprios guetos, como expressão empírica da luta pela sobrevivência da população pobre, criaram condições para que o Hip Hop se configurasse como um movimento que possui um conjunto de ações de caráter contestador e representativas dos espaços periféricos.

A rivalidade que ocorria em Nova York entre as gangues, por territórios era grande, muitas vezes ocorrendo violência com quem passasse determinado limite, com o surgimento das festas promovidas pelo movimento que faziam as *block parties* (festas de rua no Bronx), além dos encontros em parques ou quadras, com esses “momentos de compartilhamento surgiu o hip-hop, funcionando como uma alternativa de lazer e cultura capaz de transferir a rivalidade entre os grupos, antes externada pela violência, para a arte” (GOMES, 2012, p. 10). Com a evolução desse processo “o hip-hop rapidamente foi ganhando território e se difundindo para outros distritos da cidade de Nova Iorque, como Brooklyn e Queens, chegando depois a outras regiões dos EUA como a costa oeste e o sul do país, e posteriormente outros países do mundo” (GOMES, 2012, p. 10-11). Na década de 1980 chegou ao Brasil com os bailes blacks.

Atualmente vemos o hip hop se expandir para todos os lugares, difícil encontrarmos algum lugar onde essa cultura não está territorializada, “tornou-se um fenômeno presente em praticamente todos os países, adquirindo as peculiaridades e contornos culturais de cada localidade e focando temas políticos e sociais específicos de cada contexto” (GOMES, 2012, p. 11), nesse processo podemos identificar a relação do hip hop com o lugar, geralmente os lugares onde se desenvolve o hip hop, são de segregação de vários tipos, sociais, raciais,

culturais entre outros. O hip hop expressa os problemas que cada região vive. Em qualquer lugar do mundo onde se manifeste o hip hop “traz consigo características do espaço e do território em que está situada e do contexto em que está sendo aplicada e/ou praticada. É a força do lugar condicionando as ações sociais” (GOMES, 2012, p. 12).

Se esses conflitos são conhecidos em diferentes lugares do mundo, e tendo o Brasil tamanha semelhança com os Estados Unidos em relação a sua construção por meio de trabalho escravo de negros retirados da África, além de imigrantes procurando condições melhores de vida em uma nova terra, ainda assim com colonizações diferentes sendo o primeiro de exploração e o segundo de povoamento. A abolição da escravatura que no Brasil foi a mais tardia das Américas, como nos EUA “foi conseguida com luta e revolta, batalhas incontáveis, meras notas de rodapé nos livros de História, cheios de seus heróis brancos tão generosos, que estenderam a mão para tirar índios e negros de sua ignorância, seus costumes bárbaros, suas religiões pagãs” (PIMENTEL, 1997, p. 1), fácil comprovar essa afirmação nos livros de história do Brasil que representam tanto a Princesa Isabel como redentora da sociedade branca europeia escravagista, não sendo clara a real intenção desse processo como tendo uma maior influência econômica do que ética.

Mesmo com mais de cem anos depois da abolição da escravidão nesses países, época do surgimento do Hip Hop, como (ainda) atualmente, é evidente o racismo impregnado nessa sociedade, sendo esse movimento um instrumento de denúncia de diversos problemas sociais, como esse, tanto em sua criação como até hoje encontramos nas letras e em todas suas expressões como também na arte exibida nas paredes das cidades a denúncia de diversas injustiças, que mesmo com o passar do tempo ainda são questões complicadas de resolver, mas que com essa cultura foi possível dar visibilidade ao problema. O Hip-Hop surge em meio à afirmação de uma cultura própria que precisa ser expressa a fim de mostrar as injustiças e se libertar de uma opressão realizada em uma época de guerras e ditaduras, onde a imposição por um sistema capitalista onde o que se assiste, consome e escuta é monopolizado, essa cultura vem no sentido de romper com essa hegemonia e mostrar o outro lado da realidade da sociedade, e também mostrar outras formas de se produzir cultura e de maneira independente.

A megalópole nova-iorquina, em meio a bairros pobres com maioria da população negra e imigrantes hispânicos, foi o palco para o surgimento do movimento em meio a um

contexto de lutas e resistências que é retratado no Livro Vermelho do Hip Hop de Spency Pimentel. Foram anos rebeldes de guerras e conflitos internos e externos que influenciaram diretamente na ideologia de formação do hip hop, começamos pela década de 1940 com o *apartheid* (significado separação), regime adotado na África do Sul, com leis que segregavam a população, sendo a cor da pele a característica de separação, concentrando o poder político e econômico a uma minoria da população que na região era a branca, que oprimiam a maioria da população, negra. Em relação aos Estados Unidos,

[...] muitos estados americanos, sobretudo os do Sul, onde a escravidão foi mais difundida, tinham, até a década de 60, leis semelhantes às do *apartheid*. Nos ônibus, havia bancos separados para negros e brancos, em muitos lugares os negros nem podiam entrar. Até 1954, as escolas públicas eram ou para brancos, ou para "pessoas de cor". Tudo isso na mesma época em que os americanos travavam a Guerra Fria com a União Soviética. Você deve lembrar que a principal crítica dos capitalistas dos EUA era à falta de liberdade individual nos países comunistas, veja só que hipocrisia... (PIMENTEL, 1997, p. 2).

Nesse momento da história surgem muitos grupos negros que se organizam para lutar pelos seus direitos, cada qual com sua própria estratégia, uns através da violência, enquanto outros de forma pacífica. “Malcolm X e Martin Luther King foram os líderes que mais se destacaram e durante um certo tempo representaram as duas alternativas opostas para os negros americanos na luta por seus direitos” (PIMENTEL, 1997, p. 2).

Malcolm X, importante defensor dos direitos dos afro-americanos nos EUA, mobilizou brancos e negros na percepção sobre a injustiça cometida contra a população das regiões desfavorecidas. Teve seu pai assassinado por um grupo racista chamado de Ku Klux Klan,

Órfão, Malcolm enveredou pelo caminho do crime e acabou condenado à prisão, onde se converteu ao islamismo. Seu sobrenome de batismo, Little, foi trocado pela incógnita "X", para ao mesmo tempo negar a herança escrava, a nomeação dada pelo senhor, e denunciar o vazio que deveria ser ocupado pela tradição africana, o verdadeiro nome que ele nunca pôde conhecer. Passou a integrar a "Nação do Islã", seita que pregava, literalmente, que "o homem branco é o demônio" – como a espécie humana surgiu na África, eles diziam que a pele clara dos europeus era uma espécie de degeneração (como as baratas brancas de poço). Só que o pensamento de Malcolm passou por uma transformação radical em 1964, quando ele viajou para a cidade de Meca, na Arábia Saudita[...]. Foi ali, em pleno Oriente Médio, que o líder americano percebeu que as diferentes raças poderiam conviver em paz. Poucos lembram disso, mas a partir dessa época ele passou a acreditar que os brancos poderiam ajudar os negros a conseguir seus

direitos. Infelizmente o radicalismo nos EUA tinha atingido tal ponto que em fevereiro de 1965 X acabou sendo assassinado pelos próprios membros da Nação do Islã, grupo que ele abandonara para fundar a Organização da União Afro-Americana, logo que voltara de Meca. (PIMENTEL, 1997, p. 2).

Na mesma luta pelos direitos civis, Mather Luther King,

pastor batista, também filho de pastor, defendeu desde o começo de sua militância a alternativa do diálogo e pregava o amor e a não-violência desde os anos 50. Envolveu-se com o Movimento pelos Direitos Civis e buscava a solução para os problemas da população negra dentro das normas da democracia americana[...]. Em 1964, ganhou o prêmio Nobel da Paz. Apesar das ideias tão diferentes das de Malcolm, seu destino foi semelhante ao dele: King foi assassinado em 1968. Logo após sua morte, que marcou o fim de um ciclo na luta do povo negro americano, houve conflitos inter-raciais em 130 cidades do país. (PIMENTEL, 1997, p. 2-3).

Mesmo com semelhanças e diferenças, tiveram finais iguais, lutavam pelos mesmos direitos com formas diferentes, “X falava em ‘auto-defesa’, King, inspirado pelas ideias do líder indiano Mahatma Gandhi, preferia a ‘resistência pacífica” (PIMENTEL, 1997, p. 2). No processo de luta deles, as ideias na maioria desse tempo foram diferentes, mas com a volta de Meca e próximo a morte de X eles começam “a concordar em alguns pontos. O principal era que antes de qualquer concessão branca, para chegar a uma convivência pacífica, era necessária uma separação, a fim de que os negros restabelecessem sua auto-estima, a capacidade de organização comunitária e a solidariedade” (PIMENTEL, 1997, p. 3). O reestabelecimento dessas características foram muito bem absorvida pelos movimentos do hip hop e Panteras Negras, movimento radical que o influenciou nesse processo de valorização cultural, com o Black Power “Poder Negro”, movimento que destaca a cultura afro, além de influenciar na luta e resistência negra nessa sociedade predominantemente racista, o principal símbolo do movimento é o cabelo black power ganhou destaque na década de 1960, nos EUA. Para desconstruir uma influência de padrão de beleza eurocêntrico e valorizar a identidade e raízes africanas da população negra estadunidense, foi abandonado as técnicas de alisamento dos cabelos, com isso passaram a usá-los natural, estilo que recebeu o nome de cabelo *black power*, pois era usado por quem valorizava a estética negra.

É importante destacar que a população afro-americana nos anos 1960 passou por diversas

batalhas, saques, confrontos com a polícia, incêndios, [...] brancos apavoravam-se, já que centenas de anos de dominação estavam ameaçados. O governo federal determinava leis, mas não podia impedir que a população

continuasse a discriminar os negros. Demorou tempo até que a ordem retornasse.[...] Temos de lembrar também que os anos 60 foram um tempo de agitações políticas nos EUA como um todo. Por dez anos, entre 65 e 75, os EUA fizeram guerra ao Vietnã, pequeno país na Ásia. Era a época da Guerra Fria, os americanos temiam que o comunismo dominasse o mundo. Por isso, o governo queria derrotar o exército comunista do Vietnã do Norte e manter o capitalismo no Vietnã do Sul. Não apenas não conseguiu, como enviou para a morte dezenas de milhares de jovens americanos, produziu outros tantos mutilados e traumatizados pela violência que haviam presenciado (muitos voltaram viciados em drogas, principalmente heroína) e causou fortes reações internas em seu país.[...] Entre os soldados que voltavam da guerra havia muitos negros e latinos – como em qualquer guerra, os pobres viravam "bucha de canhão"[...] nessa época, o consumo de drogas nos guetos como Bronx e Harlem aumentou bastante. Esses excombatentes também eram discriminados porque a população tinha visto pela TV que o exército fizera barbaridades no Vietnã. Eles tinham dificuldade para se reintegrar à sociedade, conseguir trabalho e acabavam na marginalidade. O assunto pode parecer distante, mas tudo isso tem muito a ver com o Hip-Hop (PIMENTEL, 1997, p. 3).

As influências dessas ações e conflitos que ocorreram, podem ser notadas tanto na ideologia que o hip hop adotou em seu início, como também em todas as expressões que dele são criadas, as músicas de protestos, os desenhos que expressam o que sentem e até nas danças podem ser vistos traços que vieram das crueldades das guerras como cita Pimentel (1997) a pedagoga da USP Elaine Andrade e sua tese de mestrado sobre os primeiros b. boys

Eles protestavam contra a Guerra do Vietnã e lamentavam a situação dos jovens adultos que retornavam da guerra debilitados. Cada movimento do break possui como base o reflexo do corpo debilitado dos soldados norte-americanos, ou então a lembrança de um objeto utilizado no confronto com os vietnamitas. Por exemplo, alguns movimentos do break são chamados de giro de cabeça, rabo de saia, saltos mortais etc. O giro de cabeça, em que o indivíduo fica com a cabeça no chão e, com os pés para cima, procura circular todo o corpo, simboliza os helicópteros agindo durante a guerra." (PIMENTEL, 1997, p. 3).

Em meio a essa turbulência de acontecimentos, confrontos e mortes de líderes tanto pacíficos como violentos, é nessa época que surgem propostas mais violentas e agressivas, como o Partido dos Panteras Negras (do qual a mãe do rapper 2Pac participou).” (PIMENTEL, 1997, p. 4), forte influência para o surgimento do hip hop, esse movimento começou em

Oakland, perto de San Francisco, na Califórnia (costa oeste dos EUA), depois fundaram escritórios em todos os estados americanos. Realizavam atividades comunitárias, tinham uma revista que chegou a vender 150 mil cópias por semana. Seu programa político era revolucionário e adotava até mesmo algumas ideias do líder comunista guerrilheiro chinês Mao Tsé-tung.

A proposta que ganhava força entre o povo preto foi chamada de Black Power (Poder Negro) (PIMENTEL, 1997, p. 4).

A real intenção do movimento não era desafiar o governo, mas sim exigir “poder para decidir os rumos de sua própria comunidade, sem influência branca (uma ideia bem parecida com o que Malcolm X defendia)” (PIMENTEL, 1997, p. 4). Porém a mídia distorcendo os acontecimentos associou o Black Power a confrontos que ocorriam nas metrópoles americanas, mas os Panteras Negras utilizam da lei a seu favor para exigir ordem dos policiais, quando presenciavam algum negro sofrendo injustiça “aproximavam-se armados com revólveres e espingardas da cena. Como tinham o direito a portar armas, nada podiam ser feito contra eles. Se tentassem alguma violência, os Panteras podiam alegar ‘legítima defesa’” (PIMENTEL, 1997, p. 2), isso é bem retratado no filme Black Panther, de Mario Van Peebles.

Tamanha notoriedade ganhou a movimento dos Panteras Negras, a polícia fechou os escritórios do grupo por meio de violência, além dos protestos “pela libertação de Huey Newton, um dos líderes-fundadores dos Black Panthers, preso pelo FBI” (PIMENTEL, 1997, p. 4). A relação estabelecida entre esses dois movimentos os Panteras e o Hip Hop é esclarecida pela tese de Elaine Andrade citada por Pimentel (1997),

A Organização Black Panthers exercia forte influência entre os jovens negros, indicando-lhes a necessidade da organização grupal, da dedicação aos estudos e do conhecimento das leis jurídicas. Boa parte destes valores foram resgatados pelos membros do Hip-Hop, principalmente no Brasil, para combater os abusos de poder exercido pela instituição policial contra os negros. (PIMENTEL, 1997, p. 4).

A repressão sufocou o movimento dos Panteras Negras, mas o que eles deixaram foi de grande valia para o Hip Hop, o breaker Crazy Legs é citado por Pimentel (1997) “um dos fundadores da Rock Steady Crew, gangue de break pioneira, visitou São Paulo e, rememorando os primórdios do Hip Hop em Nova York, revelou que muitos dos primeiros b.boys, rappers e grafiteiros eram os irmãos mais novos dos Black Panthers” (PIMENTEL, 1997, p. 4).

No livro Ritmo e Poesia Os caminhos do rap,

Anos depois da Rebelião de Watts, das lutas pelos direitos cívicos de Martin Luther King, dos Black Panthers, de Malcoln X, da Guerra do Vietname, a situação do negro americano aparenta uma clara melhoria: os anos 70 vem uma classe média afro-americana colar-se definitivamente aos padrões do resto da classe média americana, com o american way of life e toda a

simbologia hollywoodesca jornalística a tornarem-se, também, valores abraçados pela emergente burguesia negra. É uma geração de negros americanos, que antes de serem negros são americanos, eles são gestores e homens de negócios, presidentes de câmara, (mayors) de grandes cidades, embaixadores na ONU, ou mesmo Chefes do Estado-Maior das Forças Armadas. E a América negra in retractada nas páginas da Ebony. Os direitos cívicos parecem ter sido finalmente conquistados, e com eles o triunfo de uma época verdadeiramente democrática... (CONTADOR, FERREIRA, 1997, p. 56).

Mas essa melhoria nas condições de vida da população norte americana, adquirida através de muita luta, não tardou a ser interrompida em 1981 com Ronald Reagan sendo presidente dos EUA, “e com ele se inaugurar uma época de retorno a valores tradicionais e neo-puritanos onde a droga, o sexo, a desordem, o ateísmo, e o crime não tem lugar nem razão de existir” (CONTADOR, FERREIRA, 1997, p. 57), em contrapartida na mesma época, essa mesma nação participa de ações de contrabando de armas para alimentar guerras fora dos EUA, as atividades da CIA na Nicarágua, Cuba, África, etc. (CONTADOR, FERREIRA, 1997, p. 57 NOTA DE RODAPÉ). Nesse momento o plano do presidente é

fortalecer o Império Americano a todo o custo e abolir a maior parte das regalias e direitos sociais por razões orçamentais, foi um dos esforços mais marcantes da era Reagan na tentativa de renascimento da América mítica e poderosa[...]. Votado ao abandono institucional o gueto presencia, impotente, ao aumento do desemprego, à escalada do consumo de drogas, da delinquência juvenil e da violência urbana num colossal círculo vicioso que tudo arrasa e corrói. 23% da população negra americana entre os 20 e os 30 anos está na prisão ou sob controle judicial. As estatísticas mostram também, que um habitante de Harlem tem menos hipóteses de chegar aos 65 que um habitante do... Bangladesh[...] o ódio e o desespero estão lá, e também está lá o rap. O rap é definitivamente, a banda sonora do gueto nos anos 80 e 90 (CONTADOR, FERREIRA, 1997, p. 57).

O hip hop no final dos anos 1970 foi:

encarado só como dance-music, mas a mudança em protest-song não tardaria... Pode transparecer a ideia nestes primeiros três anos – de 1979 a 1982- do rap como um divertimento ligeiro, onde se contam anedotas, se fazem rimas materialistas ou apenas egocêntricas. Mas esta visão do rap como um gênero fácil e ligeiro não é correta. Ao lado destes êxitos comerciais, divertidos e acessíveis encontramos figuras interessadas em posicionar o rap noutra direção, em levantar outras questões, que passam, irremediavelmente, por uma crítica à sociedade americana, mostrando o que é a vida no gueto. Esta dualidade na maneira de encarar a música - por um lado um facilitismo exigido pela grande indústria, por outro uma preocupação, legítima, em relatar a vida do gueto e em criticar a sociedade americana - iria afectar todo o percurso posterior do rap (CONTADOR, FERREIRA, 1997, p. 61).

Universal Zulu Nation Ong fundada pelo DJ Afrika Bambaataa um dos precursores do movimento Hip Hop, que tem como princípio as bases do hip hop: paz, amor, união e diversão, é citada no livro Ritmo e Poesia caminhos do rap esclarecendo que o “hip hop não é só a música, que por trás dessa música se encontra uma cultura. Como diria T.C. Islam, porta-voz da Universal Zulu Nation: Enquanto houver pessoas oprimidas neste planeta, haverá uma Zulu Nation, haverá hip hop e haverá um movimento underground” (CONTADOR, FERREIRA, 1997, p. 64). Foi nesse contexto de diversos conflitos, e reconhecimento de um valor de uma cultura tão diversificada negra que o hip hop teve seu nascimento, uma situação de grandes mudanças sociais e demográficas, além do dinamismo de culturas que ocorreu nos mesmos locais, assim fez se criar uma gama grande de manifestações culturais, outrora, um lugar cheio de tragédias que assolavam a população. Com as diferentes origens da população da região do Bronx, foi proporcionada uma riqueza cultural, que mais tarde pelos jovens que vieram a formar o hip hop, “foi uma resposta a um processo de urbanização excludente e segregacionista a que foram submetidas todas essas pessoas, que, apesar de inúmeras diferenças, compartilhavam das mesmas condições socioeconômicas” (GOMES, 2012, p. 10).

O contexto histórico brasileiro, para entendimento das heranças do Hip Hop, é necessário voltarmos antes da colonização Portuguesa para compreendermos de onde veio o grito de revolta desse movimento cultural. Quando os portugueses aqui chegaram a mais de 500 anos atrás, nessa terra por milhares de anos já viviam índios, cerca de 3 a 8 milhões, ou seja, foi mais para uma dominação do que um descobrimento de novas terras. Os Portugueses se achavam os civilizadores dos índios, impondo os seus hábitos, costumes e religião sem se importar com a cultura dos nativos. Algumas tribos eram nômades, com pouco conhecimento de agricultura, mas havia tribos que possuíam alto desenvolvimento que “nem os europeus possuíam na medicina, na botânica, na cerâmica e, sobretudo, na capacidade de dar uma vida digna a todos os membros de sua comunidade. Hoje existem no Brasil cerca de 300 mil indígenas, muitos famintos, doentes, sem perspectiva de futuro...” (PIMENTEL, 1997, p. 22). Posteriormente os europeus iniciaram um processo de exploração, primeiro venderam o pau brasil, após isso, começaram a cultivar a cana por monoculturas, mas a mão de obra era pouca, escravizar os índios era difícil, pois conheciam o território e conseguiam fugir com facilidade, além de os europeus trazerem diversas doenças, as quais o povo indígena não tinha anticorpos necessários para combater e facilmente acabavam morrendo. A população europeia era pequena em relação a condições de transferir grande contingência de mão de obra. “Para

algumas regiões foram trazidos criminosos condenados ao exílio e também camponeses europeus iludidos por promessas de riqueza, trabalhando num regime que hoje chamaríamos semi-escravidão. Porém não era gente suficiente” (PIMENTEL, 1997, p. 23).

Para solucionar essa situação de falta de mão de obra para as lavouras de açúcar, os portugueses começaram a comprar pessoas.

Eles trocavam os negros por armas, rum ou cachaça e bugigangas com os mercadores africanos, depois vendiam os escravos na América, com lucros fabulosos... A história de que os negros não tinham alma, eram menos que humanos, todo o racismo foi inventado depois, para diminuir o sentimento de culpa (os europeus eram tão católicos...)” (PIMENTEL, 1997, p. 23).

Os europeus trouxeram também o capitalismo, sistema econômico baseado na acumulação de capital, fundamentado no lucro, que proporcionou por meio da valorização do capital em função da humanização. Como consequência o produto disso “foi negar ao negro qualquer humanidade: ele era tratado como um objeto, uma mercadoria – condição que, na verdade, é até hoje o que enfrenta toda a classe trabalhadora” (PIMENTEL, 1997, p. 23). Foram cerca 300 anos de escravidão, até o momento em que o tráfico tornou-se ilegal em 1850, porém ainda podemos ver muitos resquícios dessa ilegalidade por muitos lugares, “estima-se que tenham sido trazidos cerca de 3,6 milhões de africanos para o Brasil[...]. É nesse momento que começa todo o protesto, toda a revolta da música afro-americana. É o nascimento do espírito que até hoje sobrevive no rap.” (PIMENTEL, 1997, p. 23). A música foi um instrumento importante dentro do processo de escravidão muito reprimida, foi a forma que os escravos encontraram para manter sua cultura,

É o poder da música, que fala ao mesmo tempo à razão e à emoção. Esse jeito de ser dos africanos deu origem à primeira forma musical que os escravos encontraram para expressar suas emoções, nos campos de trabalho: o grito, em que o negro expunha sua revolta, sua dor, além de comunicar-se com seus irmãos, até mesmo quando tinha de passar uma mensagem secreta. Também da África os negros trouxeram as canções de trabalho (work songs), de frases curtas e ritmadas, com um puxador respondido por um coro. Você certamente já notou que o esforço físico parece menor quando se canta. Os brancos percebiam que com as canções os negros trabalhavam mais rápido, por isso permitiam que cantassem livremente. Algumas das work songs foram trazidas da África, outras eram inventadas no dia-a-dia mesmo[...]. Pense no famoso "Ensaboa, mulata, ensaboa...", do sambista carioca Cartola, para mentalizar melhor isso de que estamos falando. Mesmo depois da abolição nos EUA, em 1865, essas canções sobreviveram. O que mudou foi a sua temática, já que livres, em vez de enfrentarem a crueldade dos senhores, os negros passaram à marginalização, o desemprego, os baixos salários... (PIMENTEL, 1997, p. 24).

No Brasil o movimento territorial do hip hop, foi um importante fenômeno urbano, que “fez-se à margem e interstícios da indústria cultural. É uma prática social promovida pelos jovens pobres” (XAVIER, 2005, p. 65), se

nos Estados Unidos o rap é a voz das minorias que não cala as diferentes discriminações a que estão sujeitas, noutros locais esse papel libertador do rap e da cultura hip hop será igualmente abraçado por aqueles que se sentem discriminados, que sentem o peso da opressão, em sociedades ocidentais, ditas democráticas, onde a vontade da maioria vai castrando a vontade de algumas minorias (CONTADOR, FERREIRA, 1997, p. 133).

O surgimento do Hip Hop está relacionado a lugares onde a exclusão ocorre, na “América falamos de guetos, no Brasil de favelas, na África do Sul de townships, em França de banlieues” (CONTADOR, FERREIRA, 1997, p. 134), mas é importante lembrar que as características de cada lugar são únicas, “o gueto não é a favela, e a favela não é a banlieue. É esta legitimidade específica que aqui convém realçar” (CONTADOR, FERREIRA, 1997, p. 134). A legitimidade não está relacionada a um lugar, mas “é uma posição que se ganha a custo, sem tréguas na crítica social, e isso não é específico de nenhum grupo ou etnia. Brancos, negros, amarelos, ou castanhos: todos têm um lugar no universo do hip hop, bastando para isso haver força e vontade em fazê-lo” (CONTADOR, FERREIRA, 1997, p. 134).

Para obter a legitimidade é necessário que os hip hoppers comecem “a exprimir na sua própria língua, única forma de poderem comunicar com os outros que partilham o seu espaço”, este processo é o ponto de início,

quando falamos de hip hop local numa escala global. A utilização do inglês, a princípio, é rapidamente ultrapassada pelo uso da língua-mãe, associada, naturalmente, ao uso do calão, e quando tal acontece dá-se um passo em frente, enriquece-se o universo do hip hop. Daqui se excluem os locais onde o inglês é fluentemente falado, como a Grã-Bretanha. Passar da cópia do modelo americano, ao rap original é um processo de legitimação, de autenticidade de uma cultura hip hop, na essência global, mas com fortes características e particularismos locais. Formalmente único, o rap - MCing e DJing - sofre mutações de conteúdo – temáticas abordadas, língua, uso do calão, etc. - conforme o local em que se desenvolve (CONTADOR, FERREIRA, 1997, p. 134).

No Brasil, o hip hop se estrutura primeiramente nas metrópoles do país, se expandindo posteriormente a cidades do interior, seu surgimento está ligado a grandes centros urbanos como Rio de Janeiro e São Paulo. Respectivamente nesses lugares, o hip hop foi introduzido

por meio dos bailes blacks, funks e de subúrbio. O terreno mais propício para o hip hop se desenvolver foi na noite paulistana.

Em meados da década de 1980, já era possível ver na juventude traços do hip hop, em alguns locais já dançavam breaks e escutavam os primeiros raps. Grande influência para o hip hop os bailes blacks no Brasil foram os primeiros locais onde se manifestou o movimento, sendo os primeiros ritmos o soul e o funk, e por consequência o rap. Enquanto o movimento do hip hop se desenvolvia nos EUA, no Brasil desenvolviam os bailes blacks. “A partir dos primeiros Bailes da Pesada, organizados pelo discotecário Ademir Lemos e o locutor de rádio Big Boy, o Black Power espalhou-se pelo Brasil, sobretudo por São Paulo, Brasília e Salvador” (PIMENTEL, 1997, p. 14), além de nos eventos ocorrerem apresentações de “projeção de slides com cenas de filmes sobre os negros americanos, além de fotos de negros famosos, músicos ou esportistas brasileiros ou estrangeiros” (PIMENTEL, 1997, p. 14), em contraste ao que ocorria na educação do Brasil na época onde nos livros didáticos não se encontravam grandes figuras importantes negras, sempre valorizando o branco europeu como detentor de todas as transformações importantes do mundo, nesse contexto o hip hop favoreceu a valorização de uma etnia que é maioria no Brasil, mostrando muitas vezes o papel da sociedade mostrar, a verdadeira história, com os méritos a quem os merece.

O surgimento dos primeiros bailes que podem ser chamados de black music ocorreram nos anos 1970, na região central do Rio de Janeiro, depois foram se expandindo para zona norte, em seguida para zona oeste, sendo o Clube Carioca uma opção para os moradores da região sul, onde existia uma população de classe econômica mais elevada, nesse local eles também podiam usufruir do soul music, gênero não muito popular nessa classe. A capacidade desses bailes podia chegar a 10 mil pessoas. Esse processo atraiu popularidade como ocorreu na história que se desenvolveu nos EUA e com isso vem às consequências, que não foram muito diferentes do lado de cá. Repressão e criminalização do movimento.

Após esse momento o movimento ficou conhecido pela mídia que começou a chamá-lo de “Black Rio”, Paulão, dono da equipe Black Power, e Nirto e Don Filó, da Soul Grand Prix, chegaram a ser detidos pela polícia política da ditadura militar, o DOPS, que acreditava que por trás da organização dos bailes havia grupos revolucionários de esquerda” (PIMENTEL, 1997, p. 15), na verdade nessa época o movimento tinha como principal finalidade a diversão mas é evidente, como nos EUA, aqui o “despontar do orgulho negro incomodava o poder...” (PIMENTEL, 1997, p. 15).

Até esse momento foi apresentado o desenvolvimento do movimento black, funk, soul no Rio de Janeiro, pois foi daí que o hip hop obteve suas influências, porém aqui vemos que com o tempo, “a temática política foi desaparecendo dos bailes do Rio. O soul e o funk foram substituídos pelo miami bass, que se tornou conhecido como ‘funk carioca’” (PIMENTEL, 1997, p. 15).

O desenvolvimento do movimento black de São Paulo, nos anos 1970, que está muito relacionado ao Hip Hop, Milton Sales é um nome importante dessa época, “produtor dos Racionais, organizava bailes do Black Power em São Paulo” (PIMENTEL, 1997, p. 15). Nelson Triunfo e Nino Brown,

pioneiros do Hip Hop na capital paulistana [...] participaram da equipe de dança Funk & Cia. no início da década de 80, são alguns dos que se encarregam de manter viva essa conexão entre o Hip Hop e seus parentes mais velhos, guardando em casa raridades como os discos de Gerson King Combo e Toni Tornado, artistas black que estão para o rap brasileiro como James Brown para o americano. (PIMENTEL, 1997, p. 15).

Além de outros pioneiros no rap paulistano Thaíde e Dj Hum, importantes figuras do rap nacional, possuem uma música que chama “Senhor Tempo Bom” que mostra a relação do Black Power e sua evolução para o hip hop, também o destacando como movimento de protesto de forma não violenta, semelhante a formação nos EUA, sendo sua expressão por meio do desenho, da música e da dança, que é retratada nesse refrão

O tempo foi passando, eu me adaptando, aprendendo novas gírias, me malandreado, observando a evolução radical de meus irmãos, percebi o direito que temos como cidadão, de dar importância a situação, protestando para que achamos uma solução. Por isso o Black Power permanece vivo, só que de um jeito bem mais ofensivo, seja dançando break, ou um DJ no scratch, mesmo fazendo Grafite, ou cantando Rap[...]. Falei do passado e é como se não fosse, o que eu vejo a mesma determinação no Hip Hop Black Power de hoje. (Thaide e Dj Hum, Senhor tempo bom).

O rap era conhecido por “tagarela”, por causa da fala rápida do estilo na época (PIMENTEL, 1997, p. 17), os primeiros rappers se expressavam na rua, o instrumental das músicas eram latas, palmas e beat box (imitação de sons instrumentais por meio da boca), a evolução que ocorreram tanto nas letras pelos Mcs, quanto pelo beat box e também os arranjos das músicas executados pelos DJs são evidentes, notamos que os primeiros versos eram ingênuos, importante destacar que eram épocas de ditadura e que a repressão era evidente em todos lugares de manifestação de orgulho de algo que não representasse o governo. Nos anos de 1984/1985 Thaíde começa sua carreira e é citado o trecho de uma reportagem por Pimentel (1997, p. 18)

minha gangue me levou para uma festa, onde o DJ Hum tocava eu ainda não o conhecia. Nessa época eu já fazia algumas letras, mas não com o intuito de gravar um disco. Passados alguns dias, após essa festa, faleceu um amigo nosso que cantava, e eu fiz um rap em homenagem a ele. Ainda não existia o lance de alguém subir ao palco para cantar a música falada, eu fui o primeiro a fazer isso: cantei lá onde o DJ Hum tocava essa casa, a Archote, já fechou, e a rapaziada gostou muito. Depois de mais ou menos dois anos, na festa My Baby, eu cantei com um amigo, todos gostaram e pediram bis. Fomos para o camarim e lá começamos a conversar com produtores como Nasi, André e o Skowa. Eles nos disseram que tínhamos que levar nosso trabalho adiante.

Podemos identificar aqui que a história do movimento negro, é feita através da música também. Pimentel em seu livro vermelho do Hip Hop cita também Dj Hum, descrevendo como conheceu o hip hop em 1980 com a música considerada primeiro registro de rap português do Brasil,

foi nessa época que eu ouvi pela primeira vez um funk falado. Vocês podem perguntar: Funk falado? É isso mesmo! Quando o Rappers Dee Light estourou no Brasil com a Melô do Tagarela, toda a rapaziada que curti os bailes, da zona norte à sul e da leste à oeste, comentava sobre o novo tipo de funk, no qual o cantor falava sem parar. A ideia de que um novo tipo de música estava invadindo o país se confirmou quando estourou The Breakers, de Kurtis Blow. Como toda informação no Brasil demora a chegar (e até hoje é assim), não sabíamos que se tratava de um movimento cultural, no qual o canto era o rap, o tão comentado jeito de falar sobre a batida (PIMENTEL, 1997, p. 16).

Kl Jay, membro do Racionais Mcs, também é citado por Pimentel (1997), importante dentro do movimento explica como o hip hop chegou no Brasil,

chegou aqui como onda, a gente não sabia que o break evitava as brigas entre as gangues nos EUA, promovia uma mudança de comportamento. Não chegavam muito bem as ideias que estavam por trás da coisa, era tudo meio fragmentado... Um cara arranjava uma revista, traduzia naquele inglês macarrônico, levava para o pessoal... Se em São Paulo já era difícil conseguir informação, imagine nas outras cidades. Em Brasília, Jamaica, ex-DJ do Câmbio Negro, agora do Álibi, conta algo inusitado: Tinha um pessoal de classe média que se interessava pelo movimento: o DJ Raffa, o Leandronik. Eles moravam no Plano Piloto, em vez de nas cidades satélites, tinham mais condições financeiras, compravam vídeos americanos, viam as técnicas dos Djs estrangeiros. Para aprender, a gente via como eles faziam... (PIMENTEL, 1997, p. 16).

Mesmo com a repressão que ocorreu em todos elementos que o hip hop possui, ainda assim, não foi possível conter o movimento, muitas das gravadoras onde o rap foi aceito, são dos antigos organizadores dos bailes black da década de 1970. “As batidas ainda eram ‘quebradas’, muitas chegando ao miami bass, favorecendo os versos curtos” (PIMENTEL, 1997, p. 19). A reflexão das letras e do movimento foi estabelecida por alguns artistas que se

preocupavam não só com suas músicas, mas com o contexto social o qual estavam inseridos, muitas vezes expressando sua realidade, incomodava pessoas que olhando de fora o movimento entendia como uma revolta sem causa, e o marginalizava, Pimentel cita um depoimento de Thaide que explica a dificuldade de se expressar em determinados locais,

na época a gente já percebia muito bem a gravidade de problemas como a violência policial contra os jovens de periferia. Mas o pessoal costumava dizer que a gente só queria polemizar, que estávamos exagerando... Talvez, se tivessem nos dado ouvidos, a situação não estivesse tão grave hoje. Eu lembro que às vezes íamos cantar em certas casas onde o segurança era também PM e, pelo que parecia, justiceiro nas horas vagas. Eles ouviam "Homens da Lei" e depois vinham ameaçar a gente no camarim: "Vocês estão fazendo sucesso à custa da desgraça de outras pessoas". Eu respondia: "E vocês, que sobrevivem à custa da violência?...". A barra sempre foi pesada (PIMENTEL, 1997, p. 20).

Da mesma forma que ocorreu uma evolução nas batidas, cada vez mais sendo utilizado da tecnologia, os versos também tiveram suas mudanças, começaram sendo anedotas, “falavam do cotidiano dos b.boys, seus problemas na metrópole, ou até mesmo de amor[...]. Era também o tempo do ‘rap estorinha’” (PIMENTEL, 1997, p. 20), a intenção era se divertir, não havia uma preocupação ou crítica social envolvida, como foi descrito anteriormente a informação dos objetivos do movimento não chegavam claramente no Brasil, além de nos EUA ter se formado através da organização negra por mais direitos das pessoas, como esclarece K1 Jay, aqui chegou como “onda” foi apropriado, o espaço foi inserido na dinâmica, o contexto histórico que por mais que possua similaridades, ainda é muito diferente em diversos segmentos: econômicos, políticos, sociais, culturais, que trouxeram o regionalismo para dentro do movimento afim de se tornar uma manifestação territorial em cada lugar que se reproduz.

O desenvolvimento do movimento Hip Hop e conhecimento de seus ideais e objetivos começaram a amadurecer com o lançamento dos primeiros discos de rap nacional. Assim começa uma época de união e organização para o movimento crescer, onde como ocorreu nos EUA, entre as gangues violentas, que encontraram novas formas de conviver, conseguindo se organizar, ganhar espaço e se divertirem juntas, sem recorrer a violência, por meio da cultura de rua. No Brasil não foi muito diferente, os conflitos entre as gangues de São Paulo por território também ocorreu, mas para o movimento não acabar,

a necessidade de organizar-se, unir-se, surgiu inicialmente da marginalização dos b.boys. Existia uma dupla perseguição: de um lado, os policiais,

incentivados pelos comerciantes do centro da cidade, que se sentiam prejudicados com as apresentações dos jovens; de outro, as equipes de baile tentavam impedir o break nos salões, porque a maioria dos jovens negros ainda curtia o funk (PIMENTEL, 1997, p. 19).

Dj Hum, em reportagem para revista *Pode Crê* n. 4, também aborda a questão da desinformação em relação aos ideais do movimento e também dos objetivos,

Comecei a frequentar a São Bento e vi que tinha no local aquele lance de cada um por si. Cada gangue tinha seu espaço, tinha muito racha, muita porrada e muita potencialidade por parte de todos. Comecei a trocar ideia com a rapaziada, pois pintavam matérias de jornal para fazer, mas era ruim porque ninguém se falava. Aí eu fiquei sabendo que os caras mais radicais eram da gangue da qual eu fazia parte, a Back Spin. Fizemos uma reunião, a fim de nos juntarmos para melhorar as coisas. Aos poucos, foi se criando um respeito. Primeiro Nação Zulu começou a conversar com a Back Spin, depois a Crazy Crew e por fim a Street Warriors. Foi quando começou a dar para fazer festas na rua, e assim pintou mais mídia e o esquema para gravar pela Eldorado (PIMENTEL, 1997, p. 19).

Um movimento importante para o Hip Hop foi o desenvolvimento do break em São Paulo, como esclarece X, do grupo Câmbio Negro “porque foram ligadas a ele que surgiram as primeiras organizações dos b.boys brasileiros, as gangues” (PIMENTEL, 1997, p. 17), organização que colaborou para o crescimento dos elementos do hip hop. O ponto de início do rap nacional, encontramos nas rodas de break que ocorriam na estação de metrô São Bento, tão famosa pelos breakers, e posteriormente na Praça Roosevelt, importantes locais no centro da cidade de São Paulo de apropriação pelo movimento.

Outro elemento de destaque no movimento o grafite, integrou artistas da classe média que espalharam desenhos por toda a cidade, integrado a isso temos a pichação traço forte que se relaciona com o grafite, forma de protesto e expressão de quem não é notado na sociedade, é espalhado “tags” (assinaturas de apelidos ou nomes) que ganham notoriedade pelos lugares mais difíceis que são atingidos pelos seus praticantes. Em São Paulo pode-se notar por toda cidade grafites e pichações, citado por Pimentel, Arthur Hunold Lara, autor de uma tese que analisa a evolução do movimento de grafiteiros de São Paulo, estuda artistas ligados a Vila Madalena em sua maioria universitários e também ao estilo relacionado ao Hip Hop, contando desde sua criminalização, confundido com pichação, até a apropriação de espaços como museus e galerias :

O grafite significava uma alternativa para os jovens deixarem as páginas policiais dos jornais e configurava-se como um meio de expressão artística e

cultural com grandes possibilidades.(...) Olhando a quantidade de portas de oficinas e lojas desenhadas pelos grafiteiros na periferia, pôde-se ter uma clara noção da força do movimento e de sua penetração nesses bairros (PIMENTEL, 1997, p. 17).

Os 4 elementos do hip hop estão explicados no quadro a seguir, elementos que serviram para que o hip hop se desenvolvesse em qualquer local do mundo, são instrumentos que possibilitaram a expressão e voz de uma população excluída, e que por meio de arte pode transformar a realidade. Segundo Xavier (2005) os elementos do hip hop são:

Break	representa a dança e tem suas origens entre os porto-riquenhos. Foram os jovens latinos que introduziram o Break nos guetos de Nova York. Eles competiam através da dança, deixando para trás as disputas violentas – constituindo-se, portanto, em um elemento positivo que inibia a violência e incitava a criatividade. Através da criatividade de uma ação cultural esses jovens mostravam seus descontentamentos e insatisfações, e neste caso, a linguagem utilizada para a comunicação é a dança.
Grafite	O grafite surge a partir da <i>Tag</i> , que é uma espécie de assinatura, que foi apropriada e utilizada pelas gangues na delimitação de seus territórios, os espaços de sua ação nos guetos. Mas para a continuidade do que posteriormente se constituiria em uma manifestação artística, aos poucos foram sendo introduzidos desenhos e letras quebradas e garrafais de difícil entendimento para quem não era do movimento. Nos grafites também é aberta a possibilidade de emitir mensagens.
MC	“O canto falado acompanhado por determinado ritmo é criação dos jamaicanos, a sofisticação do rap aconteceu por conta dos americanos” (ANDRADE, 1996, p. 119). O <i>rap</i> em território norte-americano foi aperfeiçoando-se, adotando novas técnicas. Nas festas além dos dançarinos de break haviam aqueles que improvisavam discursos acompanhando o ritmo da música, os <i>mc</i> 's que faziam uso da improvisação na elaboração das letras no desenrolar da festa. Esta iniciativa acabava por fazer com que as disputas entre as gangues se mantivessem artisticamente.
DJ	O <i>rap</i> ( <i>rhythm and poetry</i> – ritmo e poesia) teve sua origem na Jamaica, entre as décadas de 1950 e 1960. O bailes acabavam tendo por finalidade além da diversão da população, o discurso dos “ <i>toaters</i> ”, que cantavam os acontecimentos sociais. Muitos desses jovens migraram para os Estados Unidos na década de 1970 em busca de melhores condições, levando para lá esta manifestação cultural que posteriormente foi incorporada pelos jovens dos guetos.

Quadro 1 – Os 4 elementos do hip hop.

Um marco histórico do Hip Hop no Brasil, ocorreu em 1989, “quando Milton Salles propôs a criação do MH20, Movimento Hip-Hop Organizado” (PIMENTEL, 1997, p. 21). Segundo a tese de Elaine Andrade citada por Pimentel (1997), a institucionalização do movimento representa,

esse ponto como divisor entre a velha e a nova escola do Hip-Hop nacional. Foi um momento em que o perfil dos integrantes do movimento mudou bastante: os jovens que tinham começado a dançar break no centro da cidade tinham envelhecido, Hip-Hop já não era moda, muitos ondeiros abandonavam o break. Ao mesmo tempo, o rap se consolidava como autêntica trilha sonora da periferia, sendo definitivamente escolhido pela juventude negra (claro, a maioria da população pobre) como representante de suas ideias. E o movimento sentia o impacto do trabalho de dois grupos que abalavam tudo o que se conhecia em matéria de rap: NWA e Public Enemy (PIMENTEL, 1997, p. 21).

Por meio desses grupos que expressam músicas de protesto e crítica social, como também através de biografias e livros que mostram a história e a situação social da população negra, injustiças e estratégias para combatê-las, foi possível uma evolução no autoconhecimento, Pimentel (1997) para explicar essa mudança de atitude dentro do movimento hip hop usa o artigo "Arte e Educação: A Experiência do Movimento Hip Hop Paulistano", no livro "Rap e Educação, Rap é Educação", do antropólogo José Carlos Gomes da Silva que explica que biografias importantes sobre origens e a trajetória da população negra como também análises sobre a situação do racismo no Brasil fizeram parte da leitura dos rappers,

nesse momento os rappers enfatizaram que o 'autoconhecimento' é estratégico no sentido de compreender a trajetória da população negra na América e no Brasil. Livros como 'Negras Raízes' (Alex Haley), 'Escrevo o que eu Quero' (Steve Byko), biografias de Martin Luther King e Malcolm X, a especificidade do racismo brasileiro, especialmente discutida por Joel Rufino e Clóvis Moura, bem como lutas políticas da população negra, passaram a integrar a bibliografia dos rappers (PIMENTEL, 1997, p. 21).

Como notamos nos EUA, onde possuía "crews" organizações que principalmente tinham a finalidade de divulgar a cultura, de formas diferentes, no Brasil, além MH2O (Movimento Hip Hop Organizado), no mesmo ano ocorre a posse do Sindicato Negro, fundada por frequentadores da Praça Roosevelt em São Paulo, onde permaneciam os rappers, posteriormente "surgem a Posse Força Ativa, na Zona Norte com 52 grupos de rap, além de Conceitos de Rua, Aliança Negra, Símbolo Negro, Mente Zulu, Movimento Hip-Hop de Diadema, Posse Haussa, Negroatividades..." (PIMENTEL, 1997, p. 21). No Brasil a importância dessas organizações foram maiores as que ocorreram nos EUA, pois além do objetivo de união e diversão, mas podendo até ser consideradas como educação alternativa por alguns estudiosos,

as posses assumiram tal importância no Brasil que em sua atuação superaram até mesmo as suas irmãs norte-americanas. Nos EUA, as posses, ou crews, em geral tinham como objetivo procurar meios para divulgar e expandir a cultura Hip-Hop, organizando espetáculos, mostras, gravações de LPs e CDs etc. As posses brasileiras foram muito além dessa inspiração inicial dos americanos: passaram a realizar também atividades políticas e comunitárias (PIMENTEL, 1997, p. 21).

A multiplicação das posses em São Paulo Foi tamanha que nos anos de 1990 havia uma pra cada região distrital da capital, se expandindo para municípios da grande São Paulo

chegando até ao interior do Estado como Jundiá e áreas litorâneas como Santos, entre outras. Com o tempo vimos muitas dessas posses

terem se dissolvido, por problemas específicos, e outras terem sofrido transformações – como a que levou a Posse Mente Zulu a se tornar um grupo de rap com o mesmo nome –, ficou para o Hip-Hop brasileiro a herança da experiência da organização em grupo para a realização do bem comum. Posse, gangue, associação cultural, Ong (organização não governamental), ou qualquer outro nome, o importante é saber trabalhar coletivamente... (PIMENTEL, 1997, p. 21).

Portanto, a história do hip hop mostra que por meio de uma insatisfação e da falta de espaços adequados para a qualidade vida e expressão da cultura se fez necessário a organização de grupos que pudessem lutar e resistir contra todas essas injustiças que ocorreram e para mostrar sua importância. Pelo hip hop foi possível que uma população excluída de diversos lugares do mundo pudessem ter voz esses grupos excluídos foram escutados por muitos. A manifestação na cidade ocorre primeiro pela mobilização de pessoas que encontram naquele local diversos problemas sociais e estruturais, ao longo dos anos ocorre a incorporação de pessoas de outras classes sociais pela expansão do movimento.

Na cidade de Alfenas-MG não foi diferente, pela falta de espaços culturais, e pela grande quantidade de problemas sociais visualizados na periferia da cidade foram os fatores como em diversos outros locais do mundo que impulsionaram o crescimento da cena hip hop.

Os integrantes para o movimento já existiam na cidade, e existiram por muitos anos, o que faltavam eram espaços para que a arte pudesse ser expressada, mas foi recentemente que o movimento hip hop de Alfenas se consolidou, não sendo apenas local, contando com cidade integrantes de cidade vizinhas que se mobilizam e trocam informações e materiais afim de fortalecer cada mais a cultura hip hop no sul de Minas Gerais.

## **4 - MOVIMENTO TERRITORIAL DO HIP HOP EM ALFENAS: HIP HOP DA ZR (ZONA RURAL)**

### **4.1 – Processo de formação do movimento em Alfenas: barreiras, lutas e atores**

O surgimento do atual movimento territorial do hip hop em Alfenas é consequência da falta de espaços para expressar a cultura de rua. Em entrevista com agentes do movimento é esclarecido que pelos anos de 2013/2014, não havia eventos de hip hop na cidade, sendo que aos poucos surgiam atores da cultura de rua local que queriam expressar sua arte, b.boys, mcs, grafiteiros e djs. Rômulo Spuri (2018) agente importante dentro do movimento esclarece como desenvolveu os primeiros passos do hip hop na cidade, a partir de sua vivência:

[...] um pequeno movimento assim, uma coisa bem embrionária [...], surgiu quando eu tinha algumas coisas, algumas poesias no caderno, [...] eu fui procurar na época do orkut, ou começo do facebook, e vi que tinha e queria gravar aquilo mas não tinha nenhum evento de hip hop na cidade, não tinha nada que eu pudesse encontrar pessoas que pudesse fazer isso, ai eu corri atrás no facebook, lá mesmo, ai encontrei o Madruga até então ele fazia umas paradas de funk, e ai eu fui atrás dele, perguntei se ele conseguiria gravar um rap, ai a partir desse momento falou que dava pra gravar, fui para a casa dele a gente gravou 3 guias, 3 sons, não gravou versão final, mas fez as 3 guias, a partir daí, tipo assim, pra mim começo o movimento hip hop em Alfenas, eu vivenciando saca, por mais que naquela época era só eu e ele ali não tinha evento o corre que a gente fazia, pra pelo menos tá junto trocando ideia como poderia ser a cena, já planejando algo que depois mesmo não tenha algo concreto já estava iniciando. O Madruga já falava lá atrás, já tinha o estúdio que é o mais difícil de ter, ai só faltava a galera, mas pra ter a galera precisava do movimento dai o movimento pra mim surgiu ali, daí passou...

O Rodrygo Monteiro conhecido por Madruga foi o elo que o Rômulo encontrou na cidade para se mobilizar e começar a desenvolver a ideia de crescimento para a cena do hip hop, mas as influências já existiam, nesse período, na cidade de Alfenas aconteciam eventos, pelo mesmo motivo de falta de espaços para se expressar cultura. Esses eventos em sua maioria eram organizados por alunos (as) da Universidade Federal de Alfenas e também pessoas da própria cidade e região, todos(as) voluntários(as). O Rock Rural, festival que era realizado pelo coletivo Suavis, integrado ao Circuito Mineiro de Festivais Independentes e a Rede Brasil de Festivais,

O festival Rock Rural foi criado no final de 2010, reunindo um grupo de amigos interessados por uma cultura musical alternativa na cidade de Alfenas. O evento foi crescendo a cada edição, que inicialmente acontecia a cada 6 meses. No início de 2012 o Coletivo Suavis se oficializou, ampliando as trocas de experiências e parcerias com outros coletivos e produtores do estado de Minas Gerais e São Paulo, inclusive a rede Fora do Eixo. A partir desse ano o evento passou a ser realizado anualmente, com uma cara nova, mesclando as apresentações musicais com atividades formativas e outras apresentações artísticas. Em cinco edições o festival realizou apresentação de 21 bandas, e sua última edição trouxe ainda oficinas, debate, apresentação de cinema e teatro. E desde sua fundação o Coletivo Suavis construiu todas as edições do festival com trabalho voluntariado e colaborativo de seus produtores, sem fins lucrativos (UNIFAL-MG, 2014).



Figura 2 – Cartaz do festival Rock Rural sexta edição.



Figura 3 – Cartaz do festival Rock Rural sétima edição.



Figura 4 – Cartaz de programação do festival Rock Rural sétima edição.

Rômulo cita o Festival de Artes e Interações Socioculturais (FAISCA) como influência, tendo um contato importante com um músico influente,

o FAISCA, inclusive rolo o Lews Barbosa que é representante da cena rap nacional do Potencial 3 ele veio no primeiro FAISCA, aquilo já foi uma referencia, no FAISCA ele apresento o slam, e a equipe deles fico intimando, provocando bastante pra continuar com essa parada, vamos fazer pelo menos

uma vez por ano o slam aqui, junto no mesmo tempo que eu tinha um grupo de rap e o slam, e estava começando aquela ideia da galera fazer umas batalhas de rimas mas nada oficial (SPURI, 2018).

O Lews Barbosa, “rapper, poeta, slamer e arte-educador, nascido e criado no bairro do Ipiranga na capital paulista, [...] está no cenário do Rap paulistano desde 1989 e é um dos fundadores do grupo de rap Potencial 3” (GENIUS, 2018) incentivou o desenvolvimento da modalidade do *slam*, que são campeonatos de poesia, uma “batalha de versos” com sua origem como espaço de expressão literária da periferia criado paralelamente ao movimento hip hop nos EUA em Chicago (NEXO, 2016). Atualmente em Alfenas a modalidade do *slam* é integrada aos eventos de hip hop.

O FAISCA, projeto que oferece oficinas e espetáculos nas áreas de música, teatro, dança, cinema, artes plásticas, fotografia e literatura, segundo informações do site de projeto de extensão da Universidade Federal de Alfenas,

A iniciativa do festival partiu da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG) e conta com a parceria da Prefeitura de Alfenas por meio das secretarias de Educação e de Esportes, Lazer e Juventude, do Coletivo Suavis, do DCE da UNIFAL-MG e da Fundação de Apoio à Cultura, Ensino, Pesquisa e Extensão de Alfenas (FACEPE). O projeto enfatiza a importância da articulação entre instituições e do colaborativismo para promoção da cultura e sustentabilidade [...]. A programação do FAISCA destaca artistas do Sul de Minas e de outras regiões do país. Além das atividades culturais, o projeto oferece oficina de bioconstrução que será o início da criação de centro de convivência ecológica no Campus Santa Clara da UNIFAL-MG. As atividades do festival serão realizadas em espaços públicos da cidade e no campus da Universidade Federal de Alfenas. A utilização de equipamentos públicos e o acesso à produção artística de alta qualidade contribuem para o bem estar e uma maior qualidade de vida a todos [...]. A equipe de produção é composta por estudantes e membros da comunidade atuando de forma voluntária (UNIFAL-MG, 2014).



**Figura 5** – Cartaz festival do FAISCA 2016.

Segundo o universitário Vitor Devechiati, membro do Coletivo Suavis,

o FAISCA é uma grande oportunidade para inserção de Alfenas e região no circuito cultural nacional, a exemplo de outras cidades que realizam festivais de referência no Brasil. A grande quantidade de festivais de artes integradas sendo realizados com êxito, são a prova que iniciativas como a do FAISCA geram resultados extremamente positivos para a população [...]. O FAISCA é um sonho coletivo que vem tomando forma e irá se concretizar (UNIFAL, 2014).



Figura 6 – Cartaz festival FAISCA 2016.

Infelizmente, tanto o Rock Rural como o FAISCA, não aconteceram mais na cidade de Alfenas, muitos de seus organizadores migraram para outros lugares, devido a diversos fatores e com isso esses eventos não aconteceram no ano de 2017, atualmente a organização está se reestruturando para promover mais festivais de arte e cultura, mas a importância deles ainda pode ser vista através dos registros de fotos e vídeos que podem ser encontrados na rede social Facebook e também no site da UNIFAL-MG, essa foi a semente do atual movimento territorial do hip hop, essa organização coletiva e voluntariada trouxe a oportunidade do desenvolvimento da cultura popular em sua forma mais autêntica, contra a cultura de massas.

Esses eventos serviam como espaço para expressar diversas culturas enaltecendo a cultura local e de pouca visibilidade, até então. Foram importantes influências para o movimento territorial do hip hop que seguiu organizações similares, tendo como principal fonte de criação desses movimentos a falta de espaços para expressão da cultura popular da cidade, ainda no site da UNIFAL no projeto de extensão do evento FAISCA o Superintendente da Cultura de Alfenas em 2014, Ney Lima esclarece a importância desses eventos e das parcerias que “fomentam a cultura nas comunidades e contribuem para estreitar a relação entre instituições, agentes culturais e comunidade. Todo o município ganha com

isso. Projetos inovadores como o FAISCA, mantém viva as diversas formas de expressão cultural da nossa cidade” (UNIFAL-MG, 2018). Segundo o produtor cultural da época

Ivanei Salgado, da UNIFAL-MG, a proposta do FAISCA é interagir diversas áreas culturais encarando a arte como transformadora de realidades e não apenas como forma de apreciação. Pela arte é possível estabelecer uma relação de diálogo com as pessoas e, ao mesmo tempo, expressar sentimentos, emoções, sonhos e anseios (UNIFAL-MG, 2014).

Na programação desses eventos ocorriam shows de diversos estilos musicais inclusive o rap, mas também era encontrado diversas linhas culturais como poesia, teatro, oficinas e outras expressões também. Esses tipos de eventos influenciaram o movimento territorial do hip hop mostrando que com a mobilização e engajamento das pessoas era possível por meio da iniciativa própria criar espaços de cultura de rua para a cidade. Como forma de escape para o contato com a violência e o crime.

Durante um período, ainda na época de 2014, Rômulo e Madruga se empenharam em encontrar mais pessoas que pudessem ajudar na organização do movimento hip hop em Alfenas,

ficamos procurando pela cidade inteira quem poderia fazer rap com nós, uns cliques, se a gente fosse fazer um evento se ia ter alguém na cidade pra canta nos eventos a gente fico 1 ano procurando até que, falavam que tinha o Sandro[...] que gravou 3 raps com ele [Madruga], gospel, mas que no momento ele estava detido de liberdade (SPURI, 2018).

A relação de Sandro com Madruga era tão próxima e ligada pelo hip hop que em

carta do Sandro depois de 1 ano, que ele mando do presídio falando o tanto que o Madruga tinha sido importante nos corres dele, tá lá dentro do presídio dando oficina de rap, tinha desencanado de ficar causando treta e que o Madruga como abriu as portas pra mim, abriu pra ele também, gravou uns cliques, a carta é pesada e foi isso...(SPURI, 2018).

Madruga morava no Jardim Primavera em Alfenas-MG, Rômulo descreve o local e os instrumentos que possibilitaram o desenvolvimento da cultura como “mo humilde o barraquinho dele lá, mas dentro do quarto dele tinha uma capela, tinha a cela de gravação, os equipamentos tudo profissional que *beat maker* foda tem, akai, controladora, microfone, placa de áudio” (SPURI, 2018), mas por uma melhor condição de vida ele se mudou para Pouso Alegre. Posteriormente, passado uma semana, Rômulo conhece Calixto e Maisena dois amigos que estavam começando a fazer músicas de rap e eram da cidade de Alfenas, “estavam fazendo um som e achei muito doido e falei, [...] já tem os caras e não tinha mais

lugar pra gravar, mas ai eu fiquei naquela *bad*, falei: não pelo menos evento a gente consegue, porque pelo menos tem atração de rap. Aí eles começaram a cola em casa a desenvolver a ideia” (SPURI, 2018).

Segundo Rômulo Spuri as batalhas de rima “começaram com o primeiro Coliseu Cultural”, mas a influência para a criação desse evento surgiu uns meses antes com,

o Fo da loja Skate e Cia. Fez um evento de hip hop no Pinheirinho e ele chamou pra ajudar e toquei fiz um som lá, fotografei, fiz umas paradas assim, e a partir daquele momento foi uma lâmpada que acendeu pra mim também, da hora fazer evento, é da hora, me pôs mais gás, coloquei isso no *power point* imprimir, e levei para prefeitura ai começou a ideia do Coliseu né (SPURI, 2018).

O desenvolvimento do atual movimento do break em Alfenas teve seu início nesse evento produzido pelo Fábio Sossur (Fo), e também foi nele onde ocorreu a aliança entre o Rômulo e a galera que fazia parte do break da cidade por meio do integrante João Zulufu, esse encontro marcou o início de uma grande parceria e é contado em entrevista “perguntei se podia contar com ele e a galera do break, ali foi o primeiro contato, eu convidei. João já falava sobre a necessidade de role de hip hop em Alfenas no facebook, ai eu comentei que tá vindo e chamei ele, falei chega junto com a galera do break” (SPURI, 2018). A consolidação dessa união pode ser vista através da primeira edição do evento Coliseu Cultural<sup>1</sup> em 2014 que “não teve a batalha de *break*, as atrações eram um show, batalha de mc, mas tinha uma atração que era expressão cultural completou com a galera do break, ai foi meu primeiro contato, e eu fiquei encantado com a união, a partir dai comecei a admirar o break e só rolou” (SPURI, 2018).

O evento Coliseu Cultural um dos principais em relação ao hip hop na cidade, onde se conseguiu unir os 4 elementos do movimento, além do slam e outras atrações culturais fora do hip hop, surgiu da necessidade de um local para os apaixonados pela cultura hip hop terem para se expressar e mostrar suas criações, Spuri (2018) esclarece como ocorreu

juntei a ideia, tem um grupo de rap pra canta, o slam pra fazer, tem a batalha de mc, ai o Calixto queria fazer fresstyle, o Thor, o Chavez também estava ali produzindo som, se não me engano bicicleta na chuva eu não tinha contato com ele ainda, mas já sabia que tinha alguém da Unifal que fazia um

---

<sup>1</sup> O nome Coliseu Cultural foi criado relacionando o local onde ocorre uma praça que tem um formato de coliseu, e o que se propõe no evento que é a cultura de rua.

rap, também queria, sabia que tinha pelo menos uns 4 pra começar a batalha de rima.



Figura 7 – Cartaz do primeiro evento do Coliseu Cultural.

O evento foi construído em parcerias com o Estúdio Casa no Campo, Coletivo Suavis e o Movimento Poético Sua Poesia criaram a 1ª edição do Coliseu Cultural, um evento que chega pra suprir a carência de um ponto de encontro e expressão de artes relacionadas a cultura de rua em Alfenas.

O evento propõe unir os poetas contemporâneos e oferecer espaço para suas respectivas apresentações. A Prefeitura Municipal de Alfenas, por meio da Secretária Secretaria Municipal De Educação E Cultura De Alfenas e Secretária Municipal da Juventude, Esporte e Lazer apoiaram esse evento.

Esses eventos fornecerem visibilidade e espaço para que os artistas mostrassem suas habilidades, posteriormente o Coliseu Cultural foi o espaço criado para esses grafiteiros, além de, mostrarem a sua arte, também serviu para que de outras regiões também se inserissem no movimento territorial do hip hop como artistas paulistas “no primeiro Coliseu que teve já convidamos um brother de São Paulo para grafitar e esse foi o meu primeiro contato com o grafite” (SPURI, 2018).

Por meio das entrevistas com os participantes do movimento territorial do hip hop foi possível notar que antes a esse atual movimento, já existiam outros movimentos do hip hop que tentaram manter viva essa cultura na cidade, mas que devido a dificuldades como por

exemplo o preconceito com uma cultura que surge primeiro nas periferias, segundo Spuri (2018),

estamos numa cidade do interior sul de minas, cidade conservadora, e é normal rap 10, 20 anos atrás não ter espaço. Eu considero do mesmo modo, como eu comecei com o Madruga, eu conheço um grupo que a 20 anos atrás começou a escrever musica de rap em bases clássicas de rap nacional, pra poder cantar na festa de final de ano da família, então não movimentava uma cena mas já fazia de certa forma um hip hop porque eles tinham reconhecimento do bairro Campos Elísios, fazia um rap de família mas como o bairro é tudo família é o bairro inteiro, então o bairro inteiro estava escutando eles cantar, isso a 20 anos atrás.

As origens do hip hop em Alfenas, podem ser antigas, mas o movimento está mais consolidado nos últimos anos, mesmo assim, não deixam de ser importante para a evolução da cultura na cidade, Spuri (2018) ainda continua a trajetória do hip hop na cidade,

a 10 anos atrás tinha a galera que é o Emerson e o Fo, o Pompílio<sup>2</sup> deu uma mão, mas quem estava de cabeça era o Emerson lutando pelo Hip Hop a 10 anos atrás com o evento Hip Hop Pela Paz lá no poliesportivo que já tinha batalha de break, de rap, dj, e com certeza aquilo era uma cena e não era pequena e era grande porque já encontrei gente de fora, uma galera que quando falei que era de Alfenas lembrou que tinha aquela galera, tinha aquela cena e tudo mais.

Em 2008, foi o primeiro evento estruturado que o Emerson Alves de Lima conseguiu produzir na cidade de Alfenas, O Hip Hop Pela Paz, em entrevista Emerson esclarece como surgiu o hip hop em sua vida,

eu moleque ali no Campos Elíseos, o sonho de estar num show de rap, estar num evento, ai caiu na condição de estar fazendo parte, depois de ter conhecido vários eventos da região, várias cidades, Varginha, Boa Esperança, Campo Belo, de estar indo, prestigiando. Ai com a força e ajuda deles, conseguimos fazer aqui também, só que o hip hop aqui em Alfenas tinha um preconceito, por causa de um show do Facção Central que foi anunciado e não foi concluído e o local o Sindicato Rural foi quebrado, todas janelas quebradas, mó bagunça, mó treta, dai pra frente, nós tivemos que resgatar a alma do hip hop, no nosso primeiro evento ali, foi em 2008 O Hip Hop Pela Paz o primeiro, e estamos continuando ai a mais de 10 anos (LIMA, 2018).

As influências para que o evento O Hip Hop Pela Paz fosse criado também é abordado por Lima (2018),

---

<sup>2</sup> Prefeito de Alfenas entre os anos de 2005 e 2011, e deputado estadual entre 2011 e 2014, pelo Partido dos Trabalhadores (PT).

eu fui em um evento em 2006 em Varginha, do Expressão Ativa, pelo Chicão e o Xandão que tinha uma rádio comunitária de rap chamada Sexta Rap, ah não Melodia Rap, Sexta Rap era de Paraguaçu que eu acompanhava toda sexta, o Hip Hop do Xandão e Chicão todo sábado, eu vi um anúncio ali, chegamos até a prefeitura de Alfenas, o prefeito na época era o Pompilio do PT e nos deu o transporte, para nós irmos ao local, em 2007 em Boa Esperança fui no Show da Família onde teve uma batalha de break realizado pelo Robson da CCPA é uma associação que eles tem lá a muito tempo e se chama Associação Cultura Pensamos para Agir. Ai eu vi que na verdade o Hip Hop não era aquilo que eu pensava. O hip hop é o respeito e organização, [...] hip hop é cultura que resgata as almas, as vidas e salva muita gente. E daí surgiu a ideia de fazer aqui também, pedimos apoio novamente ao prefeito Pompilho, aí chegamos trocamos ideia com o Robson pra ele estar ajudando nós, organizando o evento aqui, além da experiência pela pouca idade ele apoio nós e foi maior sucesso o evento teve arrecadação de alimentos muitos quilos [...] não recordo quantos mas foram muitos e umas 30 cidades vieram prestigiar.

O hip hop se desenvolveu na cidade primeiramente pelo “break, o break conquistava as crianças pela forma de dançar, pelo movimento” (LIMA, 2018), mas atualmente temos todos os elementos integrados na cidade, os que são mais fortes são o Break e o MC. Em relação a resgatar a memória da história do hip hop em Alfenas LIMA (2018) esclarece como foi o seu contato mais antigo com o movimento,

chegar a conhecer de estar indo nos eventos eu não consegui ir pela idade eu era muito novo, mas eu ouvia falar de quem ia. Era o Dj Milton morava no Primavera que juntamente com o pessoal da Master Break que fizeram o evento e o show do Zona Proibida, no Poliesportivo. O Dj Batata fazia uns eventos também que apoiava o grupo de rap que tinha no Pinheirinho eu não me recordo o nome mas foi um dos únicos grupos de rap de Alfenas depois de muito tempo e daí não ficou muito tempo também. Os eventos até 2004 no máximo que foram feitos, Dj Batata hoje é falecido, Dj Milton mora em São Paulo e o hip hop aqui não era tão aceito, [...] era mais disputa de Street Dance, festivais de Street Dance, que é a dança de rua depois da proporção maior que veio tomando seu espaço e hoje é uma das culturas mais que a periferia tem acesso. Não só periferia né, a cidade inteira.

Essas pessoas que se esforçaram e deram o sangue pelo movimento hip hop na cidade, muitas vezes anônimas e voluntárias, são os verdadeiros protagonistas da cena, e responsáveis pela territorialização do movimento. Com o passar dos tempos surgem mais grupos voluntários para criar e fortalecer a cultura de rua na cidade, essa galera é lembrada nas entrevistas por mais de um, essas pessoas eram

o Dj Batata que tinha um programa de hip hop na radio pinheirinho[...], na radio ali começa fazer uma hora de programa tocando hip hop nas rádios, já disseminava, o Dj Milton também hoje não tá aqui, mas fazia uns bailes,

podia considerar formação de cena, depois o Madruga produzindo o Sandrão o que mando a carta (SPURI, 2018).

Posteriormente, surgiram os eventos culturais organizados por coletivos, não sendo eventos propriamente de hip hop, mas que já começavam a se instalar os elementos do hip hop na cidade com uma maior visibilidade e integrado a outras regiões.

A evolução do grafite em Alfenas-MG foi algo pontual de alguns artistas, que aos poucos foram sendo integrados no movimento, não só de artistas da cidade, mas também da região, a influência vem dos eventos já citados no trabalho como o Rock Rural e o Faísca que já convidavam artistas da região para expressar sua arte, segundo Spuri (2018) “eu já encontrava com uma galera o Projeto Consonância desde as épocas do rock rural, o coletivo Suavis tinha contato, tinha o hip hop no evento deles também, Dais com o DGO (Projeto Consonância), tava ali, não era eu organizando, mas já tinha ali na cidade”.

o coletivo Suavis, com Vitinho, Bola, Morelo, Porco, já estavam com uma ideia muito boa do Rock Rural, já estava na rede do Fora do Eixo, fez contato com o Consonância, já levaram eles, já estava começando a cena. O Coliseu meio que junto tudo deu uma unificada e viro referencia no hip hop (SPURI, 2018).

O atual movimento territorial do hip hop em Alfenas, segundo Spuri (2018) tem como objetivo,

expandir cada vez mais e cumprir seu papel social cultural e de lazer pra cidade [...], se posicionar melhor em relação as causas políticas, o hip hop é um movimento político, não tem como falar que tá ali só pra entretenimento, só de lazer, mas cada ato cada movimento de hip hop você tá tramando no social, ali na conscientização de pessoas, trabalhando pra lembrar que existe desde o Broklin lutando pelas causas deles, pela causa do oprimido, de opressão e a galera cada vez mais buscar conhecimento.

A visão de Lima (2018) também é exposta aqui segundo ele o objetivo do hip hop em Alfenas,

O objetivo maior hoje é resgatar vidas, formar cidadãos, porque no primeiro show que eu fui 2006, eu fui pensando no hip hop de uma forma, e continuei pensando por não conhecer totalmente a pessoa que estava organizando, mas em 2007 eu conheci uns caras que fez o evento lá em Boa Esperança o grupo de rap Conhecimento Supremo que mudou totalmente meu pensamento. Achava que o rap era crime, que o hip hop só tinha bandido, eu achava dessa forma, pensava dessa forma, vivia dessa forma e dali mudou meu pensamento mudou meu ponto de vista, a forma como vivo hoje e me fez refletir, dai eu pude ver que o hip hop não era nada daquilo que eu pensava e sim um movimento cultural pra ajudar a todos que estavam necessitados,

precisando de algo mais próximo que na verdade na periferia, o mais próximo que tem é o hip hop, que faz o trabalho na periferia diferente de muitas outras organizações. Ali eu pude conhecer os caras que tá ai a mais de 10 anos hoje, somando com nós, conhecer eles de uma forma que de chegar a almoçar, jantar, ficar na casa deles, que a humildade toma conta e ali mudou meu pensamento. Isso é o hip hop pra mim, o hip hop é a união, o hip hop é o amor, o hip hop é como posso ti falar... é a principal ferramenta que salva vidas no país, nenhum órgão público salva vidas igual o hip hop.

O que notamos em relação aos objetivos do hip hop em Alfenas é que as pessoas que se envolvem com as organizações do evento acabam se relacionam mais com a essência da cultura hip hop, cada território acaba por ter suas próprias características, os problemas sociais que são vividos em cada lugar são singulares, e o hip hop acaba por dar visibilidade a isso, como era em sua origem denunciando todas as injustiças vividas numa crise social que os EUA vivia, saindo de uma metrópole, e indo para uma cidade do interior do sul de Minas Gerais, constatamos que não são os mesmos problemas.

A composição étnica muda, a estrutura da região, sem contar a proximidade do urbano e rural que ocorre aqui na região. Com isso nem todos acabam por incorporar os verdadeiros ideais do hip hop, os mais envolvidos como quem participa das batalhas de rimas, break, beat e grafite, acaba por conhecer melhor essa essência, mas a juventude que só tem no hip hop um entretenimento que não conhece o movimento como realmente é, acaba por ter um objetivo mais desconexo com o real movimento, tendo cada sujeito uma visão diferente. Como esclarece Spuri (2018) “muito oprimido que poderia estar usando do hip hop para lutar pelos seus direitos e não luta sabe, acho que a galera poderia estar mais engajada com essa ferramenta enxergar que é muito além do estilo musical, uma cultura de resistência mesmo, de proteção de oprimido”. Mas Rômulo Spuri (2018) ainda enaltece a cena hip hop em Alfenas através de

feedback da galera de fora, importante de pessoas que está a 20 anos na cena ai Ralph, [...] que já está experiente que fala que Alfenas está vivendo o real Hip Hop assim sabe de ver de chegar dos eventos de fora todo mundo atento participativo, então o feedback de fora assim pra tirar um pouco da minha perspectiva é que está bem nos primórdios comparando[...] com hip hop de maneira em geral não que ele está escasso mas o que está na mainstream, na vitrine, não é o real hip hop não estou generalizando mas muito do que está ali é mais cultura pop dando o seu talento, mas o real hip hop das quebradas de mostra pra molecada o potencial deles e tudo mais isso ai é pouco comparado, eles vem pra cá, e fala: poucos lugares tem tanta essência real do hip hop.

Com esse objetivo de tornar a população que carece de recursos e que, além disso, é esmagada pelo sistema não conseguindo conquistar os seus direitos mais básicos, sempre irá surgir dificuldades para crescer um movimento que luta pelos direitos dos menos favorecidos, com isso a maior dificuldade é o envolvimento de mais pessoas do movimento para organização de mais espaços que os elementos do hip hop possam crescer e se desenvolver o que encontramos em Alfenas é “muita gente gosta, pouca gente se envolve ainda, e não é por menos, é a ideia do conservadorismo, a maioria que está envolvida é a juventude e hoje para molecada falar dentro de casa que é do rap, do hip hop, ainda tem preconceito” (SPURI, 2018). O público hoje existe, mas o que falta são pessoas que possam contribuir para a organização dos espaços para se produzir e expressar o hip hop, atualmente são poucos atores que estão por trás das organizações dos eventos, das oficinas, produção musical, entre outras vertentes. Desse modo, a ampliação da territorialidade do movimento do hip hop em Alfenas é limitada, muito pelo número reduzido desses atores. Além desse empecilho Emerson (2018) fala de dificuldades mais antigas do movimento em relação ao acesso à informações “

uma das dificuldades que nós tínhamos era o acesso a cultura [...], porque não tinha internet, não tinha rede social, o acesso chegava para nós através de cd na feira ou de uma fita cassete antiga trazida de São Paulo ou de outro estado [...], o acesso a muitas e muitas e muitas informações sobre até mesmo a cultura como tinha dito eu conhecia a cultura de uma forma não chegava a informação certa pra mim como era a cultura, a cultura pra mim era aquilo que ouvia através do radio ou de alguém me falando.

Há uma proximidade muito grande com o surgimento do hip hop em Alfenas e em São Paulo, como relata Emerson em entrevista, Kl Jay já citado nesse trabalho retrata o mesmo problema com as informações vindas dos EUA, que chegavam a SP, muitas vezes mal traduzidas e sem informações mais concisas para que adquirissem os mesmos objetivos e a carga política que tinha em sua origem. Um problema em relação ao Poder Público são os interesses que a gestão possui, pois dependendo de quem assume o poder, acaba por valorizar ou desvalorizar a cultura na cidade, em relação a esse assunto Emerson (2018) fala sobre a prefeitura, “ajudava de uma forma que não era a que nós queríamos às vezes com um transporte ou outra coisa, mas depois na outra gestão não tinha mais nada, não conseguia correr atrás de mais nada, ninguém acreditava no hip hop achava que era tudo coisa de bandido”.

Outra dificuldade marcante encontrada no processo de desenvolvimento do hip hop em Alfenas, foi um show organizado onde o grupo paulista Fação Central 2003/2004,

importante no cenário de rap nacional, que foi cancelado, isso causou uma revolta e o Sindicato Rural, local que ocorreria o evento foi quebrado, posteriormente a esse incidente, aconteceu o evento *O Hip Hop Pela Paz* promovido por um grupo que o Emerson (2018) fazia parte, ele explica como foi a ação para quebrar com essa imagem ruim,

pra nós que estava começando a fazer o movimento aqui em 2003/2004 mais ou menos teve um evento aqui em Alfenas que não deu certo que anunciou um show pra ter a venda de ingressos, mas não foi concluído, daquele dia i pra cá ninguém acreditava no hip hop em Alfenas. Através do evento que nós fizemos, metemos a cara mesmo pra fazer, saímos na rua pra colar cartaz andamos a cidade inteira pra chamar o pessoal, porque não tinha a rede social pra estar ajudando, dali o preconceito que as pessoas tinham pelo hip hop, pelo rap tomo conta, através desse evento que foi concretizado no Poliesportivo o preconceito mudou, dali eles acreditaram que todo evento que fosse anunciado vai ocorrer então o preconceito que tinha foi quebrado.

**1º Hip-Hop pela Paz**  
**APRESENTA**  
**Batalha de Break em Duplas**

**Apresentação:**  
Grupos de Rap da região

**Participação dos B. Boys:**  
Alfenas, Boa Esperança, Varginha, Illicinea, Campo Belo, Três Corações, Passos, Divinópolis, Paraguaçu, Pouso Alegre, Elói Mendes.

**Dia:** 09/12/2007

**Local:** Ginásio Poliesportivo de Alfenas

**Horário:** Das 13 às 20h

**Entrada:** 1 Kg de alimento não perecível

**Premiação:**  
1º lugar - R\$ 100,00 (Troféu e medalha)  
2º lugar - Troféu e medalha

**Maiores informações:**  
Mateus (35) 9132-2083 e Emerson (35) 8825-6370

**Apoio:**  
PREFEITURA DE ALFENAS  
Realização:  
ACHP-Associação Cultural Hip-Hop pela Paz  
Apoio Cultural:  
ACPPA-Associação Cultural Pensagem para Agir  
Coordenadoria da Juventude

**Figura 8** – Cartaz do primeiro evento Hip Hop pela paz.



Figura 9 – Cartaz do segundo evento Hip Hop pela Paz.

Nesse momento a ajuda que a prefeitura oferecia esclarece Emerson (2018) era “dez vezes pior, o poder financeiro até pra contratar um grupo de fora que seja da região não consegue, os caras vem porque gosta ou a gente vai porque gosta, não tem aquele dinheiro envolvido, [...] pra profissionalizar mais gente capacitada não tem”.

O que o movimento de hip hop em Alfenas busca hoje é

progredir pra chegar num ponto onde consiga ter uma sustentabilidade da cena. Hoje tem, mas ainda é uma sustentabilidade bem rasa, com o Coliseu a gente vai pra rua pega o dinheiro que precisa pra trazer as atrações, traz depois volta, criar uma parada que vai circular uma galera, a galera daqui vai ter um estúdio pra poder gravar, vai ter uma galera pra produzir aquela arte, quem brisa em fazer foto e gosta de hip hop vai te uma cena pra fotografar fazer vídeo, é uma questão de fazer uma cena coesa, parada que a galera possa ganhar grana com isso, chegar em casa dei uma palestra sobre rap, fui numa escola fiz uma vivencia, fui numa empresa fizemos uma apresentação, fazer cds, fazer uma grana, fazer uma coisa sustentável, ganha uma grana com aquilo e investe na própria arte dela, sabe... Aqui no interior tem um costume muito forte de reprimir quem faz arte né, quando tem uma troca nisso financeira, chega em casa, mostra que ganhou uma grana ali, vai conseguir fazer seu corre vai ser mais prazeroso...(SPURI, 2018).

A questão social é parte indissociável do hip hop, busca trazer a independência e a visão crítica para que a pessoa possa se libertar da alienação e buscar seus direitos da forma

mais legal possível, é conhecer o seu meio e produzir consciência para o seu local a fim de estabelecer uma melhoria não só pessoal, mas coletiva.

#### **4.2 – A territorialidade do movimento em Alfenas e Região: conquistas, desafios e perspectivas**

No começo do atual movimento territorial do hip hop uma dificuldade muito vivida foi em relação a estrutura dos eventos, que mesmo com muito esforço, entrando em contato com a prefeitura e com os comércios locais para levantar o mínimo para o evento acontecer ainda era muito complicado, a prefeitura disponibilizava no começo equipamentos de baixa qualidade e pouca ou nenhuma ajuda financeira, enquanto os comércios alguns ajudavam sendo a maioria de bares e lojas comerciais de roupas, sendo um ou outro, fora desse ramo. Portanto,

uma dificuldade que a gente não vive nesse momento em 2018 é estrutural. A gestão municipal da prefeitura tem uma base muito forte, então [...] como a gente já não teve essa segurança, mas hoje só de comunica que vai ter Coliseu Cultural nós já temos garantido a tenda, o som, lanche, então eles dão estrutura que for mínima, básica, ajuda também às vezes numa despesa ali, mas pelo menos estrutura básica a gente já tem a gente já conseguiu eliminar esse problema, que era grande, a gente ainda está falando de Coliseu Cultural, mas no geral se você for fazer uma batalha na sexta feira, agora a gente já tem uma caixa de som que a prefeitura que cedeu. Então a gente não tem essa dificuldade mais, estrutural não tem, então estrutural não impede de crescer (SPURI, 2018).

A maior dificuldade vivida pelo movimento hoje é

a galera querer abraçar mais, acho que isso é uma dificuldade para o hip hop crescer aqui saca[...], na real mesmo, tipo batalha de aparece ali tem 20 pessoas na batalha, batalhando e mais 50 pessoas assistindo, ali do total são 70 pessoas interessadas em hip hop que as vezes não foi interessada no real movimento, mas que vibra com uma expressão que é vista no hip hop, e ao mesmo tempo são 70 pessoas que todo esse tempo eu produzindo as batalhas ali foi 1 ou 2 das 70 que chegou ó vamos fazer mais, vamos da uma força pra você fazer ai, e essa ideia o que você acha você me ajuda fazer? Não só os eventos que eu estou, querer fazer algo na cidade pra cena hip hop acho que é a maior dificuldade. Ter mais pessoas ativas protagonistas do meio que ela vive e militantes pelo movimento que é o real hip hop mesmo então muita gente aproveita gosta, usufrui e apoia a cultura hip hop, mas não vive de querer mudar na essência assim sabe (SPURI, 2018).

## A implementação da batalha de rima



**Figura 10** – Eliminatória sul mineira de batalha de rimas, Praça Dr. Emílio Silveira, Centro de Alfenas-MG.

fora do evento Coliseu Cultural tem sido uma das maiores dificuldades de se desenvolver esse elemento na cidade,

a maior dificuldade hoje em dia tanto que a sexta da rima faz umas 4 edição de sextas que não vou porque tipo tenho que me desdobrar também tenho meus compromissos eu já falei que coloco o som estou lá quase sempre mas quero ter mais pessoas, fiz um convite no facebook aberto pelos meios do Coliseu e tudo mas apareceu duas pessoas interessadas e toda sexta a galera vem no meu in box pra perguntar da sexta da rima, querendo batalha, to lidando com isso na cultura faz uns 4 anos a galera só querendo chegar ali tudo pronto usufruir daquela ferramenta do hip hop e depois sai, ai acho que essa é a maior dificuldade pro hip hop crescer, as vezes as pessoas são vítimas também né não que elas são culpadas, mas se elas comessem a entender mais tivesse um pouco mais de curiosidade para ler mais sobre o movimento hip hop (SPURI, 2018).

Se tratando das maiores conquistas que o movimento territorial do hip hop obteve em Alfenas

foi a voz, a gente tem uma voz na cidade,[...] não falo reconhecimento porque acho que precisa muito mais reconhecimento do que já tem, mas em visto do que tinha está bom, assim mas essa voz que da galera representa que na cidade tem um movimento hip hop assim, isso foi um grande êxito e vários outros êxitos, levantar a auto estima, motivação dos artistas locais, saber que tem um movimento, sempre está acontecendo, sempre tendo coisa pra se apresentar, de ver pessoas de fora vindo, gostando, apoiando, e as pessoas criar uma autoestima maior, assim pra não ser tão alvo de críticas quando está fazendo suas artes, isso é um grande avanço também, e é isso,

essa pegada que o hip hop deixou, já tem a criação de uma cena, formação de uma cena, acho que foi o maior êxito (SPURI, 2018).

Outras conquistas relatadas por Lima (2018) “foi ver vários moleques que corria com nós nos eventos [...] ser cidadão do bem, não estar envolvido no crime e pode ver seu filho hoje, também estar repercutindo no movimento” e atualmente “uma das maiores conquistas que eu acredito que o hip hop vai ter [...] o estúdio social, que eu acho que vai alavancar não só o hip hop em Alfenas, mas sim na região”.

A atuação do movimento na cidade é constatada por meio de várias ações que integram os bairros periféricos através de oficinas, aulas, entre outras atividades, mas que por meio do evento Coliseu Cultural, que acontece na praça central da cidade, trazendo essa população dos bairros periféricos para serem protagonistas do evento em um espaço central, dando visibilidade para a expressão da sua arte, Spuri (2018) esclarece essas ações,

eventos, através do Coliseu Cultural [...], o programa Cidade Escola da prefeitura [...] que é uma coisa importante de ser registrado de ser ressaltado porque contratou 6 arte educadores, oficinairos, integradores culturais, que recebem uma bolsa pra poder ensinar hip hop, então tem aulas de grafite, de break, de rap e de beatmaker[...]. Então a prefeitura através do programa que ela tem da Secretaria de Educação que é o programa Cidade Escola, oferece aulas pra galera daqui, aulas gratuitas, então isso é uma maneira que o movimento atua também, dando aulas nas quebradas através desse programa, tem as produtoras também aqui, tem a produtora que eu faço parte que é a Straditerra que dá um apoio pra quem quiser fazer clipe, grava uma música, fazer um trampo já e ter contato pra fora e tudo mais, tem a Instinto Records também que é do Flávio Barbosa que é outra gravadora, não sei como funciona se é aberta pra todos, mas sei que os caras fazem uns tramos, fazem uns trabalhos, por mais que não está na rua, mas cabe que é uma cena hip hop também ali, é uma atuação da cena na cidade sim, Coliseu Cultural na alta fazendo eventos, [...] oficinas[...]. Meu projeto de Dj também, frequento festas, soltando hip hop, [...] é uma atuação da cena na cidade.

A atuação do movimento territorial do hip hop, na visão de Lima (2018) está relacionada a

evento social, e se profissionalizar cada vez mais, se informar cada vez mais, na questão de um ano são feitos 10 eventos, isso era 1 em cada 3 anos,[...] então as vezes a pessoa fala que não está tendo um evento de hip hop pra colar, as vezes não cola porque não tem interesse, tem outros interesses fora o hip hop, mas quem é de verdade cola e esse é um movimento que está atual na cena, o hip hop não morreu ele vem mais forte que antes, só que não pode perder a essência que tinha que é o lado social e é importante também relatar que fora tudo isso o hip hop hoje [...] consegue trabalhar as crianças na cidade, como não conseguia trabalhar 10 anos atrás que é progredir, espalhar mais a cultura nos 4 cantos da cidade, e a 10 anos atrás, conseguia só no

bairro que nós estávamos, só argumentava ali, os moleques que colava com nós, então não conseguíamos mudar o pensamento, de uma forma de agir com muita gente, só de quem estava ao redor, hoje é diferente, hoje o hip hop age não só nos eventos, nas trocas de ideia, mas sim também, nas redes sociais, hoje está mais fácil o acesso.

O movimento territorial do hip hop de Alfenas, não atua só na cidade, mas também na região, já foi levada a cultura para,

Machado, participar de um evento lá na periferia, que a prefeitura não conseguia entrar com projeto, fazia mais de anos e nesse evento de rap eles abriram as portas da comunidade pra gente entrar foi bem importante um marco na cidade. Depois foi em Poço Fundo, já fomos pra Conceição dos Ouros, tudo levando um pouco dos elementos do hip hop, então tem atuação, em Machado e Poço Fundo a gente chega não como pioneiro, mas como know-how na tecnologia social e os outros eventos Taubaté a gente foi como convidado sendo só uma atração ali, mas também estava junto levando o hip hop de Alfenas pra atua em outros lugares. Está aberto o projeto do Coliseu Cultural, se alguma cidade quiser fazer parceria e tudo mais vai ter essa atuação também (SPURI, 2018).

Assim, o movimento territorial do hip hop começa a extrapolar as fronteiras de Alfenas e se territorializar em outras cidades da região, denotando a importância que o movimento tem na cena cultural regional, e mostrando a potencialidade dessa cultura e de aproximar jovens para por um ideal cultural, que vai além da diversão, podendo se tornar fonte de renda, mas que traz em sua essência o conhecimento como um elemento dessa cultura.

Atualmente quem está na linha de frente organizando os eventos do movimento “na produção cultural do hip hop quem é ativo hoje sou eu (Rômulo Spuri), o Emerson (do Campos Elísios) e a Carolina Siqueira de estar fazendo evento assim produção de evento de hip hop movimentação da cena”, não que outras pessoas não façam parte como “tem o Morales, Felipe, tem o João e tudo mais”.

Os principais agentes do movimento break são “João Zulufu (João Marcos), Pedro Dazio, Geovane Casemiro (Goiaba), tem o Alessandro também, b boy Pamonha que é o vulgo, a molecada das oficinas tão na ativa b boy Izac, b boy Gu, molecadinha está ativa na cena, representando o break. Tem o Haroldo, o Brendo”, entre outros.

Como articulador do elemento break do movimento hip hop em Alfenas João Marcos Sabóia, nos conta um pouco sobre como surgiu o hip hop em sua vida até como se organizou e desenvolveu esse elemento na cidade, se tornando o break um grande potencial da cidade,

com seus integrantes participando dos principais campeonatos no Brasil, e até fora, como na Argentina. Segundo Sabóia (2018) a sua trajetória no hip hop “surgiu de uma simples curiosidade [...], antes de dança break eu fazia capoeira e era muito fissurado nos movimentos e nos saltos e ai teve um ano que na TV exibiu um evento ao vivo que chama Red Bull BC One, ai depois disso comecei a treinar e não parei mais”. O contato dele com o atual movimento do hip hop na cidade também é relatado, destacando como outros já o fizeram a dificuldade de espaços para a prática do break e da instituição do hip hop como é retratado pelo b boy,

então antigamente aqui em Alfenas era difícil ter movimento de hip hop, às vezes era um no ano e a galera via necessidade de ter um movimento. Nisso rolou um evento na quadra do Pinheirinho que o Fô fazia, que era um movimento de skate e deu um salve pra nós encosta também pra fomenta a cena e antigamente tinha uma galera grande que dançava e nesse evento eu conheci o Spuri, que estava lá com as mesmas ideias de levanta essa cultura aqui em Alfenas. Aí de tudo isso rolou o primeiro Coliseu Cultural que o Spuri organizou, disso foi muito da hora que a galera que não bota fé começou a ver a cena Hip Hop acontecendo e teve o reconhecimento disso tudo, hoje estamos ai com 4 anos já nesse corre e foi isso ai, tudo surgiu de uma ideia de reuni todos elementos da cultura num lugar só. Porque a gente sabia que tinha Dj, pessoas que cantavam Rap, que dançavam Break, que curtiam fazer Grafite, disso surgiu o Coliseu Cultural que é um dos eventos que leva a real cultura hip hop de Alfenas (SABÓIA, 2018).

O objetivo do hip hop na visão do b boy Zulufu é passar sua experiência contribuindo para uma juventude na cidade muitas vezes das áreas periféricas que sem motivação para procurar seus sonhos acabam por ir fornecer uma mão de obra barata em um emprego geralmente desgastante,

hoje pra mim é leva um pouco dessa vivência que eu tenho com o hip hop. Nesses 9 anos de caminhada pra outras pessoas e propagar sempre essa cultura porque o que o hip hop me ensino e me ensina todos os dias, é algo muito mais além de fazer parte, me ensino que é ser parte! Sem fala nas vivências que me proporcionou experiências em campeonatos nacionais e internacionais e hoje eu vejo isso, olho pra trás, vejo que tem várias crianças se espelhando em mim e isso que é gratificante (SABÓIA, 2018).

Constatamos que o hip hop na cidade de Alfenas proporcionou a juventude novas formas integradas de lazer atrelado a um ganho financeiro, além de cultural, social, educativo, entre outras formas que só vem somar na formação desses adolescentes, mostrando uma cultura de rua que além de popular é crítica e social, sendo contra em sua essência a padrões culturais de massas alienantes produzidos pelas grandes mídias, em sua grande maioria sem

um conteúdo crítico, algumas vezes até reproduzindo problemas sociais como machismo, racismo, entre outros. Portanto a importância da apropriação dos espaços como forma reprodutiva de reflexão e expressão de uma cultura tão importante que fornece oportunidades para quem realmente precisa é evidente, fazendo um papel social, cultural, econômico, entre outros.

O movimento hip hop e ZuluFu tiveram grandes conquistas nos últimos anos e é relatada pelo próprio b boy,

aqui em Alfenas tem uma rapaziada representando bem o hip hop, em questão geral tem Mc batalhando, Dj sendo chamado pra toca fora [...] então a cultura de Alfenas vê isso como uma conquista [...]. Eu mesmo participo de vários eventos que rola pelo Brasil, ano passado participei de um evento na Argentina que chama FDL JAM e consegui a primeira colocação no evento, então de tudo isso eu tiro como conquista do movimento, não só minha, não só de fulano, mas de todos que estão ali dando uma força e apoiando (SABÓIA, 2018).

FDL é um campeonato de break realizado na Argentina, pelo Centro Cultural Recoleta

Durante los días 16 y 17 de diciembre se efectuará la competencia nacional de breaking FDL JAM que propone reunir a las más destacadas crews, Bboys & Bgirls y Street Dancers de la escena nacional Argentina. Un evento único en donde las agrupaciones y bailarines, exhibiendo sus mayores destrezas y mejores estilos, competirán para demostrar el máximo nivel en batallas. Con destacados Jurados, Djs, Mcs y elementos de la cultura Hip Hop, este evento será un espacio de encuentro e intercambio de experiencias alrededor de uno de los movimientos contraculturales que ha tomado más impulso y relevancia en los últimos diez años entre l@s más jóvenes (CENTRO CULTURAL RECOLETA, 2018)

Em relação aos espaços apropriados, são diversos, ocorrendo eventos em locais centrais e periféricos também, mas principalmente as oficinas ministradas e aulas sobre a história e os diversos elementos que compõem o hip hop geralmente são localizadas em áreas periféricas tendo como público alvo a juventude. Segundo Sabóia (2018),

o hip hop vem atuando em diversas partes da cidade, é muito importante ter essa diversidade de local para atingir vários tipos de pessoas desde de uma criança até uma senhora. Mas a maioria dos locais é escolhida pela necessidade mesmo. Por conta da violência, tráfico, etc... O hip hop tem essa missão de levar a paz de uma forma diferenciada.

Em paralelo com a história do hip hop em sua origem nos EUA, constatamos que mesmo em uma cidade média no interior do país encontramos semelhanças com o objetivo do movimento territorial do hip hop como sendo uma possibilidade de intervenção em lugares

que nem o poder público consegue alcançar, fazendo seu papel social como nenhuma outra instituição o consegue fazer.

Em relação ao elemento do grafite na cidade os artistas que mais espalharam sua arte são

o Morelo, ta ai ativo, o Diego Dgo mesmo antes de chegar aqui na cidade está ativo porque está vindo sempre pra fortalecer aqui, então já movimentava o hip hop de Alfenas e o Alessandro também, Alessandro Azevedo a escola dele não é o hip hop mas ele teve alguns diálogos ali com o hip hop então tá deixando umas artes na cidade, então tá fazendo parte (SPURI, 2018).

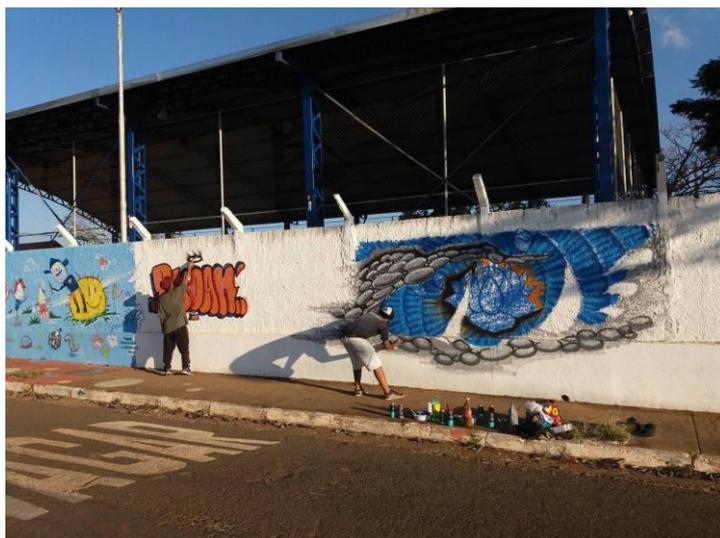
Mais conhecido por seu apelido Morelo, Renato Ferreira, músico, tatuador, grafiteiro, morador de Alfenas nos esclarece como começou a se interessar pela arte do grafite, “o desenho foi minha primeira paixão. E o grafite eu via bem de perto quando morava na periferia de São Paulo na infância, logo o grafite se tornou a principal fonte artística pra mim” (FERREIRA, 2018). A trajetória entre o desenho e o grafite foi um caminho longo, segundo Ferreira (2018),

o grafite foi a maior inspiração artística pra mim, durante um bom tempo, digamos que foi o que me manteve desenhando até eu me tornar tatuador com 20 anos, mas continuando sendo muito influenciado pelo grafite. Com 32 anos comecei realmente a grafitar, comprar latas de spray e a participar de projetos com 33 anos.

Pela cidade de Alfenas podemos ver diversos projetos de grafite feito pelo artista,



**Figura 11** – Renato (Morelo) e grafite feito para o evento Coliseu Cultural.



**Figura 12** – Renato (Morelo), realizando grafite para projeto cidade escola. Rua Jovino Fernandes.

ele mesmo nos conta como foi estabelecida essa interação com o movimento hip hop de Alfenas, onde foi possível proporcionar mais lugares para que sua arte pudesse ser espalhada pela cidade, “conheci o pessoal na rua mesmo, mas aqui em Alfenas o primeiro evento q eu coleí foi em um encontro de b.boy realizado pelo Emerson Alves de Lima, ele que movimentava a cena nessa época uns 10 anos atrás” (FERREIRA, 2018).

O grafite para Ferreira (2018) tem relação com a liberdade de expressão “a liberdade de chegar num muro e desenhar o que quiser”. Para ele a cultura do grafite é meio contraditória “porque geralmente tem o lance da marca registrada, da assinatura, mas pra mim estilo vai além de um personagem ou tipografia”. E continua, “grafite pra mim é desapego, [...] pintar um muro que pode ser apagado no outro dia, gastar um absurdo com tinta e pintar sem ganhar nada”.

Também nos esclarece sobre os espaços e os instrumentos que utiliza

eu participo do projeto cidade escola atualmente, então desenvolvo uma parceria com eles pois não tenho condição de pintar totalmente por minha conta. Não sou patrocinado então faço oficinas de grafite. Alguns são feitos em escolas, outros em muros na comunidade, sempre tentando alcançar lugares humildes onde o grafite possa ornamentar um pouco a rua ali daquele determinado bairro (FERREIRA, 2018).

Como uma das barreiras ainda a ser ultrapassada pelo elemento do grafite para seu desenvolvimento na cidade, Ferreira (2018) esclarece que “a falta de material pra oficinas dificulta a formação de outros artistas” sendo esse um dos principais obstáculos, a falta de

incentivo para que possam surgir novos artistas na cidade. Já para as conquistas do movimento “esse ano aconteceu dois intercâmbios com grafiteiros de fora, então acho que isso foi um bom começo. É bom lembrar que o grafite é uma coisa bem nova aqui na cidade” (FERREIRA, 2018).

A relação do grafite com a cultura local na visão de Ferreira (2018) ainda não é tão sólida “eu acho cedo a gente querer catalogar uma linguagem local do grafite pelo menos em Alfenas, nós temos boas histórias, precisamos de ilustradores!”. O papel do grafite na opinião dele “é de alimentar sonhos bons em meio a essa realidade devastadora a qual somos submetidos. De coração eu acho que quem se envolver com grafite terá menos chance de querer uma arma. A arte educa, abre os olhos. Por isso que o governo quer acabar com a arte”.

Para Diego Augusto dos Santos mais conhecido pelo apelido de DGO, o hip hop surgiu por meio de um esporte que praticava ele mesmo nos esclarece, “o hip hop como estilo de vida surgiu através do skate, foi a abertura para conhecer os seguimentos da cultura, os roles nos bailes da cidade e as danças de passinho era parte desse leque que só mais tarde fui conhecer” (Santos, 2018), artista sul mineiro, em diversos elementos do hip hop, sendo Mc do grupo Projeto Consonância, Dj e também grafiteiro, tendo suas obras sido expostas em diversos eventos na cidade de Alfenas, mesmo sendo fora da cidade, de Paraisópolis e nos conta como foi sua trajetória,

Iniciei na cultura como Mc, as batalhas de rimas, as ideias que se transformaram em letras, também contribuíram muito para nosso amadurecimento e reconhecimento em solo sul mineiro, desde a correria com o grupo Projeto Consonância, fui atrás de nos estruturar e comprei um toca disco em 2010, de lá pra cá, sempre fui me envolvendo cada vez mais com a música e com o elemento Dj. Mas já era muito interessado pelo Grafite, na época de escola, sempre curti rascunhar os personagens e tinha muita influência de grafiteiros de Pouso Alegre quando tive condições de comprar tintas para executar os trabalhos (SANTOS, 2018).

DGO esteve presente em diversos eventos mesmo antes do Coliseu Cultural, pois já possuía contato com produtores de eventos como FAISCA e Rock Rural, onde expressou sua arte através da música e do grafite, assistiu de fora da cidade o crescimento do movimento territorial do hip hop em Alfenas, e nos esclarece através dessa perspectiva de fora do espaço como que foi o seu desenvolvimento “olhando da perspectiva de fora da cidade de Alfenas, acredito que a força do movimento se efetivou após o surgimento do Coliseu Cultural, conhecendo de perto o movimento e os articuladores, notei que já acontecia a cultura e seus

seguimentos” (SANTOS, 2018). Em sua visão o hip hop tem um caráter de expressão que ele chama de autêntica, sendo fora do padrão de cultura de massas, se tornando um instrumento para que as pessoas possam usufruir para expressar o que sente “além de uma diretriz de expressão autêntica de pessoas que há praticam, enxergo o movimento como forma de resgate e autonomia de quem o pratica” (SANTOS, 2018), possibilitando a independência daquilo que é imposto como cultura através da grande mídia, usufruindo de uma cultura popular capaz de fornecer diversos benefícios, tanto como conhecimento de uma cultura que pode fazer a pessoa refletir e criticar os modos impostos de vida, pautados em consumo excessivos. Em relação às dificuldades do movimento nos explica num contexto geral relacionando as grandes capitais onde a cena é bem estruturada

As dificuldades com a cena do hip hop é em geral, ainda mais quando descentralizado das grandes capitais onde o movimento tem mais força, então acredito que seja falta de incentivo específico, reconhecimento como cultura, aderência ao público, divulgação abrangente e financiamento dos objetivos (SANTOS, 2018).

Para as conquistas do movimento em Alfenas, Santos (2018) enaltece “a articulação de produtores culturais e coletivos foram aquecendo e formando a cena local, de onde surgiu demandas para a ocupação de lugares que buscam trabalhar a autonomia e o conhecimento”.

Os espaços escolhidos para se trabalhar a autonomia e o conhecimento, nem sempre são de fácil acesso, muitas vezes deixados de lado pelo Estado, faltando muitas vezes serviços básicos, na visão de Santos (2018) o

hip hop é também uma porta de entrada aos bairros periféricos, através da disseminação da cultura com parceria ao programa Cidade Escola. Os lugares ocupados pela cultura estão buscando resgatar novos integrantes e também profissionalizar os envolvidos com o mesmo, as demandas são diversificadas e lugares como: Casa Aquarela, Estamparia Social e os pontos do programa Cidade Escola, são os polos onde essas demandas podem ser direcionadas e colocadas em prática.

Locais esses citados, todos pertencentes à cidade de Alfenas. Sobre a cultura regional e a sua relação com o hip hop Santos (2018) “o movimento hip hop tem a proposta de saber o que está sendo efetivo em nossa região e buscar a mesma linguagem”, os elementos que ele acredita que absorva influencia da cultura local são “todos os elementos que se relacionam com a cultura regional, pois estamos convivendo diariamente com diversas culturas e essa interferência é muito positiva”. Quando se fala de influência regional no hip hop, existe a

institucionalização da cultura enquanto linguagem, onde quando se retrata a fala local em músicas por exemplo, usando das gírias e de toda cultura local, estamos falando de uma institucionalização do rap no sul de minas, tratando o local como uma Zona do rap, integrante do grupo criador da sigla ZR – Zona Rural, identificando os artistas dessa região como algo que os une, o rural, interior, enaltecendo a população e esse espaço. Santos (2018), nos esclarece como foi a construção dessa sigla e sua importância

A sigla ZR veio de uma busca de autoestima para colocar nossos conterrâneos no mapa. Através de reflexões do grupo Projeto Consonância, afirmamos que as cidades em que moramos não separada por região, que engloba tudo de um lugar em comum, como a Zona Rural. Ela surgiu da observação de Mc's e sua autoafirmação em seus raps, afirmando a localidade de onde veio, como: Zona Leste, Oeste, Sul ou Norte. E viemos com essa proposta que se abrangiu ao sul de minas com bastante facilidade após a identificação com a sigla.

Se tratando do que o movimento está buscando “vejo que o movimento está num caminho certo e com um apoio necessário para muitas conquistas, semente e solo fértil estão a caminho de uma mudança social nessa plantação, que chova boas novas, sempre” (SANTOS, 2018).

O Rômulo Spuri, além de organizar eventos, fazer produção de músicas atua no movimento como Dj na cidade, tocando em eventos, bares, quadras, escolas, diversos espaços que estão sendo apropriados pelo hip hop, além dele os mais ativos no movimento no momento são “João Ninguém, João ZR tá começando a solta uns hip hop também [...]. De Beatmaker tem o João Pedro e o Pietro, o João Pedro é mais ativo com a cena ainda dialoga, tem uma galera ai que já faz um trampo com ele, já movimenta isso na cidade tá ativo também” (SPURI, 2018).

João Pedro Ribeiro de Oliveira, tatuador, formado em história pela Universidade Federal de Alfenas, reside no momento no Vale do Paraíba em São Paulo conhecido por Djaum, foi já conhecido por João Ninguém, pois formou uma dupla onde começou a fazer beats e cantar com um amigo. Fez parte do atual movimento hip hop de Alfenas, é Dj e rapper, atuou tocando e cantando em festas e eventos esclarece como surgiu essa cultura em sua vida,

o hip hop surgiu quando eu ainda era criança. Um amigo me emprestou um CD do Racionais MCs, e a partir daquele CD que o hip hop entrou mesmo na minha vida. Minha mãe evangélica, não gostava daquele CD, pois falava

muita coisa importante da nossa realidade e para ela era um som que ia me desviar do caminho de Deus. Então ela começou a comprar CDs de RAP gospel, como Dj Alpiste. Mas aquele CD do Racionais eu deixei guardado em um lugar que ela não achava, e sempre quando ela ia trabalhar eu escutava ele (OLIVEIRA, 2018).

Do gostar de rap, até o momento em que essa cultura começou ser um modo de expressão para ser ouvido, foi um longo caminho,

eu nunca pensei que poderia cantar RAP, ou fazer BEATS, era uma realidade muito diferente da minha, pois eu não era um moleque de periferia, nunca tinha vivido na favela. Mas o cenário do RAP mudou muito nos últimos anos. E em 2015, muito indignado com o cenário político do nosso país eu fiz uma musica usando o beat da internet, chamado “A esperança é a última que morre”. E divulguei pra alguns amigos meus e eles gostaram. Eu já tinha cantado num grupo de Blues na minha adolescência, mas nunca pensei que poderia cantar. Como eles gostaram eu resolvi continuar a escrever. Nesse processo eu juntei com um amigo meu, que escreve muito bem poesia, e juntos nos formamos o João Ninguém e começamos a participar do Coliseu. No meio desse processo vimos o quanto era necessário fazer beats nossos, pois no meio do RAP, quem usa os beats livres da internet, não consegue visibilidade, então baixei o FruityLoops e comecei a tentar a produzir meus próprios vídeos, assistindo tutoriais da internet e perguntando para todo mundo que fazia beats dicas para poder produzir (OLIVEIRA, 2018).

A relação que se estabeleceu entre Djaum e o atual movimento do hip hop só aconteceu por meio de um amigo de universidade,

conheci o movimento Hip-Hop de Alfenas através de um amigo da universidade. Ele era da minha sala, fazia história também e cantava RAP, conhecido como MC Chavez. Ele foi convidado para cantar no Coliseu Cultural e chamou todo mundo para poder comparecer, e foi a partir disso que eu conheci também o Coliseu (OLIVEIRA, 2018).

Questionado sobre os eventos os quais participou sendo tocando, cantando ou como espectador Oliveira (2018) estabelece uma diferença entre as festas que apenas tocam rap, das que realmente possuem a essência do hip hop

nas festas da Universidade às vezes toca uns rap, ou umas músicas de hip hop ou break, mas no meu ponto de vista não pode se dizer que é hip hop, pois esse movimento tá muito além da música. É através do Coliseu mesmo que eu vejo essa iniciativa mesmo de hip hop para além da música, mais como ferramenta de transformação, pois também vai família, moradores da cidade, dançarinos de todas as partes, grafiteiros, etc. E você consegue perceber que está muito além de chapação e da própria música em si.

Sobre as dificuldades que o hip hop encontra na cidade para se desenvolver, ele aborda a falta de incentivo para patrocínios dos comerciantes e de outras instâncias também,

acredito que seja um pouco da falta de informação das pessoas da cidade. Apesar do Coliseu ser bem conhecido e trazer pessoas de muitas cidades em volta, é muito difícil conseguir apoio dos comerciantes ou de outras instancias para promover mais os eventos. Eu fui organizador durante um tempo e foi muito difícil conseguir patrocínios para realização do evento, onde os próprios comerciantes preferem dar apoio para as festas das universidades que não trazem benefício algum para os moradores da cidade (OLIVEIRA, 2018).

As conquistas que o movimento de hip hop obteve em Alfenas é citada por mais de um dos entrevistados, sempre muito relacionada aos jovens, como uma perspectiva de aproximação da cultura e um afastamento do crime. Na visão de Oliveira (2018),

acho que é trazer para os meninos e meninas uma esperança. Nesse momento tão difícil em que vivemos dar uma chance para todos sonharem. Oferecer às vezes uma solução diferente do que seria para eles. Acho que a maior conquista é você poder tirar um menino ou menina do crime. Dar pra eles sonhos, expectativas. Isso é hip hop. Transformar a vida das pessoas.

A cultura sul mineira, e o rap também são abordados por Oliveira (2018)

No caso de Alfenas é bem interessante, pois tem alguns MCs que tem bebido bastante nessa fonte, da cultura mineira e sul mineira. Mas ainda é uma minoria. Muitos querem fazer sucesso e acabam cantando as coisas que estão no momento, deixando um pouco essa cultura de lado. No meu ponto de vista, não está errado. Acho que o mais importante é essa diversidade. Fico apenas triste algumas vezes, pois o rap está passando por um momento de crise muito forte, onde tem se perdido muito da essência real dele. De fazer parte desse movimento de transformação da realidade. Quando você vê os moleques sonhando com drogas, mulheres, carros acho que o rap não chegou realmente ali. Mas está cumprindo o papel da indústria mesmo, vendendo sonhos capitalistas e meritocráticos. Preocupados apenas com si próprios. O rap tem uma história, tem um embasamento, e no meu ponto de vista é isso que não pode perder. Não importa a forma como você faz, não precisa ser tudo igual, é importante a diversidade, mas tem que respeitar sua história.

Sobre o desenvolvimento do movimento hip hop na cidade enaltece o evento Coliseu Cultural como integrador dos elementos do hip hop reunindo artistas de diversos elementos dessa cultura como também das regiões “acredito que o Coliseu Cultural é a maior ferramenta de propagação dessa cultura. Reuni Mcs, beatmakers, breakers, Djs, de muitas cidades. E a cada dia que passa esse movimento ganha mais força” (OLIVEIRA, 2018).

O movimento territorial do hip hop em Alfenas é bem vista, como resgatando a essência dessa cultura, transformadora de realidades, luta e resistência, segundo Oliveira (2018)

hoje vejo Alfenas como uma cidade muito importante no cenário do hip hop. Ela realmente consegue fazer esse movimento para além de balada e bebedeira. E por isso, em minha opinião que tem ganhado cada vez mais força, pois a galera consegue sentir que isso é hip hop de verdade. Cada vez mais famílias participando, pessoas da cidade, da universidade e que tem trazido muitos frutos para a cidade. Existem pessoas muito empenhadas em fazer o bem e realmente comprometidas com essa cultura de transformação. Não é à toa que hoje vem Mcs, Beatmakers, Breakers, Djs, de muitas cidades do Brasil. É muito comprometimento, seriedade e amor na propagação dessa cultura maravilhosa.

Os rappers que compõem o atual movimento do hip hop, está crescendo muito nos últimos anos, pois ocorreu também aumento do suporte tecnológico, a facilidade e a velocidade das informações também mudaram, além de possuir uma troca de informações acadêmicas e populares, porque atualmente muitos dos eventos que ocorrem tem participações conjuntas entre alunos acadêmicos e população da região, possuindo o território uma dinâmica importante para o fortalecimento da cultura local, sendo essa valorizada nos eventos, podemos ver o crescimento do rapper Bill Mc dentro do movimento enquadrado nessa nova dinâmica, segundo Spuri (2018) os artistas de rap que estão ativos no movimento atualmente são

Bill MC, RM (Resistente Manifesto) que são: Emerson, Tales Brandinho e Evandro Ribeiro, tem o Street Art, Duas Faces que é o Evandro Silva, que está na ativa também vai lançar um clipe, [...] tem o Chavez que está sempre ai também, não sei se agora ele está presente, mas já fez pocket show, nas batalhas sempre deu aula de freestyle, então deixou muitas sementes na questão principalmente do fresstyle que a galera se espelha bastante nele, tendo uma referência muito boa,[...] tem o 25 Cent, que é o Ronaldo ele ficou 5 anos detido, preso né, e depois que ele saiu, [...] já fazia rap na cadeia, depois que ele saiu tem sido algo que tem motivado ele bastante [...] e ele tem seguido com ideias muito boas está fortalecendo, já gravou um som e vai gravar um clipe...

Alguns artistas rappers locais, em Alfenas, tem seu desenvolvimento muito relacionado a esse atual movimento territorial do hip hop, com a criação do evento Coliseu Cultural que valorizou essa cultura local em resistência a cultura de massas imposta. Thiago da Silva Cardoso mais conhecido como Bill Mc é um grande exemplo dessa evolução dos artistas locais atrelados ao movimento territorial hip hop atual, ele esclarece como surgiu o hip hop em sua vida

eu comecei a escutar Eminem, eu não entendia o que ele cantava, mas achava legal aquele estilo, na verdade, eu nem sabia direito o que era o hip-hop, assistia os dvds da Red Bull das antigas, de campeonato de break. Depois eu comecei a escutar rap nacional [2006] e fui decorando as letras

que eu escutava. Depois de um tempo eu comecei a escrever as minhas próprias letras de rap [2009] (CARDOSO, 2018).

O rapper Bill Mc escrevia suas letras em casa, como outros artistas locais não tinham onde expressar sua arte, mas com o crescimento da cena hip hop e com alguns eventos começando a surgir ele se inseriu no movimento e nos conta como foi que isso aconteceu

através de um evento: "Coliseu Cultural" conheci mais pessoas do movimento hip-hop, eles me chamaram pra fazer uma apresentação, dali apareceu uma oportunidade. Em um sarau na faculdade, depois foram aparecendo oportunidades pra eu me apresentar em festas, eventos, aberturas de shows e é muito gratificante sabe, a galera que tá no movimento faz com amor mesmo, com o coração, conheci muita gente e muitos lugares graças ao hip hop (CARDOSO, 2018).

Como o objetivo do evento Coliseu Cultural é abrir espaço para os artistas locais, logo para a edição seguinte Bill Mc já pode enfim expressar sua arte em um evento pela primeira vez, posteriormente surgindo várias oportunidades para expressar cada vez mais. Esses são os artistas locais que tanto tem a oferecer, mas que pouco são vistos ou tem oportunidades para expressar-se. As dificuldades enfrentadas são apresentadas por Cardoso (2018) “no começo foi só a falta de atenção mesmo, por parte de pessoas da gestão pública, a gente foi batalhando, [...] depois de um tempo eles começaram a prestar mais atenção e começaram a ajudar”. Enfrentando a dificuldade de mostrar sua arte contra a uma cultura que valoriza tudo que está na mídia, muitas vezes impondo o que temos que escutar em certos locais por conta da grande massa, posteriormente vem às conquistas, após uma maior visibilidade do movimento podemos constatar que segundo Cardoso (2018) “hoje a cena está mais estruturada, está chegando gente nova, os meninos se interessam em aprender mais e evoluindo muito rápido. A gente também dá aulas (oficinas) em pontos espalhados na cidade”.

O hip-hop para Cardoso (2018) tem como objetivo

mostrar para as pessoas das comunidades, que apesar de nossas oportunidades serem diferentes das outras pessoas, isso não significa que somos menos que elas, mostrar para os meninos que é possível sorrir sem ter um vídeo game, nem celular de ultima geração. É levar a alegria pras pessoas independente de onde elas estiverem.

A apropriação dos espaços está acontecendo pelo movimento, como direito a cidadania, transformando os em territórios, o preconceito pela apropriação de locais públicos ainda é evidente, mas cada vez mais é notada a importância de dar uma função a esses

espaços que por hora são dominados por agentes públicos sem um uso significativo, segundo Cardoso (2018) o “hip hop sofre preconceito até hoje, mas nós estamos aos poucos conquistando nosso espaço...”.

Além dos artistas locais, em Alfenas-MG, considerada uma cidade universitária por possuir duas universidades sendo referência em diversos cursos, encontra-se também artistas de outras regiões como é o caso do Chaves. Lucas Chaves Pinho, residente de Ribeirão Preto, interior de São Paulo, que durante o período de 2011 a 2017 morou em Alfenas cursando história na Universidade Federal de Alfenas, foi e é influência para muitos jovens que participam das batalhas de rimas, ganhando e também sendo mestre de cerimônia (quem apresenta a batalha de rima) em algumas das primeiras que ocorreram com o começo do atual movimento de hip hop, nos conta como surgiu o interesse nessa cultura,

primeira vez que tive contato com o rap, foi no colégio que eu estava no sexto, sétimo ano por ai, ai um parça meu apresento Estilo Cachorro pra mim dos Racionais se não me engano, chapei nas palavras rimadas achei muito interessante o baguio mexeu comigo mesmo, ai tinha um cara que trampava aqui na limpeza do prédio que eu moro, Rene, ele me mostrou uns raps também, acabei curtindo (PINHO, 2018).

Não demorou muito para que ele começasse a rimar, “assim que comecei a ouvir, já comecei escrever algum baguio, lembro dos moleques da minha sala, que escrevemos umas rimas e tal. E eu achei muito massa, mas isso ficou meio de segundo plano na minha vida” (PINHO, 2018). Mas com o passar do tempo se desenvolveu nele a vontade de conhecer realmente a cultura

até o segundo colegial por ai, ai eu comecei a ouvi mais rap mesmo ai eu comecei a escrever de verdade assim, com intuito de gravar, comecei a gravar em casa sozinho no computador, microfone daqueles badarosca bem ruim mesmo. Ai o Vital um parceirão nosso aqui de Ribeirão Preto, ele me passou uns beats pra eu gravar em cima. Nessas eu comecei a ir nas batalhas de rima aqui de Ribeirão, principalmente na batalha da XV e comecei a conhecer o movimento mesmo, fui conhecer o hip hop de verdade a partir desse contato que eu fiz (PINHO, 2018).

Por meio das batalhas de rimas, encontros onde diversos rimadores *freestyle* (rimas improvisadas na hora), batalham 1x1 para ver quem tem as melhores rimas, foi que Chaves conheceu alguém que começou a produzir suas músicas, por meio de um amigo surpreso por ele ter ganhado a batalha de rima comentou com outro amigo como Pinho (2018) nos conta “um amigo meu fico meio pá que eu tinha ganhado a batalha e comentou com o parça ó o

Lukinha pá e etc”, esse amigo (parça) então era Dinho “falou pro Dinho que hoje é o cara que produz pra mim”, e então Dinho “falou vou entrar em contato com o cara.” e então ele foi atrás do Chavez e falou “o mano sou produtor assim assado, eu estou afim de gravar com você e começamos a gravar.” (PINHO, 2018).

Chaves nos esclarece como que surgiu o interesse pelo hip hop e há uma relação ao espaço vivido, região do interior de São Paulo e sua cultura,

o que me levou a cantar rap? Principalmente eu gostava muito de música caipira [...], moda de viola e as rimas que tem né, a história que eles contam nas músicas, isso eu achei muito interessante. Ai começou pelo gosto do ofício pelas palavras, mas depois que eu conheci o movimento hip hop eu vi a importância que é, dentro dos quatro elementos, a parte do todo e como isso pode me trazer conhecimento, trazer reflexões e promover reflexões para outras pessoas também. Fora que é bom né, você dialogar, trocar ideia, melhorar, te empurra a fazer leituras e tudo mais. O rap pra mim é uma válvula de escape para muitos sentimentos e poder falar pros outros também algumas coisas que eu penso acho bem bacana, interessante, importante (PINHO, 2018).

A relação de Chaves com o atual movimento territorial do hip hop foi estabelecida pelo Coliseu Cultural, como ele mesmo nos esclarece,

o movimento hip hop de Alfenas [...], eu não conheço muito o povo das antigas não, eu acabei conhecendo mais foi com o Coliseu Cultural, estava lá no primeiro né, conheci outros caras mas tipo o Paulista, o Fo, num estava tão engajado em fazer o movimento assim mais cabuloso, mas foi bem pelo Coliseu Cultural [...]. Foi exatamente isso, ai veio o Rômulo Spuri deu um salve, você também mano Felipe. Foi indo naturalmente assim cara, e fico feliz de ter somado de alguma forma pra que a cultura hip hop em Alfenas tenha dado um gás maior assim, porque é importante e nesse momento que a gente vive né que esta em alta, importante trazer a essência do hip hop né, mas eu contribui pouco eu acho na verdade (PINHO, 2018).

Chavez cantor de rap, participou de diversos eventos em Alfenas-MG, e nos conta um pouco quais foram

fui no Coliseu Cultural, no FAISCA também, rolou forte, bem lembrado, rolou muita coisa de hip hop, o SEDA que os caras organizavam também, o coletivo SUAVIS, vale ressaltar o coletivo SUAVIS é realmente importante para a cultura de Alfenas, que eu vivi, a época que morei ai sem sombra de duvidas (PINHO, 2018).

Questionado sobre as dificuldades que a cidade de Alfenas enfrenta para se desenvolver o hip hop, ele nos mostra a sua visão,

eu não sei se tem muita não, acho que falta mais é incentivo do poder público, prefeitura e tudo mais, eles dão uma força, mas poderia dar uma força maior, um equipamento de som melhor. Talvez seja uma cidade pequena e como é do interior de MG [...] o hip hop e o rap não tem tanto reconhecimento, tanto hype, a galera curti mais um funk, um sertanejo, mas as coisas vão melhorando. Mas uma dificuldade seja isso, um incentivo maior. Mas também não pode ficar dependendo dos outros não, fazer, botar a cara, que o hip hop nunca foi de pedir favor, acho que tem engajamento das pessoas, mas acho que pode ter mais. Mas acho que tá num caminho bom cara, num caminho muito produtivo. Eu acho que tem muito mais facilidade que dificuldade (PINHO, 2018).

Em Alfenas, nota-se que a organização do movimento hip hop se volta muito para o público jovem, e em relação às conquistas que esse movimento vem alcançando Pinho (2018) aborda sobre esse processo,

trazer as novas gerações pra esse caminho que é a cultura hip hop que faz você refletir sobre as condições sociais, interpretar o mundo de uma maneira mais real mesmo, coloca você no lugar de espectador e uma pessoa que também [...] é um sujeito e um objeto disso tudo [...] é uma maneira de você também ter voz né, perante as coisas que o sistema mesmo todo esse modo de produção capitalista que a gente vive e impõe coisas pra gente e a gente as vezes se sente oprimido por isso e acho que é uma ótima ferramenta que as conquistas do hip hop em Alfenas pode trazer é isso a ferramenta de conscientização e de conhecimento [...], fazer com que o jovem busque se informar, busque ler, ouvir outros tipos de músicas que não só o rap tirar as vezes as pessoas de um caminho que não é o melhor que eu acredito que seja o do crime, ficar matando aula né, usando drogas, sem noção isso aí é perigoso, acho que melhora a cidade ocupar aquele entorno da praça do coliseu que rola domingo é muito massa...

O universo do hip hop geralmente tem uma relação muito grande com a cultura local onde se desenvolve, pois ele absorve tanto os problemas cotidianos locais, quanto também tudo de bom que se desenvolve naquele espaço transformando tudo isso em arte, seja nas letras das músicas dos artistas locais, ou nas paredes de grafites espalhados pela cidade, até na vestimenta e modo de agir que se mesclam. Segundo Pinho (2018)

tem muito da música caipira, inclusive tem o Índio Cachoeira, que é residente de Alfenas né, e a música caipira eu acho que de viola tem muitas similaridades com o rap, no sentido de trabalho com métrica, rima, metáfora, e a contação de uma história por parte disso, cria as vezes um filme na cabeça [...] do caboclo cara, você fica imaginando e acho que isso é uma intersecção bacana que há entre essas duas culturas. Muito da postura, da humildade, de cumprimentar as pessoas, olho no olho, ser sincero e trabalhar em prol de uma coisa melhor, tem a ver com a cultura sul mineira, cafeeira, do homem do interior que trabalha na terra, e o rap é o trabalho com palavras na terra de certa forma né, no contexto urbano. Mas pode ser também como

[...] vem acontecendo em Alfenas, um contexto mais rural, Zona Rural né moleque.

Chavez já ganhou diversas batalhas de rimas, tanto em sua cidade atual Ribeirão Preto com a famosa batalha de rima chamada Batalha da XV, que reúne diversos rimadores, como batalhas em outras cidades e também em Alfenas. É alguém que conhece bastante esse meio e nos esclarece um pouco como foi ser rimador em Alfenas. Em relação às batalhas de rimas

eu não conhecia outras antes do Coliseu Cultural acontecer [...], aconteceu no FAISCA uma vez achei massa, mas os gladiadores do improviso foi uma das primeiras oportunidades que eu tive de rimar em Alfenas, [...] foi muito massa não tem nem o que falar. Coliseu Cultural puxou esse bonde aí depois tem a sexta da rima que fui a uma ou duas, mas é muito massa ter isso acontecendo (PINHO, 2018).

Gladiadores do improviso, foi o nome dado a batalha de rimas que ocorre dentro do evento Coliseu Cultural, que incentivou a Sexta da Rima, batalha que acontece com certa frequência, geralmente 3 sextas no mês na praça central da cidade, no período da noite. Além de batalhar Chavez também já apresentou batalhas de rimas em Alfenas

fico feliz, eu acho que porque eu ajudei de certa forma. Uma vez eu fui mestre de cerimônias de uma das batalhas e pude ajudar a construir um pouco disso com o conhecimento que eu já tinha de Ribeirão de um tempo já batalhando aqui e [...] querendo ou não Ribeirão é maior. E foi também no sentido de, eu acho que se eu pude de alguma forma incentivar as pessoas a rimar e tal por quem me viu rimar quis rimar assim [...] acho isso muito massa só tenho a agradecer na verdade esse reconhecimento aí que nem sabia que seria assim na verdade o sentimento é a gratidão mesmo por mais clichê que essa palavra esteja nos dias de hoje fico muito contente cara e acredito que eu na verdade coloquei só um pequeno tijolo nessa grande parede aí que tá uma parede cheia de janelas né porque parede parece algo que separa, mas o hip hop une é isso (PINHO, 2018).

Segundo Haesbaert (2009, p. 125) “nem só da ‘ordem’ de redes-territoriais se organiza o espaço contemporâneo”. Em Alfenas-mg, não é diferente, podemos encontrar os dois extremos que o autor apresenta,

os “aglomerados de exclusão” – grupos de indivíduos totalmente desenraizados ou desterritorializados, cujo único objetivo, praticamente, é a sobrevivência física cotidiana – e, no outro extremo, os “territorialismos”, espaços cujos grupos se fecham ao diálogo com o Outro e se prendem as identidades, muitas vezes reacionárias e conservadoras, como única forma de se sentirem reintegrados socialmente (HAESBAERT, 2009, p. 125).

O movimento territorial do hip hop, proporciona a esses aglomerados de exclusão por meio da arte o conhecimento, lazer, alguns integrantes do movimento ganham bolsas (em

dinheiro), para atuar em áreas periféricas, e com os eventos nas áreas centrais, lutando contra “territorialismos”, chamando os sujeitos que moram nas áreas periféricas para o centro da cidade.

Os espaços apropriados pelo movimento territorial do hip hop em Alfenas são diversos, ocorrendo tanto em áreas centrais, como também periféricas, pois através da apropriação desses espaços que na cidade não ocorre só pelo movimento territorial do hip hop, como também pelo setor público que dependendo de quem está no poder, podendo ser caracterizado como a dominação do espaço e vai além desses dois agentes, nas áreas periféricas ocorre à apropriação pelo circuito ilegal, entre outros. Mas o movimento do hip hop consegue se apropriar em diversas áreas, pois dialoga muito bem com as áreas periféricas por ter surgido desses locais e pela sua relação com a prefeitura se institucionalizando para que possa ocorrer também nas áreas centrais. Segundo Spuri (2018) os territórios que foram apropriados pelo movimento territorial do hip hop são

a Praça Emilio da Silveira, vira uma referência, Coliseu Cultural é sempre feito lá, queríamos um lugar central, acho lá um local bonito, não tinha nada, fizemos lá, vingo. Nas comunidades a gente tá, tem esses dados da prefeitura e tudo mais, nas comunidades conversa com a população, também onde eles gostam do movimento. A gente leva pros lugares onde a gente consegue um espaço e algumas outras praças que a gente vê que está abandonada e tem um potencial, a gente escolhe pra fazer lá também pra da meio que um outro olhar, na Praça da Saudade fizemos uma eliminatória do sul mineiro de batalha de rimas e deu outro olhar pra praça, o pessoal via ali mais como uma praça abandonada chega um ponto que até percebe, você acha que não existe nada ali, ai você vai fazendo uns eventos escolhendo esses lugares, então esse é um critério também, escolher um lugar que a gente não só acha que é bonito, mas que está meio esquecido.

Já para Lima (2018),

eu gosto de fazer o movimento nas periferias, porque eu tenho um pensamento e eu sempre falo essa frase, que a gente tem que ocupar primeiro o canto para depois ocupar o centro, então se a gente consegue ocupar o canto [...] na hora que chegar no centro já vai estar totalmente [ocupado], hoje em dia a dificuldade que o hip hop tem de agir na periferia é sobre a questão do funk, o funk atrapalha o hip hop, na periferia hoje o acesso é maior, então vamos ocupar mais os lados, pra depois ocupar o centro é essa minha forma de pensar, as periferias primeiro se informar a gente agir pra depois chegar no centro e nós a periferia lotar o centro.

Nessa visão de Lima, constatamos que a cidade não oferece apoio para que a população periférica assuma locais centrais na cidade, com isso o movimento territorial do hip

hop, tenta trazer essa população para se apropriar dos lugares mais privilegiados que são os centrais, que possuem as praças mais cuidadas e uma maior circulação de pessoas.

Para os eventos ocorrerem em determinados territórios, principalmente os centrais é necessário o aval da prefeitura. Sendo que o contrário, ou seja, os eventos que ocorrem nas periferias além de ser por iniciativas do movimento do hip hop, também acontecem por pedido da prefeitura, que por vezes não consegue entrar nesses locais, tornando-os de difícil acesso a poderes públicos, mas que são locais de muita relação com o hip hop. Spuri (2018) explica como foi o contato com a prefeitura para institucionalização política do movimento

o primeiro contato foi com a gestão de 2012, apresentei projeto, levei lá eles falaram que apoiariam, apoiou com uma estrutura bem básica alegando no momento que só o que poderia, e ai se deu a primeira institucionalizada ali, não levo tanto como institucionalizado né, porque institucionalizado ao pé da palavra é quando viro uma instituição mesmo, vira uma ONG e a gente está nessa luta ainda. Mas com a prefeitura, quando foi o acordo, primeiro dialogo [...] foi esse a 4 anos atrás, apesar daqueles eventos do hip hop pela paz a 10 anos que já conversava com a prefeitura também, já tinha um apoio, mas depois foi esse, e a gestão que começou em 2017, eles que foram procurar o movimento, vendo a importância que tinha queria estar contribuindo de alguma forma. Assim, ai só foi questão de sentar e ver quais eram as ajudas que poderiam ser feitas por parte deles e foi isso.

Para Lima (2018) o contato com a prefeitura foi diferente, sendo o principal problema a troca de gestão, ele alega que os projetos não têm andamento quando muda quem está no poder, relata que os maiores apoios que teve foi dos Prefeitos Pompilio e Luizinho, ambos do PT,

na gestão do Pompilio com o nosso movimento ali, nós moleque correndo atrás, acredito. Ai o PT saiu, veio outra gestão que não acredito no hip hop e não ajudou, não se informou sobre o que o hip hop faz na periferia. Agora novamente com o PT com o Luizinho, [...] acredito de novo no hip hop e abre todos os leques, todas as portas, você não precisa chegar mais chutando a porta pra pedir uma ajuda, você pode chegar na troca de ideia mesmo, ele te atende, não só ele, mas sim geral e pode trabalhar partes do hip hop dentro da prefeitura. Já foi diferente nessa gestão que antes não tinha, antes era uma ajuda ou outra, agora já está diferente, com esse pensamento o hip hop cresceu, evoluiu e essa é a forma da relação, nós do hip hop e quem faz o hip hop com a prefeitura, hoje o acesso tá fácil, mas e no próximo governo como vai ser, então a gente tem que trabalhar nesse governo, pra fica aí, pra sempre, não só 4 anos.

O movimento do hip hop enquanto cultura também tem uma institucionalização, pois em cada território em que ele se desenvolve traz em si a influência local, não deixando de tratar dos problemas sociais que ocorrem e das injustiças impostas à população que mais

necessita de recursos, mas também incorporando suas identidades culturais locais também, tornando-o muito rico culturalmente, quando em sua essência essas características locais como as festas regionais, as gírias locais, as características territoriais são incorporadas pelos artistas do movimento, podemos falar que o hip hop foi institucionalizado no local. Spuri (2018) esclarece que em relação à institucionalização cultural do hip hop

ainda falta bastante institucionalização da galera do hip hop de Alfenas, mas já está acontecendo,[...] já é observado [...] com os diálogos com o Djaum, com o Vinicius, com o Bill, tem nas letras, nas vestimentas, [...] tão um pouco trazendo essa linguagem regional, ainda tem muito de fora [...], tem um ou dois b boys que faz parte da folia de reis [...] e eu enquanto produtor também gosto bastante, relaciono bastante, fotos, vídeos sobre folia de reis tenho projeto de mescla essas duas artes hip hop, [...] mas ainda não mesclei e por enquanto não tem tantas ligações, mas é algo que vem a explorar muito...

Um importante símbolo criado por artistas do movimento do hip hop da região, que não são residentes de Alfenas, mas que atuam na cidade em eventos e oficinas é a sigla ZR que significa Zona Rural, relacionado ao rap do interior, identificação feita como a separação das regiões de metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro que utilizam siglas também ZN para Zona Norte, ZL para Zona Leste, etc. Essa forma de institucionalização do rap é apresentada por Spuri (2018),

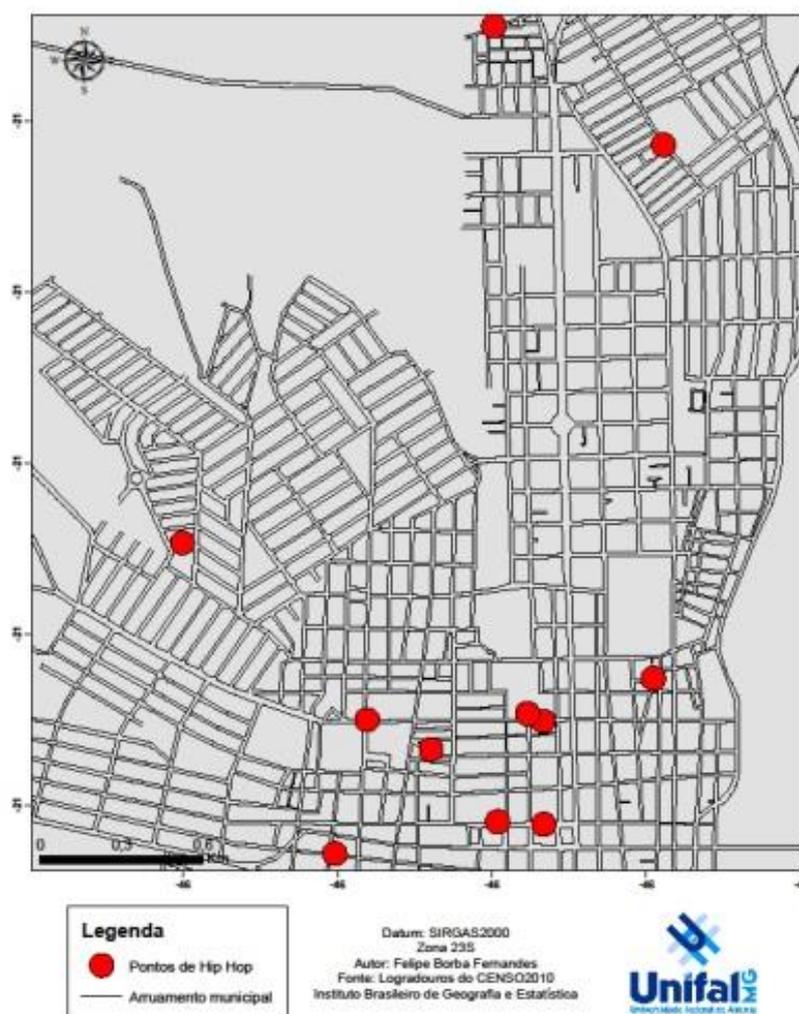
tem uma cena que surgiu com o projeto Consonância de usar a ZR, já tem nas capitais a questão de separar por regiões a galera da ZL – Zona Leste, ZN – Zona-Norte e associado a isso fazendo um rap uma cultura da capital nascida lá. Feita no interior pra da o toque do interior essa linguística é muito importante característico da parada ai a questão da Zona Rural foi algo que foi criado com a galera do Projeto Consonância - Diego Dais de Santa Rita do Sapucaí e Dgo de Paraisópolis - e depois disso uma galera foi adotando a questão da Zona Rural, fazer um som, ai surgiu um grupo de break que é o ZR breaks de Paraisópolis também trazendo essa identidade, eles usam chapéu deixando essa identidade mesmo provendo isso.

Além dessas características locais, podemos ver também nos nomes das produtoras, dos grupos de diversos elementos do hip hop as características linguísticas regionais do sul de minas como o nome da Produtora Straditerra que é do Rômulo Spuri, falar de forma rápida tornando as palavras que são separadas parecer juntas além de cortar algumas letras das palavras por essa forma de falar, usando a terra como estrada, traços bem característicos de regiões do interior ou rurais também Spuri (2018) explica um pouco sobre como esse processo se desenvolveu

como na região sul da Itália [...] o pessoal de lá, o vocabulário deles é o da região mesmo, então eles escrevem do jeito que fala e isso trazendo a linguística própria dali, de mostrar que é referência que eles não iam ficar adentrando em muita cultura do exterior [...], quando ia escrever, escreveria do jeito que se fala, então o modo da produtora Straditerra remete bem a isso também a um modo que a gente fala, [...] quando a gente vai falar de uma estrada de terra que o primeiro ponto [...] é de referência também de interior, não tanto asfalto, como paisagem do interior da região, além disso colocar o nome do jeito que se fala, Stradaditerra é também outro ponto que o movimento daqui dialoga a partir da linguística local regional.

Os espaços apropriados pelo movimento territorial do hip hop podem ser vistos no mapa a seguir, podendo ser notado que a espacialização do movimento não é só central, mas também abrange os bairros periféricos com ações educacionais com oficinas de hip hop e poesia, além de oferecer bolsas de ajuda de custo para os integrantes do movimento para ensinarem os jovens desses bairros a rimarem, dançarem break e até com estudos de como produzir músicas por meio da função do DJ.

### Mapa de pontos apropriados pelo movimento territorial hip hop



**Figura 13** – Mapa de pontos de localização dos espaços apropriados pelo movimento territorial do hip hop em Alfenas-MG

Local	Endereço	Coordenadas	Ação
Praça do Coliseu	Praça Dr Emilio da Silveira, Parque das Nações, Alfenas-MG	21°25'29.6"S 45°56'53.3"W	Evento Coliseu Cultural
Poliesportivo	Rua João de Souza Sobrinho, 258 - Vila Borges, Alfenas-MG	21°25'13.3"S 45°57'12.9"W	Evento Hip Hop pela Paz 1,2
Escola Municipal Doutor João Januario Magalhães (CAIC)	Alameda dos Ipês - Vila Esperanca, Alfenas-MG	21°24'04.5"S 45°56'36.8"W	Evento Hip Hop pela Paz 3
Casa Aquarela	Praça Augusto Valadão, 71 - Parque das Nacoes, Alfenas-MG	21°25'09.9"S 45°56'40.2"W	Oficinas de Hip Hop
Escola Estadual Samuel Engel	Rua São Sebastião do Paraíso, 45 - Jardim Sao Paulo, Alfenas-MG	21°24'53.1"S 45°57'36.2"W	Intervenção Coliseu Cultural em Escolas
Escola Estadual Professor Viana	Rua Padre Cornélio Hans, 1726 - Aparecida, Alfenas-MG	21°25'31.4"S 45°57'17.4"W	Intervenção Coliseu Cultural em Escolas
Escola Estadual Napoleão Sales	Rua Joaquim Francisco Oliveira, 152 - Vista Grande, Alfenas-MG	21°23'57.5"S 45°56'57.3"W	Intervenção Coliseu Cultural em Escolas
Escola Estadual Judith Viana	Rua Gabriel Monteiro da Silva, 711 - Centro, Alfenas-MG	21°25'15.0"S 45°56'53.3"W	Intervenção Coliseu Cultural em Escolas
UNIFAL	Rua Gabriel Monteiro da Silva, 700 - Centro, Alfenas-MG	21°25'13.3"S 45°56'55.2"W	Apresentação Coliseu Cultural
Praça Rachide B Saliba	Praça Rachide B Saliba, Parque das Nacoes, Alfenas-MG	21°25'19.3"S 45°57'06.0"W	Festival Cultura das Ruas
Praça Amalia Angel	Praça Amalia Angel, Santa Ines, Alfenas-MG	21°25'41.4"S 45°56'37.1"W	Intervenção Cultural
Praça da Saudade	Praça da Saudade - Parque das Nacoes, Alfenas-MG	21°25'19.7"S 45°57'13.2"W	Eliminatória Sul Mineira de rima
Praça Fausto Monteiro Alfenas	Praça Fausto Monteiro, Parque das Nações, Alfenas-MG	21°25'28.9"S 45°57'00.6"W	1ª Semana do Coliseu
Teatro Municipal de Alfenas	Rua Cel. Pedro Corrêa, 350 - Parque das Nacoes, Alfenas-MG	21°25'28.5"S 45°56'58.4"W	1ª Semana do Coliseu
Residencial Jardim das Alterosas	Rua do Pinheirinho - Recreio Vale do Sol, Alfenas - MG	21°25'25.7"S 45°59'03.3"W	Coliseu Social oficinas de hip hop
Residencial Alfenas	Rua Raimundo Corrêa, 1444, Jardim São Carlos	21°24'22.1"S 45°56'55.9"W	Comunidade Hip Hop
Praça do Pinheirinho	Av. Jovino Fernandes de Sales, Recreio Vale do Sol, Alfenas-MG	21°25'22.8"S 45°58'35.2"W	Oficinas de Hip Hop
CVT	R. Barão de Mauá, 129 - Vila Santa Luzia, Alfenas-MG	21°24'52.7"S 45°56'31.0"W	Oficinas de Hip Hop
Pesqueiro do Eder Pica Pau	Rua Ismael Mariano Leite, 187 - Sta Ines, Alfenas-MG	21°26'06.8"S 45°57'17.6"W	Baile Hip Hop
Complexo Esportivo da Chapada			Oficinas de Hip Hop

**Tabela 1** – Tabela de endereços e coordenadas dos espaços apropriados pelo movimento territorial do hip hop.

## 5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente é notável o desenvolvimento do movimento hip hop em Alfenas, aproximadamente a cada dois meses pelo menos tem um evento ou alguma manifestação que seja relacionada a cultura hip hop, desperta nos jovens uma reflexão crítica sobre a sua própria realidade abrindo novas possibilidades, um despertar através da arte, com uma proposta política mais libertária, proporcionando uma inserção dentro do contexto da política formal.

Por meio da função cultural podemos identificar que uma forte influência na vida das pessoas, proporcionando uma melhor qualidade de vida por meio de eventos, oficinas e apresentações que servem como forma de escape para a realidade de uma população que carece de instrumentos que incentivem a arte. Através da dança, a música e o grafite muitos jovens passam a ter um contato maior com a arte e pelo movimento territorial do hip hop é possível ter aulas e expressar suas criações pelos eventos, para aquela arte que é criada não fique só no plano individual, mas que seja possível ser expressa, para que essa população seja ouvida, sendo essa cultura contra hegemônica é possível ver traços políticos, sociais em todas suas manifestações. As batalhas de rimas servem como ótimo instrumento de análise do cotidiano desses jovens que se expressam de forma livre (freestyle) criando rimas atrás de rimas, dependendo da competição sendo sugerido temas pelos que assistem, outras com temas livres que mostram muito a realidade em que estão inseridos e também de seu conhecimento.

Uma importante análise se dá a cerca do meio técnico científico informacional teoria de Milton Santos, que exerce grande influência no desenvolvimento do movimento territorial hip hop, que por meio de novas tecnologias e com uma comunicação mais eficiente, possível pelas redes sociais, houve uma maior aproximação de organizações que também são da mesma vertente cultural podendo por meio de troca de informações e também por troca de materiais colaborou com a fortalecimento da cultura na cidade de Alfenas-MG, sendo essa influência chegando até Vale do Paraíba e São Paulo, onde alguns artistas além de participar dos eventos como rappers, também proporcionaram rodas de conversas e discussões sobre como se desenvolveu os movimentos culturais nas cidades em que eles vivem. Mas a maior colaboração são de artistas da região do sul de Minas Gerais por questões de proximidade e

redução de custos para os eventos, que geralmente são feitos por voluntários de forma coletiva.

O hip hop tem se tornado um instrumento de contestação da realidade, servindo para os jovens como via de participação nas decisões as quais foram sempre excluídos, demonstrando por meio de suas rimas ou desenhos seus desejos para uma melhor qualidade de vida da população das áreas onde vivem.

Os resultados obtidos através do movimento territorial do hip hop são espaços apropriados que se tornaram territórios do hip hop, mas em meio a esses pontos mapeados na cidade nem todos são territórios propriamente ditos do hip hop, muitos são locais onde se concentram uma quantidade grande de jovens onde se exerce uma intervenção para mostrar a cultura, explicar um pouco da história e mostrar os 4 elementos que servem como abertura para o contato com essa geração. Através desses instrumentos é possível não só estabelecer uma reflexão sobre o meio que vive, mas de uma forma lúdica por meio da arte, gerando com lazer, conhecimento.

Em relação a resultados materiais, podemos verificar diversas músicas lançadas por artistas da região que por meio do desenvolvimento do evento que impulsionou a cultura na cidade o Coliseu Cultural, foi uma abertura para a criação de diversas frentes de atuação do hip hop como estamparia de camisetas relacionadas, produtoras musicais independentes, produtoras de vídeo clipes, que por meio da tecnologia e a era do meio técnico científico informacional foi possível a criação de tanta arte, sem esquecer os painéis ao ar livre que podem ser encontrados pelos muros das cidades por artistas de diversas regiões e até mesmo alguns feitos através de oficinas com jovens da própria comunidade local. O reconhecimento local da cultura já pode ser notado em diversas falas de artistas que passaram pra cidade e viveram um pouco do que é o hip hop de Alfenas-MG. O lado econômico não pode ser deixado de lado com o crescimento do movimento territorial do hip hop, em 2018 ocorreu um apoio da prefeitura, onde foi oferecido bolsas por meio de um projeto que foi criado oficinas dos 4 elementos do hip hop, além de outros tipos de arte e cultura que são proporcionados na Casa Aquarela, ponto de cultura localizado no bairro Parque das Nações.

O resultado imaterial obtido principal está na expressão de uma população que pouco é ouvida, por meio da arte é possível ver a criação de uma reflexão da realidade do sujeito a

ponto de demonstrar não só os problemas sociais os quais está inserido, mas também conhecimento de que é necessário mudar e se organizar para isso. Além desse outros resultados estão relacionados a uma consciência política em constante debate principalmente para os agentes envolvidos com as batalhas de rimas como também de quem as assiste, o lazer também está inserido nesse contexto é possível estabelecer essa relação pela facilidade das crianças de interagirem com o break e o grafite.

Apesar de todas as características boas evidenciadas do atual movimento territorial do hip hop de Alfenas-MG, ainda existem diversas dificuldades quanto a organizadores que possam ajudar nas batalhas de rimas e competições de beat e break, para que a cultura na cidade que já tem grandes talentos que puderam participar de campeonatos fora do país só evolua e espalhe para mais jovens e que seus sonhos possam ser realizados dentro dessa cultura de luta e resistência.

## 6 - REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **Tempos Líquidos**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

CLAVAL, P. **A geografia Cultural**. Tradução: Luís Fugazzola Pimenta, Margareth de Castro Afeche Pimenta. – 4 ed. rev – Florianópolis: Ed. da USFC, 2014.

CONTADOR, A. C.; FERREIRA, E. L. **Ritmo & Poesia. Os caminhos do rap**. Lisboa, Portugal. 1997

CORRÊA R. L. Espaço: um conceito-chave da Geografia. In: CASTRO, I. E; GOMES, P. C. C.; CORRÊA R. L. **Geografia: conceitos e temas**. 8ª ed. – Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2006. cap 1, p. 15-47.

GOMES, R. L. **Território usado e movimento Hip-Hop: cada canto um rap, cada rap um canto**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

HAESBAERT, R. **Territórios alternativos**. 2. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2009.

HAESBAERT, R. **Des-territorialização e Identidade**. ed. local. ano.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11 ed. 1. reimpressão – Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

LEFEBVRE, H. **OBRA**. Ed. Local. Editora. Ano.

MEDEIROS, R. M. V. Território, espaço e identidade. In: SAQUET, M. A; SPOSITO, E. S. **Territórios e Territorialidades**. 2. ed. – Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2015. cap. 10, p. 215-225.

PIMENTEL, S. **O livro vermelho do Hip-Hop**. TCC em jornalismo. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo. Editora: Ática S.A, 1993.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed. 5. reimpressão. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SANTOS, M. **Espaço e Método**. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, M.; SOUZA, M. A.; SILVEIRA, M. L. **Território: globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec/ANPUR, 2002.

SANTOS, B. V. **Pela Mão de Alice - O Social e o Político na Pós-modernidade**. Ed. Local. Ano.

SOUZA, M. J. L. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E; GOMES, P. C. C.; CORRÊA R. L. **Geografia: conceitos e temas**. 8ª ed. – Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2006. cap 3. p. 77-116.

TUAN, Y. F. **Topofilia ou Espaço e Lugar**. Ed. Local: editora, ano.

XAVIER, D. P. **Repensando a periferia no período popular da história: o uso do território pelo movimento hip-hop**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, SP. 2005.

## INTERNET

Rock Rural  
<http://www.unifal-mg.edu.br/extensao/node/956>

FAISCA  
<http://www.unifal-mg.edu.br/extensao/faisca>

Lews Barbosa  
Genius - fonte: <https://genius.com/artists/Lews-barbosa>

Slam  
<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/12/20/O-que-s%C3%A3o-slams-e-como-eles-est%C3%A3o-popularizando-a-poesia>

FDL JAM  
<http://www.centroculturalrecoleta.org/agenda/competencia-nacional-de-breaking-fdl-jam>

## ENTREVISTADOS

- 1 Rômulo Spuri
- 2 Emerson Alves de Lima
- 3 Thiago da Silva Cardoso (Bill)
- 4 Renato Ferreira (Morelo)
- 5 João Marcos Sabóia (Zulufu)
- 6 Diego Augusto dos Santos (DGO)

7 Lucas Chaves Pinho (Chaves)

8 João Pedro Ribeiro de Oliveira (Djaum)